



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A ATIVIDADE DE CONFECÇÕES NO CARIRI PARAIBANO:  
PERCEPÇÕES DE MUDANÇAS**

**JOSEFA DENISE DE FARIAS**

**CAMPINA GRANDE- PB**

**2016**

**JOSEFA DENISE DE FARIAS**

**A ATIVIDADE DE CONFECÇÕES NO CARIRI PARAIBANO:  
PERCEPÇÕES DE MUDANÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande, sob orientação do **Prof. Dr. Mario Henrique Guedes Ladosky e Coorientação do Prof. Dr. Roberto Vêras de Oliveira**, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, com área de concentração em Sociologia.

Linha de pesquisa: **Desenvolvimento, Ruralidades e Políticas Públicas.**

**Campina Grande- PB**

**2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

F224a

Farias, Josefa Denise de.

A atividade de confecções no cariri paraibano: percepções de mudanças / Josefa Denise de Farias. – Campina Grande, 2017.

110 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky, Prof. Dr. Roberto Vêras de Oliveira".

Referências.

1. Sociologia do Trabalho. 2. Trabalho – Confecções – Cariri Paraibano. 3. Políticas Públicas. 4. Desenvolvimento – Mudança no Ambiente Rural. I. Ladosky, Mário Henrique Guedes. II. Oliveira, Roberto Vêras de. III. Título.

CDU 316.334.22(043)

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Josefa Denise de Farias

## A ATIVIDADE DE CONFECCÕES NO CARIRI PARAIBANO: PERCEPÇÕES DE MUDANÇAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande, sob orientação do **Prof. Dr. Mario Henrique Guedes Ladosky e Coorientação do Prof. Dr. Roberto Vêras de Oliveira**, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, com área de concentração em Sociologia.

Linha de pesquisa: **Desenvolvimento, Ruralidades e Políticas Públicas.**

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky (Orientador)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof. Dr. Roberto Vêras de Oliveira (Coorientador)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Profa. Dra. Roseli de Fátima Corteletti (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Profa. Dra. Ramonildes Alves Gomes  
PPGCS/UFCG (Examinadora Interna)

---

Profa. Dra. Eliana Monteiro Moreira (Examinadora externa)  
PPGS-UFPB

Campina Grande, 26 de agosto de 2016

*Dedico a minha mãe Aparecida, a meus irmãos André, Adriana e Davi e ao meu noivo Vandson pela ajuda e incentivo de sempre. Ao meu pai Durval (in memoriam), pelo exemplo de pai e vida.*

## AGRADECIMENTOS

*Quase todos temos motivos para a gratidão, quando pessoas em nossas vidas têm tempo para partilhar e nos fazer saber por bons atos que nós estamos em seus pensamentos e que elas se importam. As coisas que você faz, com tanta compreensão e bondade, me enchem de gratidão. (Autor desconhecido).*

Agradecer é a melhor tarefa neste trabalho um tanto árduo, entretanto, corre-se o risco de esquecer alguém, diante de tantos que foram essenciais durante todo esse trajeto, portanto, se o fizer peço desculpas e tenham a certeza de que minha gratidão é eterna por cada um.

A Deus em primeiro lugar sempre, pois ele é minha luz e fortaleza todos os dias da minha vida.

A toda minha família pelo incentivo, ajuda e paciência de sempre, sem o qual a caminhada seria muito mais árdua.

A minha querida amiga Eline Brito, pelo grande incentivo dado no início, sem o qual, não estaria concluindo mais esta etapa.

Às queridas colegas de apartamento e sala de aula Jéssica e Mary, pelo companheirismo e amizade, bem como a Emília, Taiane, Alda, Ana Carla, Vanessa, Vivian e Halynne, pelos bons momentos vivenciados.

A Kátia Carina pelo companheirismo desde a graduação e a Messias Ramos pela ajuda na pesquisa de campo e coleguismo de sempre.

Ao Grupo de Pesquisa Trabalho, Desenvolvimento e Políticas Públicas (TDEPP), pela oportunidade de conhecer boa parte dos trabalhos desenvolvidos no Polo de Confeções, cujo compartilhamento das reflexões foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao querido orientador Mário Ladosky, pela dedicação e disponibilidade que se propôs a oferecer, mesmo diante de curto período de orientação; e ao coorientador Roberto Vêras, que me acompanhou desde o princípio, os quais foram essenciais no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande pelo investimento acadêmico e a todos os colegas de Mestrado, especialmente a Thelma pela vivência e aprendizado.

À Secretaria de Educação de Coxixola pelo apoio e a todos os costureiros e costureiras daquele município, pela recepção e por compartilhar suas vivências e experiências.

Por fim, a todos que contribuíram para minha formação desde a educação básica, que sempre lembram e torcem por minha evolução, o meu muito obrigado.

## **RESUMO**

O presente estudo buscou analisar as atividades de confecções no cariri paraibano, sobretudo as percepções de mudanças dos sujeitos acerca das novas formas de trabalho que têm ocorrido com a inserção de unidades de confecções neste território. O foco desse trabalho foi identificar e analisar como os sujeitos veem algumas mudanças ocorridas em tal espaço após a introdução da costura oriunda do Polo de Confecções de Santa Cruz do Capibaribe. Procuramos então perceber a partir de um recorte feito no pequeno município de Coxixola situado no Cariri Ocidental, por meio de entrevistas com costureiros e costureiras, bem como com alguns fabricantes e o gestor do município, o que essas unidades de produção provocaram de mudança na vida deles e de suas famílias, uma vez que trata-se de famílias que viviam da agricultura de subsistência e hoje buscam aliar o escasso retorno de renda originado da agricultura ao trabalho da costura, que tem sido o sustento de dezenas de famílias nesta região, tornando-se cada vez mais relevante para a economia local. Ao longo da pesquisa trabalhamos três pontos acerca da visão dos trabalhadores da região: 1) sobre as novas formas de trabalho no ambiente rural, mostrando assim a coexistência entre a agricultura de subsistência e a costura no ambiente pesquisado constatando que mesmo essas famílias tendo a necessidade de introduzir uma outra atividade em seu meio, procuram aliá-la à agricultura para não perderem suas raízes; 2) o desenvolvimento das unidades de confecção neste espaço, fazendo um pequeno apanhado de como a costura foi introduzida e se desenvolveu na região; e 3) como os trabalhadores percebem as principais mudanças na região a partir da inserção da costura.

### **PALAVRAS- CHAVE:**

Percepção das novas formas de Trabalho; Mudanças no Ambiente Rural; Unidades de confecção; Cariri Paraibano.

## **ABSTRACT**

The present study sought to analyze the garment activities in the Paraíba cariri, especially the perceptions of changing that the subjects have about the new forms of work that have occurred with the insertion of confection units in this territory. The focus of this work was to identify and analyze how the subjects see some changes occurred in such space after the introduction of sewing in the Santa Cruz do Capibaribe. We then try to perceive from a cut made in the small municipality of Coxixola located in Western Cariri, through interviews with seamstresses, as well as with some manufacturers and the manager of the municipality, what these production units caused to change their lives and of their families, since these are families living from subsistence agriculture and today they seek to combine the scarce return of income from agriculture to the work of sewing, which has been the livelihood of dozens of families in this region, has become increasingly relevant to the local economy. Throughout the research we worked on three points about the vision of workers in the region: 1) about the new forms of work in the rural environment, thus showing the coexistence between subsistence agriculture and sewing in the researched environment, noting that even these families having the need to introduce another activity in their midst, seek to combine it with agriculture so as not to lose its roots; 2) the development of the confection units in this space, giving a brief look at how the seam was introduced and developed in the region; and 3) how workers perceive the major changes in the region from the insertion of the seam.

### **KEY WORDS:**

Perceptions of new forms of work; Rural environment changings; Sewing production units; Cariri Paraibano.

## LISTA DE FIGURAS

**FIGURA 1:** Mapa da Região Nordeste.

**FIGURA 2:** Mapa da Aglomeração Produtiva do Agreste Pernambucano.

**FIGURA 3:** Parque das feiras Toritama.

**FIGURA 4:** Feira da Sulanca da década de 1960.

**FIGURA 5:** Feira de Santa Cruz em 1947, quando a cidade ainda era uma vila.

**FIGURA 6:** Imagem do Moda Center, centro comercial de Santa Cruz do Capibaribe-

**PE. FIGURA 7:** Polo Comercial de Caruaru

**FIGURA 8:** Imagem do Moda Center, centro comercial de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

**FIGURA 9:** Mapa do Cariri do Estado da Paraíba.

**FIGURA 10:** Exemplares das raças Saanen e Parda Alpina, criadas no Cariri Paraibano na época seca.

**FIGURA 11:** Cidade de Coxixola.

**FIGURA 12:** Mapa apresentando a localização do Município de Coxixola no mapa da Paraíba.

**FIGURA 13:** Portal de chegada da Cidade de Coxixola- PB.

**FIGURA 14:** Imagem de agricultores da comunidade de Campo do Velho tirada na década de 1960.

**FIGURA 15:** Seu Tuninho e Dona Maria com seus 9 filhos, faltado na foto apenas o mais novo.

**FIGURA 16:** Família Ramos, geração de bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos envolvidos na costura.

**FIGURA 17:** Imagem da inauguração da Energia Elétrica no Campo do Velho, na foto aparece à esquerda o então prefeito de Serra Branca na época, Dr. Agostinho, já que Coxixola ainda era distrito da mesma e à direita Givaldo Limeira, líder comunitário na época e atual prefeito de Coxixola.

**FIGURA 18:** Imagem da inauguração da energia elétrica de Campo do Velho, na foto aparecem membros da comunidade que prestigiaram a ocasião.

**FIGURA 19:** Mapa com demonstração de longitude entre Coxixola e Santa Cruz do Capibaribe.

**FIGURA 20:** Esposa de seu José de Valentim, tirando ponta de linha das peças no sofá da sala.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**GRÁFICO 1:** Tipos de peças fabricadas nos fabricos e facções do município de Coxixola.

**GRÁFICO 2:** Renda dos habitantes de Coxixola em 2011, segundo o IBGE.

**GRÁFICO 3:** População de Coxixola- PB, segundo local de moradia.

**GRÁFICO 4:** População de costureiros (as) de Coxixola, segundo local de moradia.

**GRÁFICO 5:** População Rural de Coxixola, segundo o sexo.

**GRÁFICO 6:** População de costureiros de Coxixola, segundo o sexo.

**GRÁFICO 7:** Faixa etária dos costureiros da Comunidade de Campo do Velho.

**GRÁFICO 8:** Percentual de unidades produtivas de Coxixola.

**GRÁFICO 9:** Renda mensal dos trabalhadores da costura em Coxixola.

**GRÁFICO 10:** Escolaridade dos trabalhadores da costura em Coxixola.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
Trilhas e recursos metodológicos da pesquisa.....	16
Inserção em campo .....	18
Perfil dos costureiros coxixolences .....	22
<b>1. ONDE TUDO COMEÇOU: O POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO/ SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE.....</b>	<b>29</b>
1.1 A cidade de Santa Cruz do Capibaribe e o Moda Center.....	35
1.2 O processo de trabalho de confecção.....	38
<b>2. O CARIRI PARAIBANO .....</b>	<b>40</b>
2.1 Cidade de Coxixola .....	43
2.2 As transformações do mundo rural e a coexistência com a confecção .....	47
<b>3. A RELAÇÃO ENTRE O POLO DE CONFECÇÃO DE PERNAMBUCO E COXIXOLA: UM NOVO DESENVOLVIMENTO NO CARIRI?.....</b>	<b>56</b>
3.1 A costura na área urbana .....	56
3.2 A costura na área rural .....	59
3.3 O funcionamento da dinâmica entre o Polo de Confecções e a Região do Cariri Paraibano .....	67
3.4 Por que fabricar em Coxixola? .....	69
3.5 “Como a costura entrou na minha vida e o que tem provocado de mudança” – percepções sobre exploração e alternativas de trabalho em Coxixola .....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>102</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado teve por finalidade, expor os resultados da Pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande –PB (PPGCS- UFCG). Pesquisa essa que se propôs a analisar as atividades de Confeção no Cariri paraibano, sobretudo a percepção de mudança dos trabalhadores acerca de novas formas de trabalho que tem ocorrido com o desenvolvimento das unidades de confecção neste território. O foco foi identificar as mudanças ocorridas no território a partir da expansão da costura oriunda do Polo de Confeções do Agreste pernambucano, mais especificamente do município de Santa Cruz do Capibaribe para esta região. A partir de entrevistas e pesquisa etnográfica com costureiros e costureiras, bem como com alguns fabricantes e o gestor do município de Coxixola, percebeu-se o que essas unidades de produção provocaram de mudança na vida deles e de suas famílias e como estas novas formas de trabalho estão sendo vistas pelos mesmos. Este propõe-se mostrar também como e quando essas unidades de confecção chegaram ao município.

Nascida no município de Congo localizado no Cariri Ocidental da Paraíba, sempre residi próximo dali, em uma comunidade rural do município de Coxixola, cidade com aproximadamente 2 mil habitantes, localizado a 264 quilômetros da capital João Pessoa, a qual foi escolhida como recorte de pesquisa deste trabalho.

As motivações ou justificativas para a realização de tal pesquisa deram-se por estar inserida na realidade do ambiente pesquisado. Por residir na comunidade de Campo do Velho, situada no pequeno Município de Coxixola, cidade com apenas 1.771 habitantes, e por esse espaço ser palco de um significativo número de famílias que sobrevivem atualmente da costura oriunda do Polo de confecções do Agreste Pernambucano.

Quando se interroga, ou revisa históricos, a grande maioria da população coxixolence, principalmente das comunidades rurais, sobreviviam da agricultura de subsistência décadas atrás. Quando pergunto a meus pais, avós, vizinhos, tios, pessoas mais velhas que residem nessas comunidades, qual o trabalho que lhes garantia o sustento; eles respondem que viviam de tal ocupação, e seus pais ou avós sobreviviam deste meio.

Entretanto, o que se observa ao longo dos anos é que a cada dia esta atividade agrícola está sendo mais escassa ou pelo menos já não é o suficiente para sobreviverem, e paralelamente a essa realidade cresce a inserção de uma nova alternativa de renda na nossa região: a expansão da costura do Polo. Essa não é uma particularidade nossa. Ao andar nos municípios vizinhos também é notável o número significativo de famílias que passaram a “viver” da costura nos últimos anos, o que me levou a querer pesquisar melhor estas novas formas de trabalho na região, se provocou impactos; quais foram esses impactos; quais as vias que facilitaram essa inserção; como essas famílias que têm tradição na agricultura de subsistência estão conciliando essa novidade com suas antigas atividades. Ao fim e ao cabo, tem-se uma percepção destes trabalhadores das comunidades rurais sobre tais mudanças em suas vidas.

Coxixola, palavra que se origina de Cochicholo (Casa Pequena em Tupi-Guarani), como muitos pequenos municípios espalhados pelo Brasil, tem a maioria de sua população residente em comunidades rurais. Apesar de ter uma pequena população, o município possui 23 comunidades rurais, que tem sua tradição na agricultura de subsistência como já referido. A maioria da população décadas atrás vivia exclusivamente ou quase exclusivamente da agricultura de subsistência, como já destacado, assim como da criação de caprinos e bovinos, também para a subsistência, o que não é uma peculiaridade de Coxixola, mas da maioria dos municípios do Cariri Paraibano.

Todavia, a partir da década de noventa com a chegada da energia elétrica em muitas comunidades rurais do pequeno município, um novo fator começa a mudar a vida dos caririzeiros: a expansão da costura da *sulanca*<sup>1</sup> advinda do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano. A partir dos anos 2000 essa expansão da costura para a Paraíba se intensifica cada dia mais, principalmente nos municípios que fazem fronteira com o Pernambuco.

---

<sup>1</sup> A denominação de “Sulanca” deriva de uma corruptela de palavras “sul” e “helanca”, se referindo às confecções produzidas com malhas vindas de São Paulo do “Sul”. O fato incontornável, no entanto, está no que o termo passa a conotar, e não sobre o que originalmente denota: “sulanca” passa a designar aqueles produtos de baixa qualidade, de baixo preço, destinados a populações de baixa renda da região e entorno. (OLIVEIRA, 2013, p. 238).



FIGURA 1: Mapa da Região Nordeste

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1470890>

Coxixola, principalmente na sua área rural, foi um desses municípios atingidos pela *sulanca*, e foi esse o tema escolhido para essa pesquisa de mestrado.

Como os trabalhadores e trabalhadoras de Coxixola percebem a introdução das novas formas de trabalho nessas unidades de confecção e como tem modificado a vida dos costureiros e costureiras da região do Cariri da Paraíba? Esta é a questão principal a qual se busca responder em tal trabalho.

Outras questões decorrem desta: Qual a dinâmica do desenvolvimento local a partir do cruzamento entre a atividade rural e a confecção de roupas? Há uma coexistência entre tais atividades ou uma transição de uma à outra? Em outras palavras: qual a relação entre elas? Como essa dinâmica impacta o trabalho de pequenos

agricultores, costureiros e costureiras no território? Como a costura veio parar nesta região? Quem foram os primeiros costureiros de *sulanca* dessa localidade? O que esta inserção de costura da *sulanca* provoca na região do Cariri Paraibano? O que ela muda na vida dos jovens e mulheres da região? Como os costureiros e costureiras veem esta migração da costura? Qual a relação que essas pessoas atingidas têm ou tinham com a agricultura e o que mudou quando a costura chegou a esta região?

O desenvolvimento das unidades de produção, ou a costura oriunda do Polo, tem atingido principalmente as mulheres e os jovens da região do Cariri. Através tanto de observações participantes e vivência em tal espaço, quanto de entrevistas feitas com os costureiros e costureiras, constatou-se o envolvimento dos jovens na fabricação da *sulanca*, onde estes identificam a costura como importante fonte de renda para a região, bem como alternativa de permanência no espaço rural, já que muitos desses não se identificam mais com a agricultura, além das condições de sobreviver deste meio tornar-se cada dia mais difícil devido o prolongamento da seca dos últimos anos.

Diante de tais constatações várias inquietações foram surgindo, e com elas o anseio de estudá-las. Que a costura está presente na região do Cariri, é fato. Que tem provocado mudanças também era fato. Mas seria necessário investigar além disso... seria necessário fazer mais que um registro dessa inserção, e observar as percepções dos trabalhadores e trabalhadoras sobre tais mudanças. Assim sendo, o texto seguinte busca responder essa investigação.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro foi feito um pequeno histórico do Polo de Confeções do Agreste pernambucano, local que escoava partes do processo produtivo às unidades de confecção para a região do Cariri. Aborda-se um pouco a respeito da costura em Santa Cruz do Capibaribe, cidade que faz fronteira com o Cariri e que possui uma ligação maior com essa região.

No segundo capítulo apresenta-se o Cariri paraibano, região alvo da pesquisa e a cidade de Coxixola, onde foram realizadas as entrevistas. Neste capítulo traz-se principalmente o histórico dessas localidades e um pequeno perfil das pessoas que trabalham com a costura no município.

No terceiro capítulo apresenta-se as transformações do mundo rural, exibindo as mudanças com relação ao desenvolvimento local, onde a cada dia, mais famílias buscam

novas alternativas de sobrevivência, aliadas ou não ao uso da terra e o resultado da pesquisa.

### **Trilhas e recursos metodológicos da pesquisa**

A pesquisa é de cunho qualitativo e quanto aos recursos e métodos utilizados neste, foi usado inicialmente a Etnografia, pois se fez necessário primeiramente fazer uma observação e descrição do campo pesquisado, para em um segundo momento fazer-se uso de entrevistas semiestruturadas.

A pesquisa etnográfica vem dos estudos antropológicos e baseia-se na observação e levantamento de hipóteses, onde o etnógrafo procura descrever o que, na sua visão, ou seja, na sua interpretação, está ocorrendo no contexto pesquisado. Uma das principais características da etnografia é que esta não se faz sem o pesquisador em campo.

De acordo com Geertz (1989) “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não só essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento”. O autor afirma que o que define o empreendimento é o tipo de esforço intelectual que ele representa, um risco elaborado para uma descrição densa. Ou seja, para ele, fazer etnografia é fazer uma descrição densa, aprofundada, não apenas descrever, mas fazer uma interpretação na descrição, entender aquela determinada sociedade a partir de pequenas e particulares coisas que têm um grande significado naquele espaço.

A pesquisa etnográfica foi combinada no decorrer da pesquisa de campo com a entrevista semiestruturada para obtenção e coleta de dados, pois acredita-se que é o método que melhor se aplica as questões que deseja-se investigar.

De acordo com Gil (2010), a entrevista é uma técnica que permite ao investigador se apresentar perante o investigado e lhe formular perguntas, no intuito de obtenção de informações que interessem à investigação. Esta se configura como forma de interação social. Trata-se de uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas no âmbito das ciências sociais.

Este autor aponta que “a entrevista é considerada por muitos autores como um instrumento por excelência na investigação social, sendo que dada sua flexibilidade, esta é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diferentes campos e pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças a sua aplicação” (GIL 2010 p.109)

Costa (2005) define entrevista como um procedimento a que o investigador recorre para conseguir opiniões, fatos ou testemunhos sobre determinada questão. O pesquisador, munido de um guia de questões, escolhe pessoas por meio de métodos de amostragem, submetendo-as a uma demorada arguição. Os resultados, geralmente gravados, são depois analisados em função dos objetivos da pesquisa. A autora afirma ainda que a entrevista tem uma finalidade clara de obtenção de dados, como opiniões e atitudes dos indivíduos diante de cada situação determinada.

Vale salientar que a entrevista possui imensas vantagens, ela possibilita a obtenção de dados referentes ao mais diversos aspectos da vida social. “Ela também permite maior flexibilidade, visto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se de forma mais fácil aos sujeitos entrevistados e circunstâncias em que se desenvolve a pesquisa, bem como possibilita captar a expressão corporal do entrevistado e a tonalidade de voz e ênfase nas respostas”. (GIL 2010 p.110)

Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

As entrevistas foram realizadas com costureiros e costureiras do município de Coxixola no Cariri Ocidental da Paraíba, principalmente nas comunidades rurais onde há um aglomerado maior dos pesquisados. Apesar do Cariri paraibano ser composto por vinte e nove (29) cidades divididas em duas microrregiões, o estudo foi realizado apenas nesta cidade, por ser mais próxima da pesquisadora e por ter um número significativo de unidades de confecção e fabricos se avaliarmos o quantitativo da população.

A pesquisa foi efetuada tanto na área urbana como nas comunidades rurais pertencentes de Coxixola, onde há um aglomerado maior de *fabricos e facções*<sup>2</sup>, e consequentemente, de famílias que sobrevivem de tal ocupação.

Foram visitados tanto os fabricos, como as próprias residências dos trabalhadores. Entrevistamos 25 pessoas, 21 costureiros, 3 fabricantes e o gestor municipal.

A escolha dos costureiros e costureiras foi aleatória e tentou abranger o máximo possível de entrevistados. Segundo Costa (2005), amostragem é o processo pelo qual é selecionada parte da população de uma cidade, estado ou país para fazer parte de uma determinada pesquisa.

### **Inserção em campo**

Inicialmente acho interessante falar um pouco da minha inserção em campo, já que de certa forma sempre estive presente no meu campo de pesquisa, mesmo não atuando nele como costureira ou pesquisadora. Por residir na Comunidade de Campo do Velho, município de Coxixola, onde a costura está presente há aproximadamente vinte anos, e por fazer parte de uma família de agricultores, me considero dentro do campo de pesquisa desde sempre. Entretanto, estudar este campo como pesquisadora, ou visitar os fabricos e facções como pesquisadora me proporcionou novos olhares e impressões.

No intervalo entre o final de minha graduação em setembro de 2013 e minha inserção no Mestrado em março de 2014, fiquei uma temporada de seis meses sem bolsa na universidade – já que sempre fui bolsista – e não tive nenhuma oportunidade de trabalho em outro lugar. Passei então este tempo trabalhando como “pregadora” de botão a mão, em um dos fabricos locais. Minha irmã mais velha já trabalhava no mesmo

---

<sup>2</sup> “Fabricos”, conforme denomina-se comumente entre os que fazem o Pólo, são unidades produtivas familiares, com funcionamento indissociado do local de moradia dos proprietários, de caráter informal, mas que incorporam dimensões variadas. Tomando-se o número de trabalhadores assalariados, pode não ter nenhum (realizando o trabalho apenas com a família) ou chegar a dezenas de contratados (em bases informais). Quanto às “fábricas”, daqueles se diferenciam por se constituírem formalmente, por serem dotadas de uma base operativa destacada do domicílio dos proprietários (embora o caráter familiar da propriedade quase sempre seja mantida), baseando-se na contratação de trabalho assalariado (em muitos casos, formalizados, ao mesmo tempo em que preservam como regra geral a contratação, em condições informais, de terceiros – as “facções”). Sobre as “facções”, são unidades produtivas em geral constituídas em condições ainda mais precárias, quando comparadas aos “fabricos”, e que se caracterizam por atender, sob a condição de subcontratadas, as demandas pontuais das “fábricas” e “fabricos”, se especializando na realização de uma ou poucas tarefas do processo de produção, com destaque para a costura, o corte, o bordado, o travete (no caso do jeans), a implantação de casas e botões etc. (Oliveira, 2015).

fabricao há algum tempo como costureira e meu irmão mais moço também trabalhava como arrumador, tirador de linha, vendedor e tudo que aparecesse. Assim, a partir da necessidade, através deles e pegando uma temporada de boas vendas, que são as feiras de final de ano, passei seis meses trabalhando neste fabrico que eles já trabalhavam.

Foi uma experiência muito interessante, uma vez que já estava pensando em realizar minha pesquisa nessa área. No fabrico onde me empreguei, trabalhavam de doze a quinze pessoas, dependendo da necessidade do patrão. E assim como a maioria dos jovens que lá estavam, vi na costura uma maneira de me sustentar, uma oportunidade de permanecer na minha comunidade e sustentar-me financeiramente, entretanto, diferentemente de alguns que lá estavam, eu tinha outras perspectivas.

Tinha o anseio de continuar meus estudos e trabalhar naquilo que estava me especializando, porém, para mim, a costura foi uma espécie de “garantia”, de que independente do meu grau de instrução, se eu quisesse uma renda, lá eu encontraria esse “socorro”. E esta foi uma das impressões que tive sobre o que a maioria dos jovens que estão inseridos na costura pensam. A costura para eles se configura como algo de retorno imediato e que não precisa de especialização ou de estudo prolongado com futuro incerto.

Atuar como pesquisadora em um município pequeno onde a maioria das pessoas já se conhecem, e conseqüentemente conhecem a história de cada um, para mim foi muito interessante e desafiador. Por um lado, facilitou a interação por já ter familiaridade com os costureiros e fabricantes, deixando-os mais à vontade para contar suas experiências e histórias, bem como já saber diretamente a quem entrevistar não necessitando da ajuda de informantes ou terceiros. Por outro lado, foi inquietante já conhecer um pouco das histórias das pessoas e mesmo assim algumas delas em suas narrativas querer omitir de alguma forma aquela realidade para não comprometer-se, mesmo sendo asseguradas de que não seriam identificadas. Houve casos que em conversas informais em outros ambientes, como na igreja por exemplo, os entrevistados me contavam com maior naturalidade suas histórias e dificuldades e depois me contavam outra versão, o que não comprometeu a fidedignidade da pesquisa em si, nem das entrevistas, foi algo ainda mais instigante para que me perguntasse o porquê daquela omissão. O que na minha interpretação deve-se aos laços de amizade, parentesco e

gratidão que muitos dos costureiros têm uns com os outros ou com os respectivos patrões, o que será melhor detalhado mais à frente.

A realização das entrevistas e as visitas que fiz aos fabricos foram muito bem recepcionadas. Uma das coisas que mais chamaram atenção foi o acolhimento e a alegria que as pessoas – principalmente da zona rural – tinham em falar da costura, das mudanças que ela trouxe para suas vidas, de como aprenderam. Era notório o orgulho que eles tinham em falar de seus trabalhos, se sentiam valorizados por estar interessada no trabalho ofício deles.

Na sede do município, ao contrário, poucas foram as pessoas que se disponibilizaram a dar entrevistas ou mesmo falar informalmente sobre seu envolvimento com a costura. Algumas pessoas se disseram ocupadas, outras revelaram não viver mais de tal ocupação, mesmo eu sabendo que há famílias que vivem exclusivamente ou quase exclusivamente da costura. Foi clara essa diferença entre as comunidades rurais e as pessoas que residem na cidade em si.

Apesar de encontrar essa dificuldade pela dissimulação das pessoas na cidade, isso não chegou a comprometer a pesquisa, já que a maioria dos fabricos e facções concentram-se nas comunidades rurais, pois para mim o que interessava mais eram as áreas rurais onde as famílias viviam da agricultura de subsistência, e hoje vivem da costura ou aliam as duas atividades.

Outra passagem importantíssima, que não aparece nas entrevistas, mas muito recorrente nas visitas às residências, foi o fato das pessoas terem receio de se afirmarem enquanto costureiros. Em muitos casos as costureiras diziam logo que seus maridos ou “o homem do sindicato” haviam recomendado para elas sempre se identificarem como “agricultoras” para não perderem seus benefícios sociais, como o *Bolsa Família*<sup>3</sup>, *Seguro Safra*<sup>4</sup> ou complicarem uma futura aposentadoria.

---

<sup>3</sup> O Bolsa Família é um programa federal destinado às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, com renda per capita de até R\$ 154 mensais, que associa à transferência do benefício financeiro do acesso aos direitos sociais básicos - saúde, alimentação, educação e assistência social. Através do Bolsa Família, o governo federal concede mensalmente benefícios em dinheiro para famílias mais necessitadas. ( <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp> )

<sup>4</sup> O Garantia-Safra (GS) é uma ação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) inicialmente voltada para os agricultores e as agricultoras familiares localizados na região Nordeste, na área norte do Estado de Minas Gerais, Vale do Mucuri, Vale do Jequitinhonha e na área norte do Estado do Espírito Santo — área de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do

Isto é algo muito forte não só no município estudado, mas na região como um todo. É praticamente impossível encontrar algum registro oficial que constate que uma parcela da população viva não mais da agricultura, ou pelo menos não mais exclusivamente, mas sim da costura; que constate a expansão do Polo para a região, já que a costura é um trabalho informal e não assegura a eles nenhum benefício, nenhum direito trabalhista.

A estrutura ocupacional da informalidade é complexa e heterogênea, mas, pelo menos para muitas pessoas, ela oferece muitas possibilidades, apesar da precariedade que lhe é intrínseca. Razão pela qual muitos indivíduos “preferem” ficar na informalidade, exatamente porque aí encontram suas “melhores”, senão as únicas oportunidades de trabalho e renda. Outros tantos, por não disporem dos requisitos necessários ao mercado formal, acabam ficando na informalidade por absoluta falta de alternativa. E outros ainda entram e saem da informalidade conforme as altas e baixas conjunturais do nível da atividade econômica como um todo. (MENEZES e DEDECCA, 2012, p. 16).

Apesar de muitas famílias hoje não viverem mais primordialmente da agricultura – algumas até não tendo mais nenhum contato com a terra – todos se declaram agricultores, tem a *Declaração de Aptidão ao Pronaf - <sup>5</sup>DAP*, e toda a documentação enquanto agricultores, garantindo assim seus benefícios de trabalhadores rurais, à famílias de baixa renda e almejando uma futura aposentadoria rural.

É importante citar também que a atual crise política e econômica que o Brasil atravessa desde 2014 até a atualidade (2016), tem afetado as vendas no Polo de

---

Nordeste (SUDENE), majoritariamente semiárida — que sofrem perda de safra por motivo de seca ou excesso de chuvas. Com a Lei Nº 12.766, de 27 de dezembro de 2012, o Poder Executivo foi autorizado a incluir agricultores familiares de outros municípios situados fora da área da SUDENE, desde que atendidos previamente alguns requisitos, como a comprovação de que os agricultores familiares se encontram em municípios sistematicamente sujeitos a perda de safra em razão de estiagem ou excesso hídrico. Para participar do Garantia-Safra, é necessário que, anualmente, estados, municípios e agricultores façam adesão ao programa. <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-garantia/sobre-o-programa>

<sup>5</sup> A Declaração de Aptidão ao Pronaf – DAP é a comprovação de enquadramento do agricultor como pequeno produtor. É indispensável para acesso a políticas públicas como o Pronaf, o Programa de Aquisição de Alimentos, Merenda Escolar e Habitação Rural. <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf/declara%C3%A7%C3%A3o-de-aptid%C3%A3o-ao-pronaf-dap>.

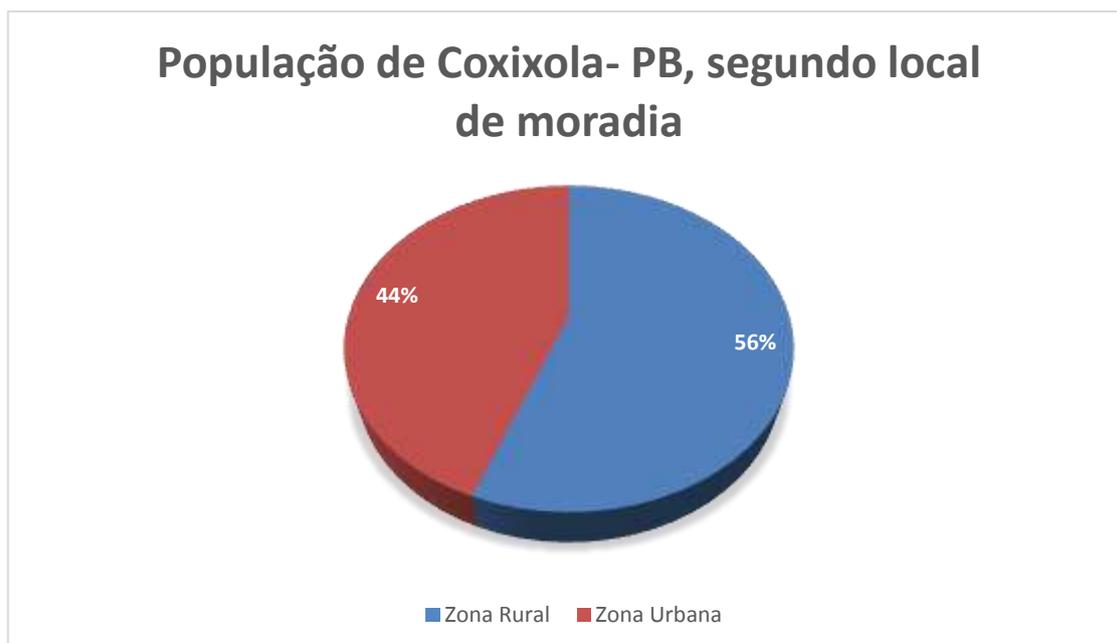
Confecções, favorecendo assim o fechamento de muitos fabricos e facções em Santa Cruz do Capibaribe e nas cidades para onde o Polo vem expandindo suas confecções. Essa pesquisa coincidiu justamente com a contração da economia do país e com o fechamento de algumas dessas confecções. A comunidade de Campo do Velho, que abriga o maior número de costureiros de Coxixola, teve dois fabricos fechados; um realmente em virtude da crise, pois o faturamento do fabricante não mais supria as despesas para mantê-lo, levando-o a encerrar a fabricação; e o outro por outras motivações que não nos foi revelada.

Entretanto, este também não foi um empecilho para a realização da pesquisa, pois os funcionários que trabalhavam nesses fabricos logo foram absorvidos pelos demais fabricos da comunidade.

### **Perfil dos costureiros coxixolences**

Para uma melhor compreensão do leitor a respeito dos pesquisados, foram levantados alguns dados a respeito dos costureiros e costureiras de Coxixola, registrados em forma de gráficos, realizando assim um pequeno perfil das pessoas envolvidas com a costura no município. É importante lembrar que os dados apresentados abaixo como consta nas referências, são dados secundários.

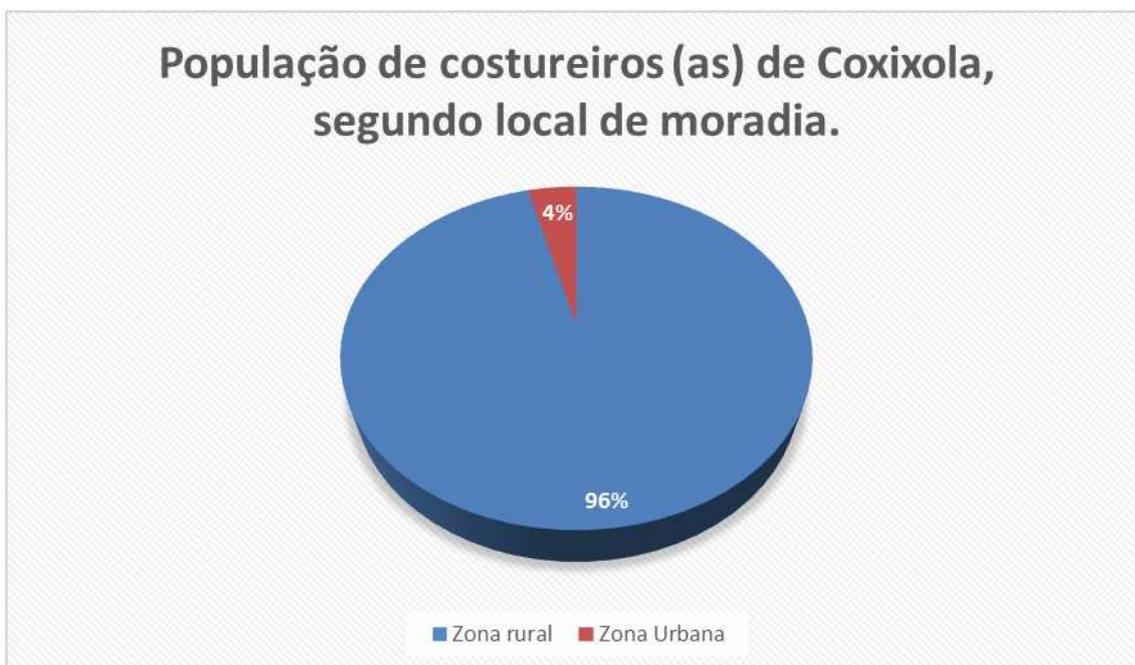
**Gráfico 3: População de Coxixola- PB, segundo local de moradia.**



Fonte: IBGE. Centro demográfico 2010.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE a população de Coxixola tem a maioria da sua população residente em comunidades rurais, dado já mencionado anteriormente. O gráfico 3 mostra que, segundo dados de 2010, mais de 55% da população coxixolense encontra-se no setor rural do município o que confere a ela o título de cidade ruralizada, tanto por ter uma população ínfima, quanto por estar concentrada do setor rural.

**Gráfico 4: População de costureiros (as) de Coxixola, segundo local de moradia.**



Fonte: SOUSA, 2016 p. 42

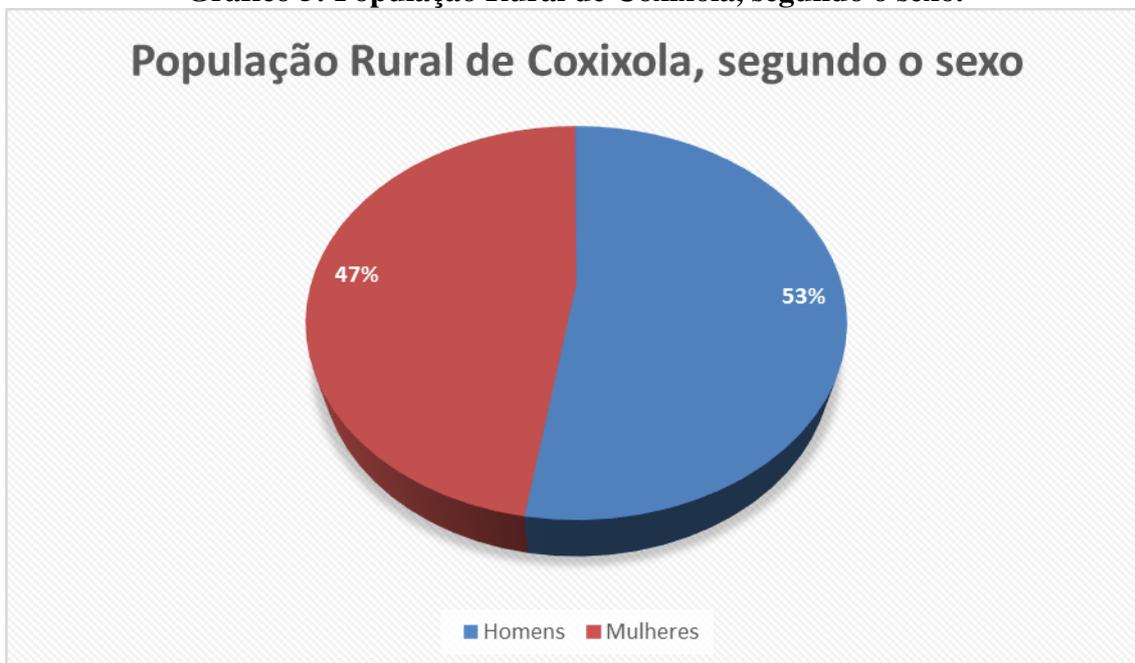
Analisando-se o gráfico 4, observa-se que o percentual de costureiros no município abriga sua maioria no setor rural, possuindo um quantitativo quase insignificante de apenas 4% no setor urbano, visto que o meio rural tem aliado a cada dia ou substituído a agricultura de subsistência a outros meios de sobrevivência, entre eles a costura oriunda do Polo. Dado este que fez com que concentrássemos mais tal pesquisa no setor rural, especialmente na comunidade de Campo do Velho.

Sousa (2016) constata que

“a concentração de trabalhadores na costura no município de Coxixola tem se dado com maior frequência nos sítios onde há uma ligação muito próxima com a região do Pernambuco, como é o caso do Sítio Campo do Velho (que faz fronteira com os municípios de Congo e Caraúbas que por sua vez, limitam-se geograficamente com Santa cruz do Capibaribe-PE) e o Serrote Apertado (que tem o seu limite geográfico com o Campo do

Velho e por sua vez com as cidades já citadas).” (SOUSA, 2016, p. 42).

**Gráfico 5: População Rural de Coxixola, segundo o sexo.**



Fonte: IBGE. Centro demográfico 2010.

**Gráfico 6: População de costureiros de Coxixola, segundo o sexo.**



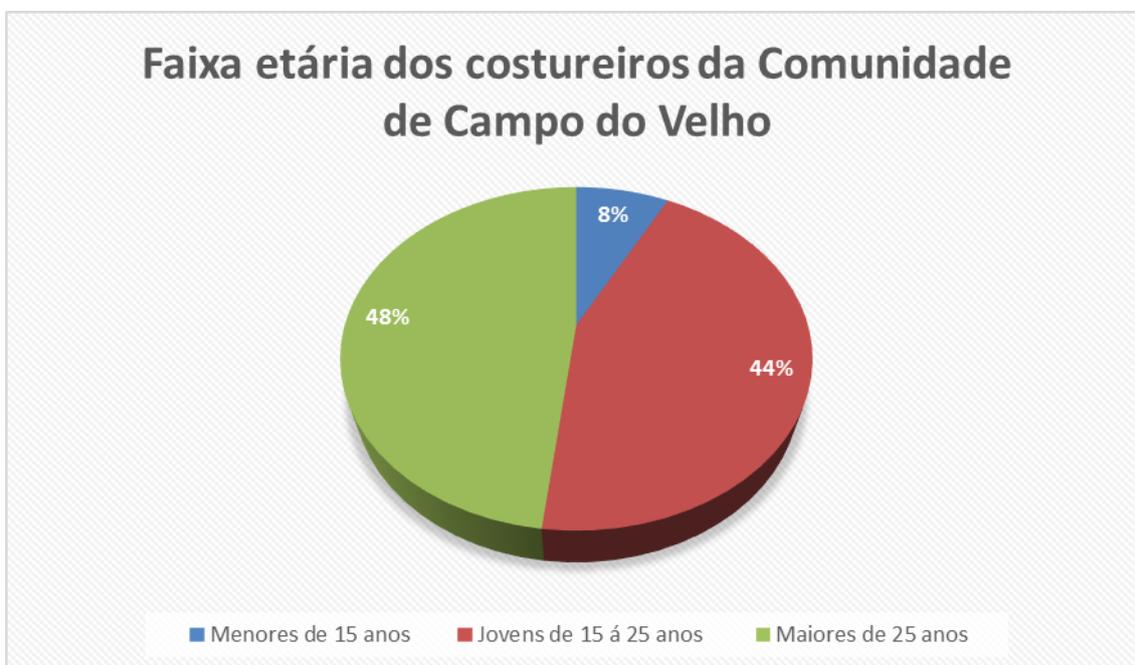
Fonte: SOUSA, 2016 p. 41

De acordo com o IBGE (gráfico 5), a maioria da população rural de Coxixola é do sexo masculino. E em relação ao percentual de costureiros do município de Coxixola segundo o sexo (gráfico 6), observa-se que este tem 52% do sexo feminino. Não é uma

diferença significativa, visto que a cada dia mais pessoas do sexo masculino se inserem neste meio. Sousa (2016) observa que

“além do declínio da agricultura por conta das secas recorrentes, a costura aparece como um ramo de trabalho “menos pesado”, onde as pessoas têm a oportunidade de render menos força de trabalho manual-exaustivo. Tanto é assim, que nos dados levantados na pesquisa há um registro considerável de homens no ramo da costura. Em grande medida, esse trabalho era reservado às mulheres, de início, contudo diante dos fatores que inviabilizaram a agricultura – trabalho majoritariamente masculino -, a costura tem sido um trabalho sem sexo ou gênero como critério de escolha.” (SOUSA, 2016, p. 41).

**Gráfico 7: Faixa etária dos costureiros da Comunidade de Campo do Velho**



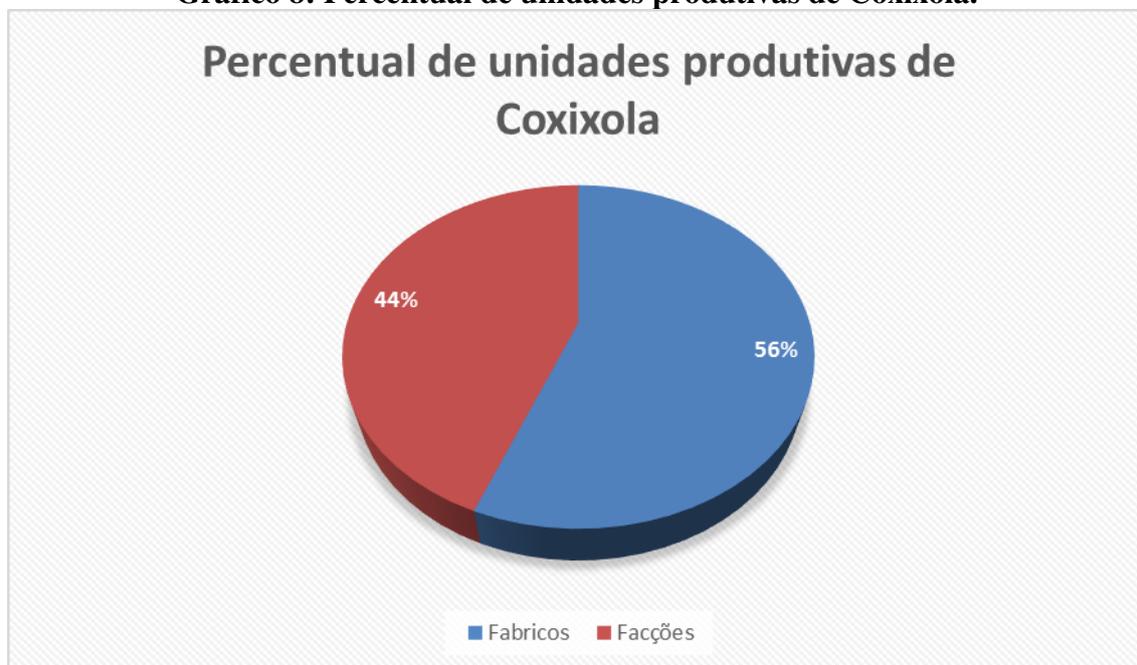
Fonte: Dados próprios

Dentre as pessoas entrevistadas, 48% deles tem mais de vinte e cinco anos e apenas um percentual de 8% são menores de quinze anos.

Ainda em relação à faixa etária das pessoas, é recorrente ouvir no relato da maioria dos que hoje são adultos, que tiveram sua iniciação na costura ainda na infância – primeiramente tirando “ponta de linha” como eles chamam, colocar etiquetas, dobrar e embalar as peças, ou fazer a colagem de algum aviamento – ou que aprenderam o ofício ainda muito jovens. Com o passar do tempo é que o trabalhador é ensinado a trabalhar nas máquinas, afazer que requer mais precisão e capricho por parte do encarregado.

Este trabalho final da peça por vezes é o mais explorado, segundo alguns relatos. Quem se responsabiliza por esta parte da peça não tem horário fixo para começar nem para finalizar a jornada de trabalho, já que dependem da finalização do trabalho dos outros para iniciar o deles. Outra desvantagem para quem trabalha nesta parte final da peça é que estes não ganham por produção; geralmente é um valor fixo, o que por vezes traz desvantagem dependendo da quantidade de peças fabricadas na semana. Por se tratar de pessoas muito jovens, muitas vezes estes não se encorajam a impor-se para não ultrapassarem a jornada de trabalho ou as horas extras semanais, trabalhando por vezes nas madrugadas ou dias de domingo.

**Gráfico 8: Percentual de unidades produtivas de Coxixola.**



Fonte: SOUSA, 2016 p. 43

As pessoas envolvidas com a costura no município de Coxixola, se dividem entre aqueles que trabalham em fabricos tem um patrão e costurando apenas as peças fabricadas por este (56%); e aquelas pessoas que trabalham em facções montadas em suas próprias casas ou em salõezinhos à parte, ligados a suas casas (44%).

Quem trabalha em facção geralmente trabalha de modo autônomo como fornecedor de peças. Dependendo da necessidade uma facção pode pegar encomenda de vários fabricantes buscando complementar a renda com a junção das peças.

Geralmente as facções são formadas por membros de uma família ou por pessoas muito próximas, já que se trata de um trabalho dentro de casa, diferentemente do fabrico. No caso específico de Coxixola, por se tratar de um município pequeno e a maioria das pessoas ser parentes, estes podem absorver qualquer pessoa que tenha interesse na costura.

**Gráfico 9: Renda mensal dos trabalhadores da costura em Coxixola.**



Fonte: SOUSA, 2016 p. 44

Com relação à renda dos trabalhadores das unidades produtivas de confecções do município de Coxixola, segundo pesquisa realizada por Sousa (2016), 54% das pessoas pesquisadas afirmaram retirar seu sustento e manter toda a família através da costura. Para se ter uma dimensão da importância da costura na vida financeira dessas pessoas, basta dizer que dos pesquisados, 62% têm uma renda mensal de até um salário mínimo<sup>6</sup>, e 38% recebiam acima de um até três salários mínimos, muitos deles retirados da costura, como demonstra o gráfico 9.

Sousa (2016) lembra que apesar de 33% dos costureiros revelar ter renda mensal abaixo de um salário mínimo, este quadro só não é pior por que parte deles têm pessoas aposentadas em casa, o que contribui para elevar a renda familiar.

Ainda segundo Sousa (2016):

<sup>6</sup> O valor do salário mínimo é igual a R\$880,00 em julho de 2016.

Outro fato que explica o dado de 33% de pessoas com renda menor que R\$ 880,00, é o fato de nas unidades produtivas pesquisadas haver um percentual de 22% de pessoas que trabalham na “arrumação” ou “tirando ponta de linha”. Esse posto de trabalho em geral é desvalorizado e majoritariamente destinado aos jovens iniciantes e, dado que não há uma fixação salarial prévia, ficando a cargo de horas o valor do salário, o dado registrado de pessoas que não ganham um salário mínimo mensalmente está em estreita relação com a ocupação destes postos menos valorizados financeiramente. Caso comprovado, é o fato de 45% dos pesquisados estarem na faixa etária entre 15 e 25 anos e 52% das pessoas terem respondido que estão no estado civil “solteiro”, isto é, o perfil é de jovens iniciantes, solteiros que têm na atividade da costura um complemento da renda familiar. (Sousa, 2016, p. 44).

Em síntese, trata-se de uma população bastante jovem, de ambos os sexos (com leve predominância de mulheres) que muito cedo se insere no mundo do trabalho seja como empregado assalariado ou na informalidade, como parte do trabalho familiar nas facções que compõem uma cadeia de subcontratação que fornece peças aos fabricantes do Polo de Confecção, em Santa Cruz do Capibaribe. Essa ocupação, que não exige qualificação profissional muito além da prática cotidiana do ofício nem elevado índice de escolaridade<sup>7</sup>, confere a eles um baixo salário (ou remuneração) e extensa jornada de trabalho. Analisando em seu conjunto, não há como negar um quadro de grave precariedade. Entretanto, muitas vezes não é essa a percepção dos costureiros e costureiras nos fabricos e facções, provavelmente por falta de alternativas melhores na atividade agrícola e pelo “retorno rápido e imediato” no “socorro” quando a necessidade exige, conforme destacado em minha própria trajetória pessoal.

---

<sup>7</sup> Segundo Souza (2016), 37% dos entrevistados tem ensino fundamental incompleto.

## 1. ONDE TUDO COMEÇOU: O POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO/ SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

Este capítulo traz uma pequena explanação histórica a respeito do *Polo de Confeccões do Agreste Pernambucano*<sup>8</sup>, e sequenciando, da costura na cidade Santa Cruz do Capibaribe, uma das principais cidades que escoam parte da produção de suas confeccões para as cidades e regiões vizinhas, incluindo o cariri da Paraíba, mostrando as dinâmicas, a dimensão e como se formou este significativo centro comercial. É importante esta retomada para poder chegar ao ambiente pesquisado, situando assim o leitor.

Segundo Oliveira (2013), o Agreste é uma região que corta os estados orientais do Nordeste brasileiro, situando-se em uma faixa entre a Zona da Mata e o Sertão. Trata-se de uma área posicionada quase inteiramente sobre o Planalto da Borborema. (OLIVEIRA, 2013, p. 235).

Por meio de doações em regime de *sesmaria*, foram implantadas grandes fazendas na região. Sua ocupação se restringia praticamente aos vaqueiros, principais responsáveis pela administração da criação extensiva de gado. Mas, a partir de meados do século XVII, quando a pecuária não mais conseguia absorver a população Agrestina, os habitantes da caatinga foram se agrupando nos brejos úmidos, de modo a dedicarem-se a uma “agricultura de mantimentos e à cultura de cana de açúcar que era transformada por engenhos em rapadura e aguardente, dando origem a sítios e até pequenas vilas”. Foi assim que os que antes eram agregados dos fazendeiros da caatinga “tornaram-se muitas vezes foreiros, agricultores, reideiros, que abasteciam o Agreste de gêneros alimentícios e, quando a cultura e o comércio do algodão abriram as comunicações, passaram a fornecer também à Mata do Sertão. (ANDRADE, 1963, apud. OLIVEIRA, 2013 p. 236).

Ainda de acordo com o autor, a partir de então esta população foi marcada por uma condição de pobreza, dedicando-se a uma cultura de subsistência, associada à

---

<sup>8</sup> Quando falamos de Polo de Confeccões do Agreste Pernambucano estamos nos referindo a um aglomerado produtivo que reúne unidades produtivas de diversas cidades do Estado do Pernambuco, mais especificamente de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama. “O Polo de Confeccões do Agreste de Pernambuco é um aglomerado de iniciativas produtivas e comerciais relacionadas ao setor de confeccões, com foco em roupa casual (masculina e feminina), brim (jeans, bermudas, saias, shorts e camisas), malharia (camisetas, tops, blusas, vestidos), outras vestimentas (calças, saias, camisas e blusas), moda infantil e lingerie. Se estabeleceu, a partir dos anos 1950/1960, em torno das “Feiras da Sulanca”, em Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama, mas hoje seu raio de influência se estende por dezenas de municípios do Agreste de Pernambuco e repercute na Região e no país.” (VERAS 2013).

pecuária, ao cultivo do algodão e outros ciclos econômicos com menor importância socioeconômica, a exemplo do cultivo do café e do agave.

Considera-se que a cultura de subsistência atribuiu um significado próprio às relações de produção daquela localidade, estando baseadas em parcerias entre donos de terra, onde a realização de excedente apropriado pelo capital agromercantil contribuiu para rebaixar o custo da força de trabalho e promover a permanência de trabalhadores miseráveis na terra, mantendo uma estrutura de poder entre latifúndio-minifúndio. (OLIVEIRA, 1977; apud. CLEMENTINO 1991).

Na origem da sociedade pernambucana tem-se até a primeira metade do século XIX o açúcar como principal motor de sua economia e também da sua forma de organização social e política. Com a guerra de secessão nos Estados Unidos e o interesse das indústrias têxteis da Inglaterra por novas fontes de abastecimento de matérias-primas, a partir de 1860 a produção de algodão no Semiárido nordestino e em Pernambuco veio a se constituir em uma importante frente econômica (LIMA, 1996 apud. BEZERRA, 2013 p.51).

Posteriormente, no entanto, essa cultura do algodão foi decaindo na região, não sendo mais viável seu cultivo para o sustento das famílias, Lira (2011) pondera que:

A cultura do algodão no Agreste, bem adaptada ao clima semiárido, durante um longo período, contribuiu para a melhoria das condições financeiras da população. Porém, essa atividade produtiva entrou em declínio, como em todo o Nordeste, por conta da concorrência internacional frente ao algodão norte-americano, bem como da concorrência nacional frente ao algodão paulista, além do que era produzido em outras áreas. (LIRA, 2011, p. 83).

A crescente densidade populacional da região e a predominância de condições precárias de vida, agravadas com a crise da cultura do algodão, fez do Agreste, principalmente a partir de meados do século XX, uma base de emigração, seja com destino às grandes cidades próximas, seja para São Paulo, Rio de Janeiro, norte do Paraná e Brasília. (ANDRADE, 1963, p. 164, apud. OLIVEIRA, 2013, P. 237).

Lira (2011) pondera que para além da saída pela emigração, alternativas foram sendo construídas no próprio território agrestino, a exemplo da intensificação do artesanato de couro, em Caruaru e Toritama, através da produção de calçados e do artesanato com retalhos de tecidos, em Santa Cruz do Capibaribe. (LIRA, 2011, p. 84).

Os produtos artesanais foram uma das primeiras saídas que os moradores desta região encontraram para tirarem seu sustento após a crise algodoeira, contudo, entre os anos de 1940 e 1950, começa a desenvolver os primeiros trabalhos com retalhos em Santa Cruz do Capibaribe, o que mais tarde veio a se tornar o Polo de Confecções.

Como resultado de obstinada luta dos moradores da região pela garantia de sua subsistência: comerciantes, ao deslocarem-se para Recife, levando produtos locais, como galinhas, queijo e carvão vegetal, passaram a retornar trazendo “retalhos” de tecidos, os quais vieram a ser utilizados por costureiros locais, inicialmente para a confecção de colchas e tapetes, e, depois para a produção de roupas (principalmente infantis), incrementando a venda desses produtos nas feiras locais. As peças produzidas eram destinadas às populações mais pobres e tinham como principal atrativo os preços baixos. Na medida em que tal atividade foi se estabelecendo, constituindo uma clientela e incorporando novos produtores e vendedores, a demanda pelos retalhos ampliou-se, pressionando-a. Algumas fábricas da capital começaram a “cobrar o que antes era disponibilizado gratuitamente” (LIRA, 2011, p. 102). Os compradores de retalhos passaram a buscá-los em São Paulo e a atividade ganhou um novo impulso. Assim se constituiu a feira da “sulanca”. (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2013, p. 238).

De acordo Lira (2011, p. 79) “O aglomerado de micro e pequenas indústrias de confecções da mesorregião do Agreste pernambucano desenvolveu-se a partir, sobretudo, de três territórios que se destacam, hoje, na atividade produtiva da confecção: Caruaru, situado na Microrregião do Vale do Ipojuca, a 136 km da capital do estado, situado às margens da BR-232; Santa Cruz do Capibaribe, que dista 180 km da capital e Toritama, a 167 km, ambos situados na Microrregião do Alto Capibaribe. No entanto, o aglomerado atinge, além desses, mais de duas dezenas de outros territórios da mesorregião.

Veras de Oliveira (2013) reforça que a produção foi crescendo a cada dia, envolvendo os três municípios e abarcando outros pequenos aos arredores:

A produção e venda da *sulanca* cresceram, passando a envolver outros municípios da região, a exemplo de Toritama. Este havia se especializado, por influência de Caruaru, na produção de calçados desde os anos 1930, tendo esta se mantido com “uma produção bastante artesanal e destinada também a populações de baixa renda” (LIRA, 2006, p. 102). Na passagem aos anos 1980, enquanto a produção de “sulanca” se encontrava em forte ascensão em Santa Cruz, a atividade courocalçadista se via em um franco declínio. A produção de calçados, principalmente os modelos de couro destinados às populações mais pobres, vinha sendo substituída por produtos sintéticos nacionais ou importados. Os produtores locais, sob a

influência do que ocorria no município vizinho, então migraram para a produção de jeans, ao mesmo tempo em que se utilizaram das máquinas e equipamentos antes empregados na produção calçadista, tendo que adaptá-los (RAPOSO e GOMES, 2003; LIRA, 2006; MARTINS et al, 2009). Com isso, Toritama passa a compor a produção da “sulanca”, especializando-se na produção de jeans. No começo dos anos 2000, estimava-se que o município produzia algo como 15% da produção do jeans nacional (RAPOSO e GOMES, 2003, p. 11). Associadamente, desenvolveu-se no município o ramo das lavanderias, que é onde se realiza a lavagem, a amaciagem, o tingimento e a descoloração do jeans. (VERAS DE OLIVEIRA, 2013, p.4).

Caruaru, embora sendo o município de maior destaque na região central de Pernambuco, contando já com outras atividades econômicas, inclusive do segmento de confecções, só veio a se integrar à produção e comercialização de produtos da *sulanca* na virada da década de 1970 (LIRA, 2006). À sua tradicional feira popular e às atividades de produção e comercialização de peças de artesanato<sup>8</sup>, em ambos os casos conhecidas nacionalmente, agregou-se uma das três mais importantes “Feiras da Sulanca” do Agreste Pernambucano (LIRA, 2006 apud. VERAS, 2013, p. 5).

É fundamental entender como os territórios do agreste foram se desenvolvendo e com as inter-relações socioespaciais, historicamente criadas, têm influído para a expansão do aglomerado de micro e pequenas empresas de confecção, pois são essas relações complementares entre áreas urbanas e rurais e entre os vários municípios da sub-região, através da produção flexível, historicamente presente no lugar, que definem as singularidades. (LIRA, 2011; p. 80).

Por fim, Vêras de Oliveira (2013) constata o crescimento real desses municípios que formam o Polo de Confecções:

Segundo dados da Secretaria de Planejamento e Gestão do Governo de Pernambuco, entre 1999 e 2008, o Produto Interno Bruto (“a preços de mercado”) dos principais municípios do Pólo evoluiu positivamente conforme segue: Caruaru – 198,0% (se mantendo como o 7º PIB do Estado, entre 2004 e 2008), Santa Cruz – 237,6% (passando do 23º ao 19º PIB do Estado, entre 2004 e 2008) e Toritama – 310,4% (ascendendo do 60º ao 55º PIB do Estado, entre 2004 e 2008), enquanto Pernambuco, para o mesmo período, registrou um crescimento de 183,1%<sup>16</sup>. (VERAS DE OLIVEIRA, 2013, p. 9).

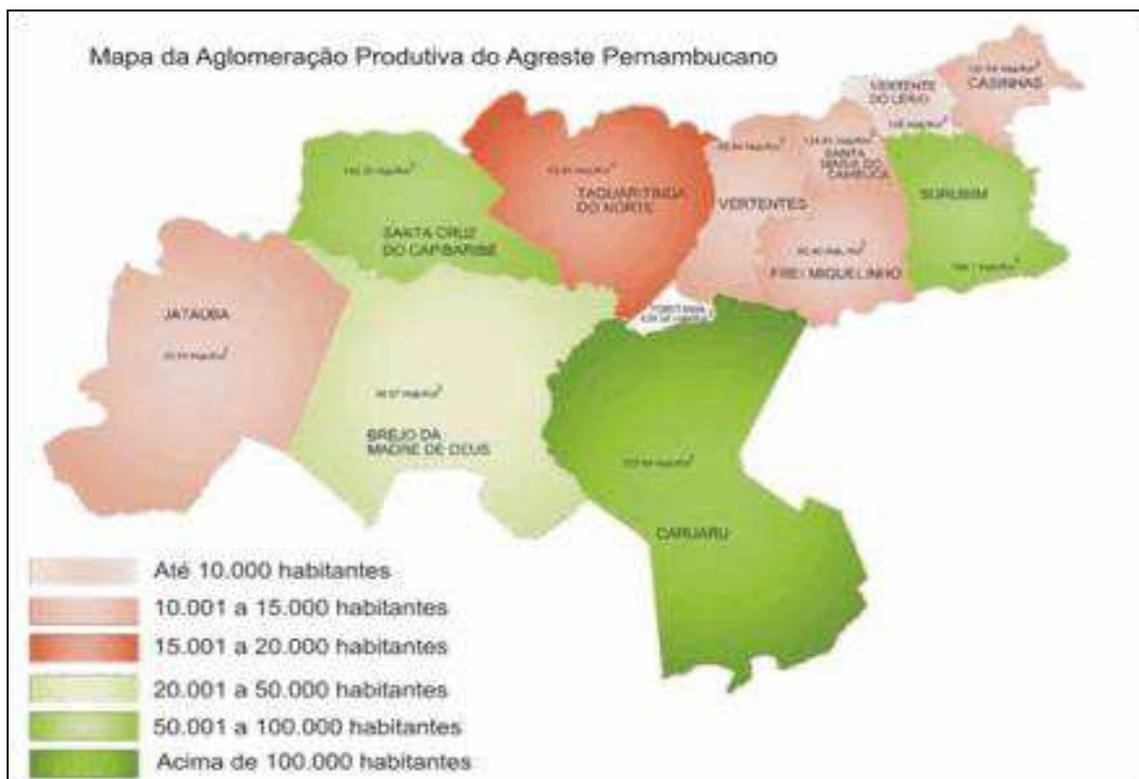


FIGURA 2: Mapa da Aglomeração Produtiva do Agreste Pernambucano  
 Fonte: Espacios. Vol. 34 (2) 2013. Pág. 12



FIGURA 3: Parque das feiras Toritama.  
 Fonte: Reprodução do Blog Agreste Notícias 2015.



FIGURA 4: Imagem do Moda Center, centro comercial de Santa Cruz do Capibaribe- PE  
Foto: Reprodução/ Blog do Ney Lima



FIGURA 5: Polo Comercial de Caruaru. Fonte: Caruaruense, 2016.

### **1.1 A cidade de Santa Cruz do Capibaribe e o Moda Center**

Santa Cruz do Capibaribe, a terceira maior cidade do Agreste de Pernambuco (atrás de Caruaru e Garanhuns) tem se destacado nos últimos anos no Estado, na Região e no País pela intensa confecção de roupas e outros produtos têxteis. Junto às cidades de Toritama e Caruaru, elas formam o Polo de Confeções do Agreste pernambucano e tem aquecido significativamente a economia e gerado milhares de empregos formais e informais, tanto local, como em outras regiões e Estados.

De acordo com Veras de Oliveira, 2013:

Não há dados precisos sobre o Polo. O caráter predominantemente informal dos empreendimentos e das relações de trabalho dificulta muito a produção de informações por órgãos oficiais. Estimativas de Raposo e Gomes (2003) indicavam, no começo dos anos 2000, a existência de algo em torno de 12 mil unidades produtivas, dentre as quais apenas 8% eram formalizadas. Ao todo empregavam, direta e indiretamente, por volta de 76 mil pessoas e produziam 57 milhões de peças por mês (principalmente, moda infante-juvenil, moda feminina, jeans, moda masculina, moda íntima, moda praia, moda esportiva, cama e mesa, demanda profissional, entre outros). O faturamento, em conjunto, totalizava R\$ 144 milhões. Estudo da FUNDAJ (2008) complementa: “Em 2003, a RAIS registrou a existência de 5.450 pessoas registradas com carteira de trabalho nos três municípios, o que representa apenas 7% do contingente de ocupados, estimado pela pesquisa da FADE/UFPE”. (VERAS DE OLIEVIRA, 2013. p. 8).

A cidade de Santa Cruz do Capibaribe tem uma população de aproximadamente 96.908 habitantes, dos quais 97,7% vivem na zona urbana e uma área de 335.526 km<sup>2</sup>, segundo o IBGE (2013), e possui clima semiárido. O município pertence à Microrregião do Alto Capibaribe, se localiza a oeste de um relevo montanhoso e sofre consequências dessa posição, que são traduzidas geralmente na escassez de chuvas.

O PIB municipal é de R\$ 682.029 mil, e o PIB per capita de R\$ 7.597,26, de acordo com os dados do IBGE (2011). Em 2007, de acordo com o mesmo instituto constatou-se que Santa Cruz do Capibaribe foi o município cuja economia e população mais cresceram em Pernambuco nos últimos vinte anos.



FIGURA 6: Feira da Sulanca em Santa Cruz do Capibaribeda década de 1960.  
Fonte: Arquivo de Guaraci Baldi, apud. BEZERRA, 2013 .

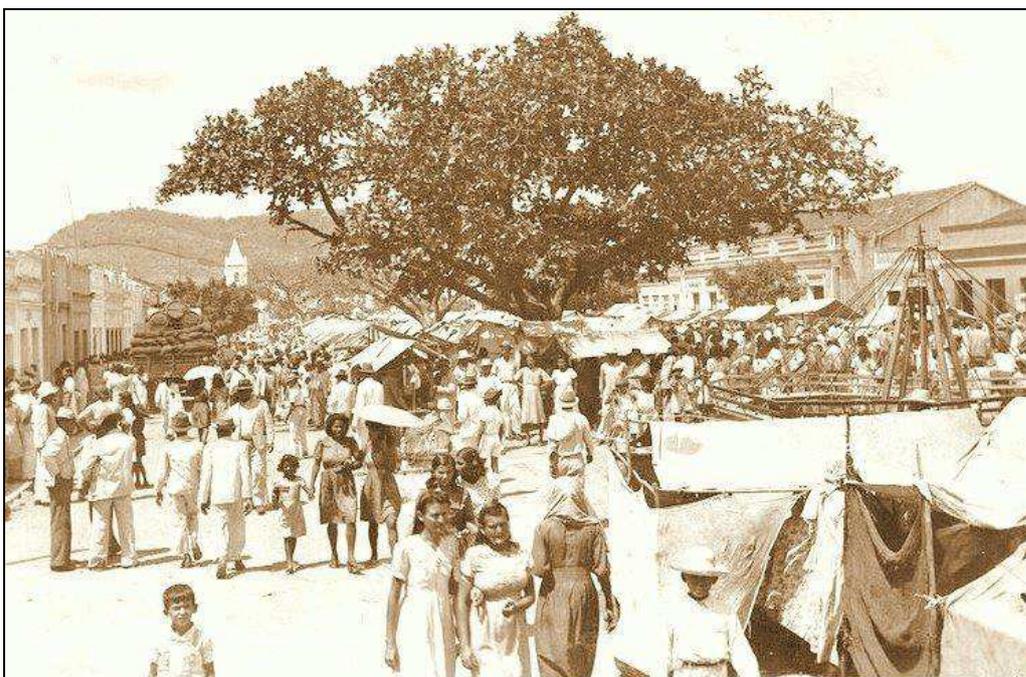


FIGURA 7: Feira de Santa Cruz em 1947, quando a cidade de Santa Cruz do Capibaribe ainda era uma vila.  
Fonte: Arquivo cedido por José de Oliveira Góis, apud. MILANÊS, 2016.

Melo (2011) constata que hoje a cidade se configura como uma das mais atraentes do Estado quando se trata de oportunidade de trabalho:

“a cidade de Santa Cruz do Capibaribe é considerada um dos maiores celeiros de oportunidade de negócio e um dos municípios do Estado do Pernambuco com maior movimentação econômica, no qual predomina a indústria e comércio de confecções, avaliada como a maior produtora de confecção do Estado e, de acordo com dados do SENAI/2010, é a 2ª maior produtora de confecções do Brasil.” (MELO, 2011p. 59).

O Moda Center Santa Cruz, centro atacadista lançado em 2006 especificamente para o comércio de confecções daquele município, é considerado o segundo maior centro atacadista de confecções do Brasil. A ampla estrutura é composta por seis módulos que ocupam uma área coberta de 120 mil metros quadrados construída num espaço de 32 hectares. O empreendimento reúne mais de 10 mil lojas e boxes onde são comercializadas peças no atacado e no varejo. O mix de produtos inclui de itens populares à artigos mais trabalhados.

A criação do prédio objetivou substituir a “Feira da Sulanca”, que ocupava 28 ruas do centro da cidade, envolvendo cerca de 12 mil pessoas por semana (XAVIER et al, 2009).

Com tamanho empreendimento o Moda Center Santa Cruz tem gerado milhares de empregos não apenas na própria cidade ou Estado, mas tem se expandido de diversas formas para outras regiões, gerando fonte de renda e oportunidade de trabalho em outras cidades, provocando com esta demanda importantes mudanças nas dinâmicas sociais, culturais e de desenvolvimento na região.



FIGURA 8: Imagem do Moda Center, centro comercial de Santa Cruz do Capibaribe- PE.  
Foto: Reprodução/ Blog do Ney Lima

## 1.2 O processo de trabalho de confecção

O processo produtivo típico de uma peça de vestuário feita no Polo combina intervenções realizadas nas empresas e nos empreendimentos complementares. Como informa Lira (2011), “a subcontratação de trabalhos externos acontece através das facções, conforme as máquinas que possuam. Por exemplo, algumas emendam as peças, outras fazem os caseados e a travetagem, que exigem máquinas mais especializadas”. A empresa executaria, então, as demais operações necessárias para ter a peça acabada. Mas há casos extremos de empresas que repassam todas as operações aos empreendimentos complementares. (SEBRAE, 2013).

É fato que a Paraíba, estado vizinho, tem sido atingida pelo crescimento e expansão do Polo, principalmente a Região do Cariri do Estado, onde muitos municípios fazem fronteira com o Pernambuco.

Segundo Bezerra (2011):

“A produção do Polo necessita cada vez mais da incorporação de força de trabalho com as mais variadas formas de vínculos: flexíveis informais, subcontratados. E esta incorporação não se dá apenas localmente, nem nos municípios no entorno do Polo, atinge também cidades e estados vizinhos. Uma das direções para onde o Polo historicamente vem se expandindo é o estado da Paraíba, mais precisamente para a região conhecida como Cariri Paraibano.”

A participação das cidades do Cariri paraibano no processo produtivo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe e demais cidades do Polo de Confecções varia de acordo com a modalidade de serviço prestado. Se esse ocorre por meio de *fabrico* próprio do dono, *facção* ou, muito raramente, de fábrica.

Geralmente os fabricantes, residentes no Polo ou nas pequenas cidades caririzeiras, compram os tecidos e os aviamentos necessários para a fabricação da peça nas lojas de Santa Cruz do Capibaribe e os levam para suas cidades.

Quando se trata de repasse de serviço para *facção*, antes da condução das peças ao estado vizinho, estas são *enfestadas*<sup>9</sup>, cortadas e separadas ainda em Santa Cruz do

---

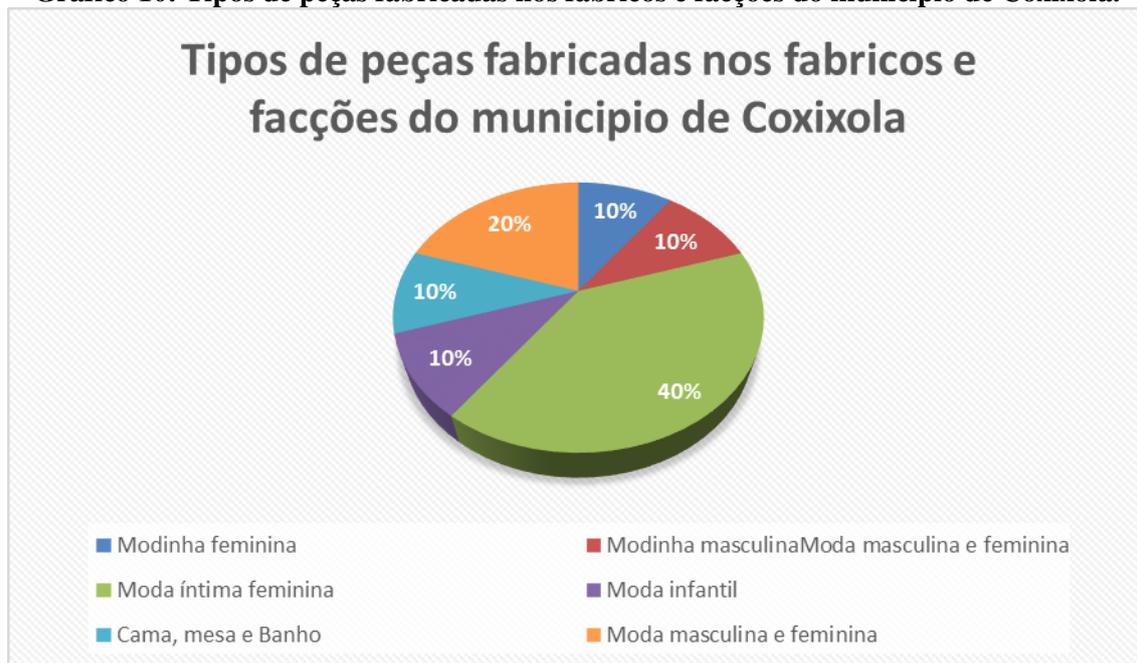
<sup>9</sup> O enfeito, bem como a estendida, é o processo de dispor as várias camadas de tecido seguindo um risco marcador predeterminado pelo planejamento do corte. “Essa fase é muito importante, pois determina o alinhamento das folhas de tecido (conhecido pelos cortadores como parede), além de organizar a quantidade de folhas a serem dispostas, segundo o planejamento. Uma falha qualquer neste processo, para mais ou para menos, e peças serão cortadas erradas, o que traz problemas para a produção”. <http://www.oconfeccionista.com.br/index.php/2010/05/13/enfeito/>

Capibaribe. Dificilmente nas *facções* é feito esse tipo de serviço, por se tratar de máquinas mais sofisticadas e com um nível de especialização maior para o manejo. Assim sendo, a peça é levada já cortada às *facções* que comumente se responsabiliza pela confecção e finalização da peça.

Já se tratando dos *fabricos*, alguns dispõem da máquina de corte. Neste caso, os fabricantes fazem todo o serviço da peça nas cidades e comunidades rurais caririzeiras, o enfeste, o corte, todos os tipos de costura necessários ao tipo de peça, a retirada de ponta de linha, a colocação de etiquetas, a arrumação e a embalagem final, fazendo apenas a compra do tecido e aviamentos e a venda do produto na cidade pernambucana.

Na cidade de Coxixola as peças mais fabricadas são *modinha*<sup>10</sup> feminina, *modinha* masculina, moda masculina e feminina, moda íntima feminina, moda infantil e cama, mesa e banho, sendo a moda íntima feminina o tipo de peça predominante no município, como podemos constatar no gráfico abaixo.

**Gráfico 10: Tipos de peças fabricadas nos fabricos e facções do município de Coxixola.**



<sup>10</sup> Tipo de roupa que se está usando mais no momento, variando de acordo com a estação, com o que estão usando mais na televisão ou com tipo de tecido que é tendência.

## 2. O CARIRI PARAIBANO

De acordo com os registros históricos, a região foi habitada pelos índios Cariris, mas a ocupação oficial desta localidade foi iniciada em 1663, através de um requerimento que solicitava a delimitação de 30 léguas da sesmaria de propriedade de Antônio de Oliveira Lêdo, Custódio de Oliveira Lêdo, Constantino de Oliveira Lêdo, Maria Barbosa Barradas e Sebastião Barbosa de Almeida, os quais: “solicitavam 30 léguas de terras, que começarão a correr pelo rio da Paraíba..., com declaração que correrão para o sul duas léguas e para o norte dez léguas...” (ALMEIDA, apud PEREIRA, 2008, p. 31).

Geograficamente o Cariri paraibano é composto por duas microrregiões, o Cariri Ocidental e o Cariri Oriental. Esta é uma região inserida no bioma da caatinga, zona semiárida nordestina, situada no Planalto da Borborema (centro do estado da Paraíba), recortada pela parte alta do Rio Paraíba e pelo seu principal afluente, o Rio Taperoá. Possui uma área de 7.075 km<sup>2</sup>, composta, ao todo, por 29 municípios. De acordo com Abramovay et al (2010), os institutos oficiais de pesquisa consideram este um território rural, pois possui cidades de porte pequeno, baixa densidade populacional e grande população nas zonas rurais que vivem exclusivamente da agricultura de subsistência.

O Cariri Oriental é uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião da Borborema. Sua população foi estimada em 2014 pelo IBGE em 66.005 habitantes e está dividida em doze municípios: Alcantil, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boqueirão, Cabaceiras, Caraúbas, Caturité, Gurjão, Riacho de Santo Antônio, Santo André, São Domingos do Cariri e São João do Cariri.

O Cariri Ocidental teve população estimada em 2014 pelo IBGE em 126.540 habitantes e está dividida em dezessete municípios: Amparo, Assunção, Camalaú, Congo, Coxixola, Livramento, Monteiro, Ouro Velho, Parari, Prata, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sumé, Taperoá e Zabelê. Diverge da microrregião vizinha do Seridó (a norte) pelo seu terreno cristalino, maior altitude, e também por ser menos quente e menos úmido.

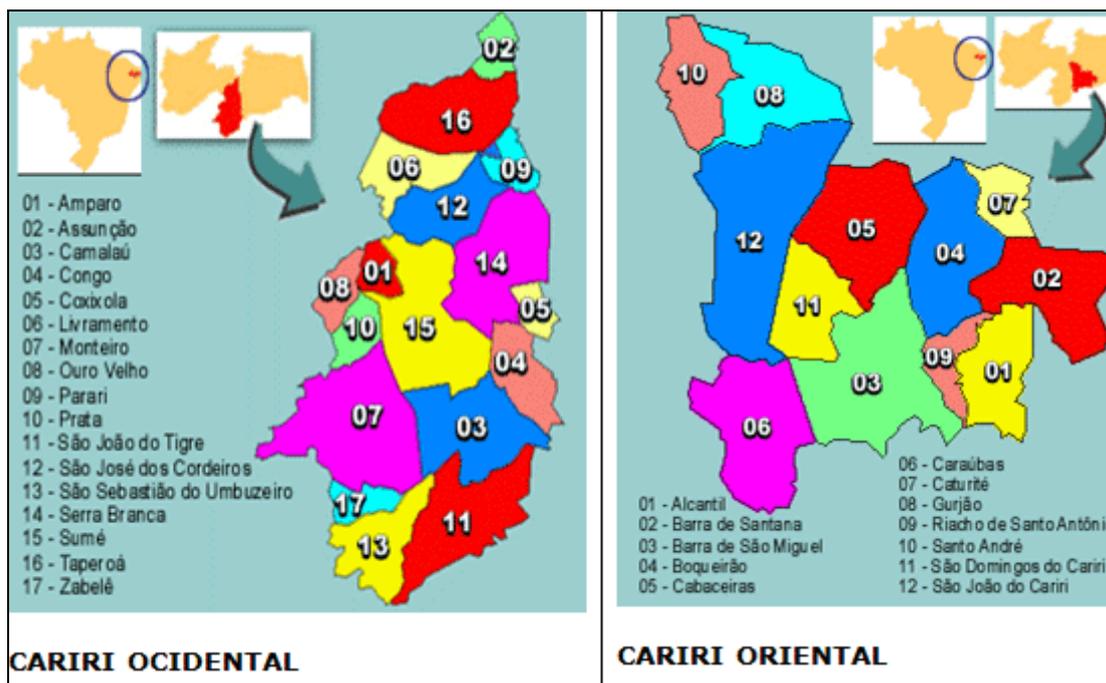


FIGURA 9: Mapa do Cariri do Estado da Paraíba

Fonte: <http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=6824&lg=pt>

Segundo Pereira (2008):

A região do Cariri Paraibano é a mais seca do Brasil. O clima regional é caracterizado por elevadas temperaturas (médias anuais em torno de 25°), fracas amplitudes térmicas anuais, chuvas escassas muito concentradas no tempo e irregulares, o que provoca fortes déficits hídricos. Essas condições hostis se atenuam progressivamente para o oeste. A criação de bovinos sempre dominou a agricultura com reflexos na ocupação dos melhores solos dos vales úmidos e terras de vazantes dos açudes, com plantas forrageiras. Com o crescimento dos rebanhos caprino e ovino, considerados como os maiores do estado, o quadro atual de pecuarização do Cariri Paraibano é outro, pois estes rebanhos estão grandemente ligados à pequena produção (pequenos proprietários ou moradores das fazendas) (PEREIRA, 2008 apud. DUQUÉ, 1985 p. 53).

Segundo Nascimento (2008):

A atividade agrícola no Cariri é baixa, devido à falta de água, predominando a pecuária caprina e a extração de lenha (Moreira e Targino, 1997). A falta de alternativas econômicas tem contribuído para uma degradação crescente dos ambientes naturais tornando a vida no campo mais e mais difícil. Grande parte do Cariri encontra-se em processo de desertificação, que se traduz pela degradação dos solos a partir da degradação da cobertura vegetal e num empobrecimento cada vez maior dos ecossistemas e das populações (Silva, 1993). Na visão de Drew (1998) Desertificação é um vocábulo de significado amplo, que inclui várias alterações climáticas, ecológicas e geomofológicas

que diminuem a produtividade biológica de uma área tornando-a enfim inaproveitável para a agricultura. (NASCIMENTO, 2008 p. 31).

Apesar de todas as dificuldades encontradas na região, é importante registrarmos que seus habitantes estão em constante busca por alternativas que promovam o desenvolvimento da região, o nosso trabalho visa mostrar a costura como um desses instrumentos de desenvolvimento e permanência, entretanto, não podemos deixar de registrar também a criação de cabras leiteiras como outra alternativa encontrada pelos moradores criadores, uma importante renda que tem feito a diferença no Cariri da Paraíba.

Dentre os estados brasileiros, a Paraíba com um rebanho caprino leiteiro na ordem de 653.730 animais desponta como o maior produtor de leite de cabra do país, com uma produção média de meio milhão de litros/mês, produzida por criadores agregados em 22 associações de produtores rurais, na região do Cariri paraibano (IBGE, 2007).

Isto tem melhorado a vida de muitas famílias de agricultores de base familiar, que tem na atividade a maior fonte de renda para o sustento da família, já que, de acordo com o levantamento feito por Dal Monte (2008), os produtores de leite de cabra da região são em sua maioria detentores de reduzidas propriedades e de pequenos rebanhos constituídos por cerca de 20 a 30 animais, em sua maioria, mestiços com raças exóticas de origem europeia.

Silva (2011) registra que a criação de rebanhos leiteiro, mesmo sendo em pouca quantidade tem feito a diferença na região:

A criação de caprinos se apresenta como uma das atividades mais viáveis para as condições do semiárido brasileiro onde os índices pluviométricos são baixos e de distribuição irregular. Nos últimos anos a caprinocultura leiteira vem assumindo um importante papel no agronegócio brasileiro, deixando de ser uma atividade de subsistência e passando a ser uma atividade de grande importância socioeconômica, principalmente para a região Nordeste. Com incentivos governamentais e privados a região do Cariri paraibano vem despontando como a maior produtora de leite de cabra do país, o que tem contribuído para o aumento da renda dos agricultores, em sua maioria de base familiar, e para o fortalecimento da economia local. Contudo, a associação entre fatores ambientais e de manejo tem feito com que a produtividade da maior parte dos rebanhos se mantenha em níveis muito abaixo da média nacional, uma vez que a produção de leite é influenciada pela interação dos efeitos genéticos, somados aos fatores ambientais em que o animal se encontra. (SILVA, 2007).

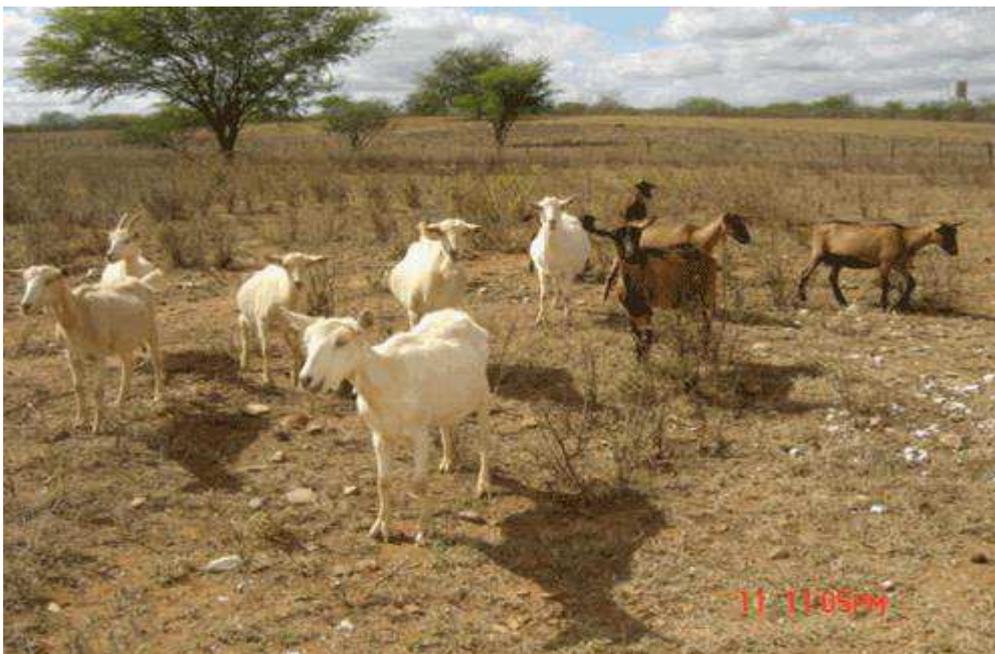


FIGURA 10: Exemplos das raças Saanen e Parda Alpina, criadas no Cariri Paraibano na época seca.

Fonte: Radar Técnico.

Ainda de acordo com Silva (2007), a busca de alternativas para convivência com o semiárido vem sendo construída com base nas críticas ao atual padrão de desenvolvimento e na formulação do pensamento alternativo da sustentabilidade, com o objetivo de melhorar as condições de vida e a promoção da cidadania por meio de iniciativas socioeconômicas e tecnológicas apropriadas, compatíveis com a preservação e renovação dos recursos naturais do solo e clima no semiárido. Nesse sentido, a caprinocultura leiteira faz parte das alternativas utilizadas nos últimos anos, principalmente no Cariri paraibano.

É importante ressaltar que algumas famílias têm aliado as duas atividades: a confecção da *sulanca* e a criação de caprinos, a fim de aumentar ou complementar suas rendas. Uma atividade não é excludente com a outra, entretanto, na Comunidade de Campo do Velho, apesar de haver um bom número de criadores leiteiros, a atividade da costura se faz bem mais rendosa.

## 2.1 A cidade de Coxixola

Segundo a tradição oral, alguém que passava ao Sul de Coxixola encontrou caboclos que batiam tijolos. Quando interrogados porque o faziam, responderam que seria para fazer um Cochicholo (Casa Pequena- Tupi-Guarani). Construído o pequeno

chalé, os tropeiros que ali passavam reuniam-se para comer, dançar, rezar e dormir. Então o povoado teve início em sua parte Sul.

Ao Norte do riacho Espinheiro, o primeiro morador foi Felix Tito, trineto e vaqueiro do capitão Domingos de Farias Castro, português que veio possuir terras e gados no Brasil em 1700, adquirindo terras dos Oliveira Lêdo. Este capitão teve dez filhos e entre eles existiram duas filhas que geraram descendentes que possuíram terras ou moraram em Coxixola.

A filha Izabel de Farias, casou-se com José da Costa Romeu que, após viúvo, casou-se com Izabel Bezerra, sendo os pais de Hilário da Costa Romeu, pai do Major Domingos da Costa Ramos, nascido em 7 de maio de 1797. Ele foi pioneiro no cariri, na utilização da prensa para enfardamento de algodão.

O morador da parte Sul, o Major Domingos faleceu em 1878 deixando aqui o Major Domingos II, que dali retirou-se em 1892, vendendo suas terras ao sr. Zeca Cipriano, que era casado com Dona Florzinha, com quem teve 17 filhos. O mais novo, o sr João Zeca, nascido em 9 de maio de 1902 e falecido em 22 de dezembro de 1999. Segundo ele, seu pai tinha adquirido o vapor de algodão que ocupava a vida de todos os filhos, tropeiros que descarocavam o algodão e o conduziam para Campina Grande, em seus burros que ficavam amarrados onde hoje é a Praça da Bandeira.

Destaco aqui a “árvore genealógica de Coxixola” como forma de registro na tradição da agricultura e cultura do algodão nesta localidade, primordial durante muitos anos para o sustento dessa população, razão pela qual o trabalho na agricultura persiste ainda hoje, mesmo quando insuficiente para a subsistência das famílias locais. A situação precária da agricultura de subsistência ou do cultivo do algodão, e a pobreza aguda que tais atividades propiciaram à população local durante séculos, permite inferir os motivos para uma visão mais valorizada da atividade de confecção nos depoimentos colhidos durante a pesquisa, mesmo que o trabalho da costura manifeste grande precariedade e informalidade para os que dela retiram seu sustento, como assinalado na seção anterior.



FIGURA 11: Cidade de Coxixola.

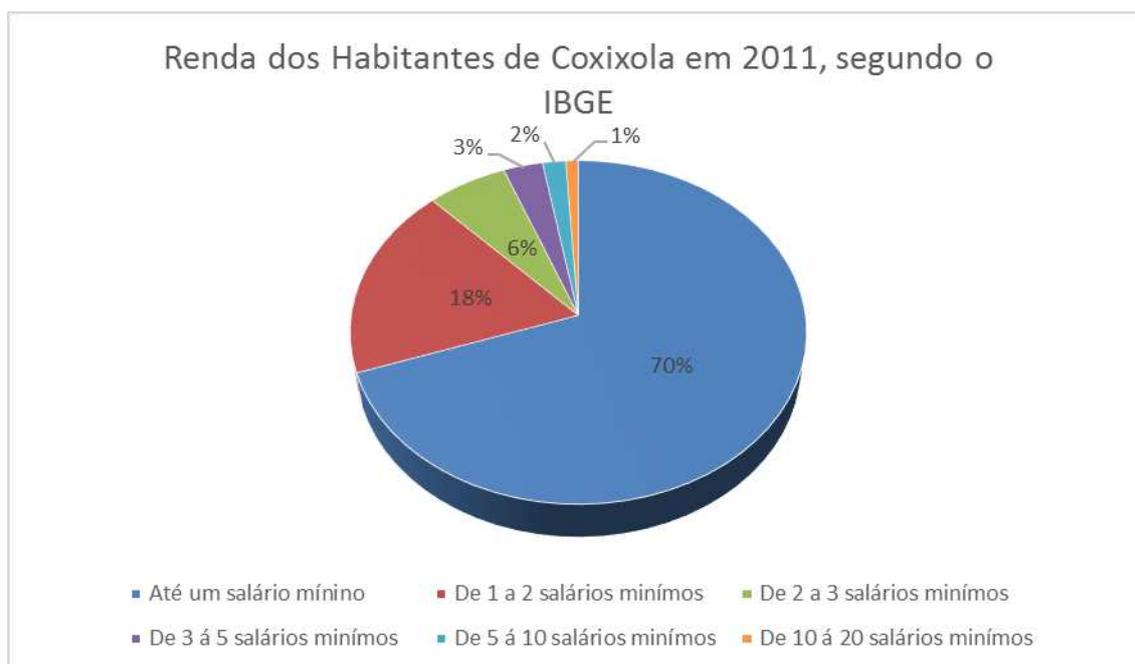
Fonte: Reprodução do Blog Umas e Outras.

Coxixola foi inicialmente um distrito de São João do Cariri e, a partir de 1960, de Serra Branca. Foi emancipada para cidade em 29 de abril de 1994. Ela ocupa uma área de 119 km<sup>2</sup> para uma população de uma população de 1.705 habitantes no ano de 2007.

Segundo dados do IBGE, no ano de 2001 frequentavam creches e escolas 421 habitantes e o número de pessoas sem instrução e com menos de um ano de estudo era de 153 habitantes. Apresentaram rendimento 713 habitantes (407 homens, 306 mulheres) e não apresentaram rendimento 496 habitantes. Ainda no ano de 2001 para uma população estimada de 1.422 pessoas, existiam 407 domicílios particulares permanentes, dos quais 397 com registro de renda. O número de famílias residentes nestes domicilio era de 421 famílias.

Com relação a renda dos habitantes coxixolences, de acordo com o IBGE em 2001, a maioria da população recebia até um salário mínimo. A mesma faixa de renda verificada entre as costureiras, conforme já mencionado.

**Gráfico 2: Renda dos habitantes de Coxixola em 2011, segundo o IBGE.**



Para o censo agropecuário de 2006 o número de propriedades estimado foi de 199 estabelecimentos, ocupando uma área total de 8.493 ha, onde 125 propriedades apresentavam lavouras temporárias ocupando uma área de 763 ha. O número de propriedades com pastagens naturais era de cerca de 89 estabelecimentos, com uma área de pastagem de 4.620 ha. Quanto ao registro de matas e florestas foram identificadas 17 propriedades com um total de 506 hectares. (IBGE, 2006).

Aproximadamente 125 propriedades apresentam rebanho bovino, totalizando 1.193 cabeças e 100 propriedades criam caprinos totalizando 4.337 cabeças. O rebanho de ovinos que totaliza 5.513 cabeças está distribuído em 119 propriedades. Como lavouras temporárias foram registrados 2,0 ha de algodão, 10,0 ha de batata – doce, 300 ha de feijão com rendimento médio de 400 kg/h, 300 ha de milho com rendimento médio de 500kg/ha.

Tais registros contextualizam melhor a cidade de Coxixola, apresentando suas características, cultivos, criação de animais, lavouras, renda, entre outros dados, e permitem conhecer melhor o perfil dos habitantes coxixolences e a compreensão das mudanças ocorridas a partir da instalação das unidades de confecção nessa localidade.



FIGURA 12: Mapa apresentando a localização do Município de Coxixola no mapa da Paraíba  
 Fonte: <http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=1259> (Último acesso em 29.07.2016).

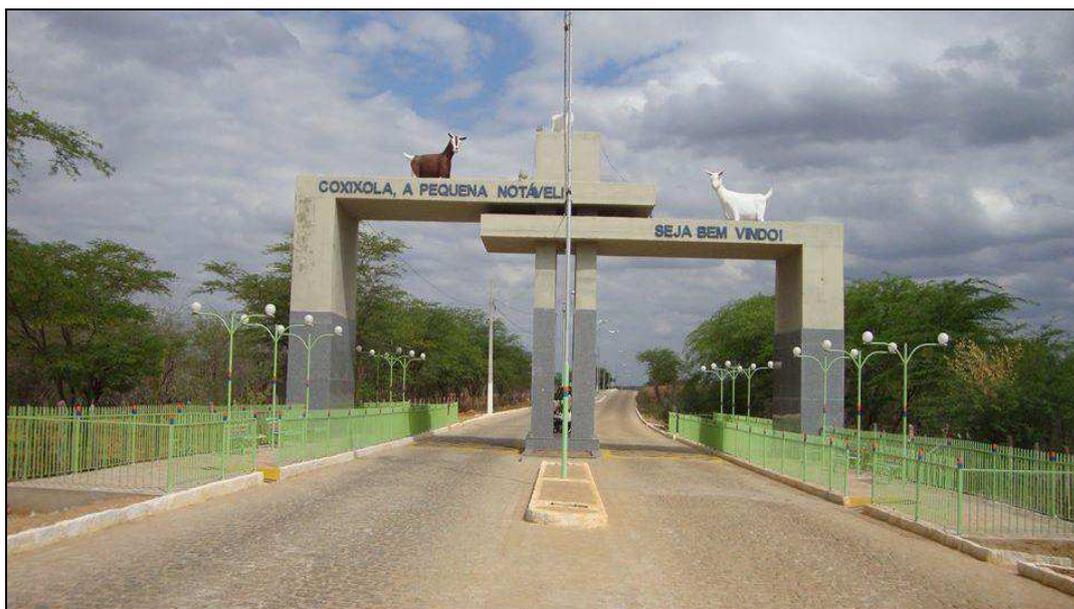


FIGURA 13: Portal de chegada da Cidade de Coxixola- PB.  
 Fonte: <https://www.pbtur.com.br/pr-a-onde-ir/coixola/> (Último acesso em 30.06.2016).

## 2.2 As transformações do mundo rural e a coexistência com a confecção.

É inegável o fato de que o espaço rural, em certas regiões, não pode mais ser visto como sendo caracterizado exclusivamente pela agricultura, o que tem levado alguns autores a afirmar que “rural” deixou de ser sinônimo de “agrícola”, haja vista que outras atividades vêm sendo desenvolvidas no campo, assim como práticas

tradicionais estão assumindo novos significados, expressando um desejo da população rural de ali permanecer e melhorar o seu nível de bem-estar social. (LOPES, 2007).

Lopes (2007), afirma que no caso da chamada agricultura familiar, particularmente, é preciso verificar, com base em dados empíricos, se as ocupações em atividades não-agrícolas pelo chefe e/ou membros da família indicam a perda progressiva de sua condição e identidade de agricultores, ou se, na realidade, configuram estratégias de sobrevivência para sua permanência no campo, nos marcos do desenvolvimento capitalista que tomou conta do agronegócio brasileiro.

A agricultura, sobretudo a agricultura de subsistência, sempre fez parte da vida das famílias que residem em áreas rurais. Por muitos anos ela foi o principal sustento da maioria das comunidades rurais em todo o país. O Cariri, composto por cidades ruralizadas – municípios pequenos com um aglomerado maior de pessoas nas comunidades rurais – é uma região marcada pela agricultura de subsistência aliada à criação de caprinos e ovinos.



FIGURA 14: Imagem de agricultores da comunidade de Campo do Velho tirada na década de 1960. Fonte: Arquivo pessoal de Givaldo Limeira.

Nesse sentido, o Cariri paraibano é um exemplo da transformação no perfil ocupacional da população rural, principalmente a partir dos anos 2000, com a expansão das unidades de produção oriundas de Santa Cruz do Capibaribe, o que não é uma particularidade desta região, nem este é o único meio de trabalho encontrado por essas famílias caririzeiras.

Para Lopes (2007):

No Brasil, o recurso a atividades não-agrícolas trata-se de uma prática antiga na sociedade rural brasileira e tem sido analisado como uma característica intrínseca à agricultura familiar, isto é, como uma estratégia de reprodução social do grupo doméstico, frente a situações adversas (Garcia Jr., 1989; Lovisoló, 1989; Seyferth, 1987)<sup>7</sup>. Todavia, só recentemente (década de 90) alguns autores (Schneider, 1994; Anjos, 1995) recorreram às noções de colonos-operários, agricultura de tempo parcial ou pluriatividade, para analisar a complementaridade da renda familiar como estratégia de reprodução social, em um contexto caracterizado pela integração dos mercados rurais e urbanos, modernas estratégias de expansão industrial (interiorização e flexibilização do processo produtivo) e novas relações de trabalho (terceirização e informalidade). (LOPES, 2007. p. 4).

A cada dia novas formas de trabalho são encontradas pelas famílias rurais, em busca de complemento de renda, ou até mesmo como única fonte de rendimento, já que a atividade agrícola não tem sido o suficiente, principalmente pela seca que assola os últimos anos, como afirma a costureira Júlia,<sup>11</sup> de 34 anos, e Zuza, de 40, ambas residentes na comunidade rural de Campo do Velho:

“Antigamente as famílias eram grandes e a gente era criado com menos né, todo mundo trabalhava, as condições não eram boas, uma casa que era gente demais como lá que eram onze irmãos, as condições não eram boas, mas criou-se todo mundo, nunca morreu ninguém de fome não, mas a gente vivia praticamente da agricultura né. Hoje em dia não, graças a Deus tá muito bom, com esses serviços de costura a gente não fica dependendo só da agricultura, até mesmo porque não dá mais, aí não tem como.” (JÚLIA, 34anos).

“Na verdade agora nossa relação com a agricultura está sendo muito pouca, até mesmo por problema de saúde meu, que eu não tenho saúde assim para trabalhar hoje na agricultura mais, então praticamente a gente não trabalha mais não, a gente não deixou totalmente, mas assim produzir mesmo, tirar alguma coisa dela como antes não, até mesmo porque não teve mais inverno né, então... mais assim, quando chove, geralmente a gente planta alguma coisa sabe, não é muita coisa mais já serve pra alguma coisa. Mas a gente foi criado dentro da agricultura mesmo sabe, teve essas mudanças depois de certa idade assim, mais a gente foi criado nisso aí mesmo, vivendo da roça mesmo braba como se diz, a gente plantava e colhia para sobreviver como se diz.” (ZUZA, 40 anos).

---

<sup>11</sup> Os nomes usados nos discursos são nomes fictícios, para não identificação dos costureiros entrevistados, como combinado na ocasião da pesquisa de campo. Os únicos nomes reais usados nas entrevistas são o do prefeito de Coxixola e dos fabricantes locais, pois fomos devidamente autorizados a divulgar suas identidades.

Esclarecemos também que reproduzimos as falas da mesma forma falada nas entrevistas, preservando assim a marca da oralidade dos entrevistados.

O depoimento de Julia e Zuza são representativos da percepção de famílias de Coxixola acerca de mudanças no mundo rural nos últimos anos por diversos fatores. Para muitas, já não é mais possível viver apenas da atividade agrícola. Assim sendo, atividades secundárias são adotadas por muitas delas na busca de garantirem o sustento e a reprodução de sua prole.

Tais mudanças vão além do exercício de uma ocupação não-agrícola para o sustento de suas famílias. A transformação do meio rural vai muito além da questão do trabalho e se expressa, para os moradores do Campo do Velho, em alteração nos hábitos, nos costumes, nos bens que começam a consumir, tanto materialmente como culturalmente.

De acordo com Carmo (2009):

O ambiente rural tem sofrido uma série de mudanças estruturais resultantes fundamentalmente do processo de urbanização que se estende e penetra em áreas significativas. Segundo o autor essas influências da urbanização, no entanto, não se generalizam e não são apropriadas da mesma maneira pelas diferentes localidades e comunidades. Pelo contrário, todos esses processos compreendem uma série de modalidades advindas de diferentes relações estabelecidas entre a tradição e a modernização. Neste sentido, nem é o moderno que invade e coloniza os espaços rurais, nem é a tradição que se apropria, à sua maneira, dos fenômenos urbanos. Existe uma inter-relação constante que depende dos contextos sociais. (CARMO, 2009 p. 56)

Ainda de acordo com o autor a “modernização” e a urbanização que penetram em espaços considerados rurais resultam de processos ativos e dinâmicos, desencadeados paralelamente pelas próprias comunidades locais, que interpretam e se apropriam singularmente de uma série de fatores de ordem socioeconômica e sociocultural. O que pode ser constatado nas comunidades referenciadas do Cariri.

Para os entrevistados das famílias rurais nessa pesquisa, tais transformações aparecem com a atividade da costura, em busca de uma alternativa diante da seca que castiga muitas regiões tornando a terra “improdutiva”. Percebe-se, como menciona o autor, uma urbanização do rural, ou uma mudança de hábitos dos moradores do campo, de atividades e de obtenção de renda.

Carmo (2009) pondera que a diversificação dos laços sociais associa-se normalmente à importação de novos estilos de vida mais urbanizados, que passam pela

incorporação de novos valores e rotinas como, por exemplo, o aumento e a generalização de novos hábitos de consumo, o alargamento do tempo dedicado ao lazer, a frequência regular de espaços lúdicos e de divertimento, a importância atribuída à cultura e à instrução e socialização dos filhos, o acesso generalizado aos meios audiovisuais de comunicação e de informação de massa, etc.

Segundo o autor, estas e outras práticas assemelham-se claramente aos modos de vida urbanos. No entanto, apesar da sua generalização, estes hábitos e valores de cariz urbano tendem a ser interpretados e assimilados à luz da cultura local e dos modos de vida tradicionais preexistentes.

De acordo com Wanderley (2000), as transformações mais recentes do meio rural são o resultado de fatores externos e internos. No primeiro caso, trata-se dos efeitos das novas relações económicas e políticas dominantes em um mundo cada vez mais internacionalizado, sob as formas de funcionamento e de regulação da produção agrícola e da valorização do meio rural.

Entre os fatores internos, para a autora, o meio rural sofrerá um profundo processo de diversificação social e suas relações com o meio urbano perderão definitivamente o caráter de antagonismo, em benefício das relações de complementariedade. Para ela, o desenvolvimento dos espaços rurais dependerá não apenas do dinamismo do setor agrícola, porém, cada vez mais, da sua capacidade de atrair outras atividades económicas e outros interesses sociais e de realizar uma profunda “ressignificação” de suas próprias funções sociais.

Carmo (2009) afirma ainda que as comunidades rurais que sofrem intensos processos de urbanização integram modalidades de diferenciação social distintas e, em muitos casos singulares, que não podem ser tipificados de forma geral. A urbanização não desmantela devastadoramente as estruturas anteriores. Pelo contrário, estas tendem a interagir com as estruturas modernas, de modo a constituir determinado tipo de práticas e de comportamentos sociais que não são plenamente modernos nem puramente tradicionais.

Já Schneider (2007) vai chamar a obtenção de novas atividades paralelas na agricultura de pluriatividade. Ele afirma que a pluriatividade refere-se a um fenómeno que pressupõe a combinação de pelo menos duas atividades, sendo uma delas a

agricultura. Estas atividades são exercidas por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco e consanguinidade (filiação) entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros não consanguíneos (adoção), que compartilham entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família. (SCHNEIDER, 2007 p. 3)

De acordo com o autor:

A combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas tanto pode ser um recurso do qual a família faz uso para garantir a reprodução social do grupo ou do coletivo que lhe corresponde, como também pode representar uma estratégia individual, dos membros que constituem a unidade doméstica. Neste sentido, seguindo a sugestão de Ellis (2000), a pluriatividade pode ser entendida como uma estratégia de reação, em face há uma situação de risco ou vulnerabilidade, ou uma estratégia de adaptação, que ocorre quando os indivíduos dotados de capacidade de escolha conseguem optar e decidir frente a um conjunto de oportunidades e possibilidades. Assim, a pluriatividade tem a ver com o exercício das capacidades e o poder de agência dos indivíduos. (SCHNEIDER, 2007 p. 3)

Para o autor a definição operacional da pluriatividade também requer a referência a uma unidade de análise a ser utilizada. A rigor, pode-se falar da pluriatividade de uma pessoa, quando esta exerce mais de uma atividade, ou da pluriatividade de uma família ou ainda de parte dos membros que integram a família. De acordo com o autor, nos trabalhos que tem realizado, a pluriatividade sempre se refere à família, pois considera pluriativa a família em que pelo menos um dos membros que a integra exerce a combinação de atividades agrícolas, para-agrícolas e não-agrícolas. Trata-se, portanto, da pluriatividade familiar que ocorre nos espaços rurais. (Schneider, 2007).

Lopes (2007) constata que na busca de tentar compreender as motivações e o significado que a pluriatividade tem para os membros da família, tomou-se como pressuposto que a mesma tem significados diferentes quando se trata do chefe/responsável pela família ou de seus filhos. Se o pai/chefe da família é o pluriativo, isto acontece ou porque ele tem uma renda satisfatória com a atividade agrícola, o que lhe permite utilizar o tempo disponível ocupando-se de outras atividades não-agrícolas, ou porque a sua renda é tão baixa que ele é obrigado a buscar ocupação em atividades não-agrícolas como forma de incrementar a renda familiar. Já no caso dos filhos, o

sentido da pluriatividade é diferente, faz parte do ciclo de vida da família, isto é, ao se tornarem adultos, naturalmente vão fazer escolhas, que podem muito bem ser a de trabalhar em atividades não-agrícolas, mesmo continuando a residir no meio rural ou migrar para as cidades.

Para o autor:

O debate sobre a pluriatividade remete, portanto, a questões relevantes sobre as condições de reprodução da agricultura familiar, como também sobre o desenvolvimento rural. Este último deixa de ser pensado exclusivamente como desenvolvimento agrícola, ou como a única estratégia para a solução de emprego e da pobreza no campo, quando o meio rural apresenta novas alternativas de renda para a família agrícola. Tal perspectiva leva também à redefinição do “rural”. A partir da unificação dos mercados de trabalho rural e urbano e do conseqüente desaparecimento da dicotomia campo-agricultura/cidade-indústria, o “rural” passa a incluir novos bens materiais e culturais advindos da expansão do comércio, do turismo e do lazer. Em muitos casos, essas alterações nos padrões de consumo passam a orientar, sobretudo os jovens, ao assalariamento em atividades extra-agrícolas. Muitas vezes, o trabalho agrícola é secundarizado e desvalorizado, passando a ser considerado penoso e menos atraente, ou até mesmo uma coisa do passado. (LOPES, 2007. p. 9).

A longa discussão sobre pluriatividade no meio rural, exposta parcialmente na bibliografia aqui mencionada, nos parece fecunda para refletir sobre a percepção de costureiros e costureiras acerca das mudanças no mundo laboral em Coxixola, conforme os depoimentos de Dalva, Sergio, Aurora e Julia:

Já, trabalhamos muito. Hoje lá uma vez ainda trabalhamos. Eu mesmo comecei a plantar um roçado, mas foi mesmo no tempo que não choveu, tinha umas criaçãozinhas aí vendi depois, mais todos participam da agricultura. Mais ainda trabalho, é porque as chuvas tão pouca né. Da pra conciliar um pouquinho com a costura né, as vezes a pessoa vai até costurar e paga o dia de serviço a alguém né, bota uma pessoa pra trabalhar né. Planta pouquinho, pelo menos pra comer milho e feijão verde. (DALVA, 43 anos).

“Minha família trabalha, meus pais, meus irmãos, tem uns que ainda trabalham. Com a costura mudou para alguns, para outros não, todos já tiveram relação com a costura, e alguns vivem dela, mas outros trabalham até hoje na agricultura. Não vivem só dela, mas trabalham ainda. Eu mesmo nunca trabalhei não, sempre foi na costura, mas minha família trabalhou e uns ainda trabalham.” (SÉRGIO, 29 anos).

“Meu marido bota leite né, Marco meu marido tudo é da agricultura né, sempre trabalhou, sempre gostou. Um complementa o outro, mas quem segura a casa mesmo sou eu. Assim dá para conciliar, sendo pouco da sabe.” (AURORA, 49 anos).

“Minha família sempre foi da agricultura, mãe, pai, tudo da agricultura, antigamente né, a gente desde de novinha que trabalhou também né, mas só que depois que eu fui pra Santa Cruz que eu voltei não trabalhei mais. Mas meu marido ainda trabalha com isso, ele ainda é agricultor apesar de costurar comigo. Da pra conciliar, eu ajeito as coisas de casa, ele faz as coisas do roçado e volta para os dois costurar, a gente vai se ajudando.” (JÚLIA, 34anos).

Pode-se afirmar então que muitas das famílias pesquisadas vivem da pluriatividade, conforme o depoimento de Dalva, Sérgio, Aurora e Júlia. Entretanto, dizer que essas famílias hoje tiram seu sustento da costura, ou que não vivem mais da agricultura, não quer dizer que elas abandonaram a tradição de seus pais, avós ou antepassados. Quer dizer que elas interagem com novas alternativas proporcionadas pela “modernidade” e são influenciadas pelas duas estruturas. Pois mesmo muitas pessoas afirmando hoje não viver mais do sustento da terra, eles se reconhecem enquanto agricultores, mesmo eles tendo acesso hoje a tecnologias como celular, internet e outros, muitos ainda seguem a tradição do campo.

Pode-se assegurar que estas mudanças são por vezes indispensáveis ao meio rural, e dificilmente ainda existem regiões que não sofreram algum tipo de urbanização ou transformação, mesmo com características diferentes.

Os aspectos econômicos e culturais se imbricam no modo de reprodução da vida material e simbólica, diluindo as fronteiras entre tais dimensões. Assim, uma transformação pela incorporação da pluriatividade pode começar primordialmente sob uma dimensão cultural, atingindo posteriormente aspectos econômicos. Como pode começar sob uma perspectiva econômica, pela forma de reproduzir seu trabalho, pela forma de lidar com a terra, ou não lidando mais primordialmente com a terra, modificando-se culturalmente, ou inserindo estas novas formas na sua cultura, nos seus modos de viver, o que não significa que esqueçam a cultura tradicional, mas que façam uma resignificação da mesma.

É importante ressaltar também que “modernidade” e “tradição” se tornam categorias muito relativas frente a um processo de incorporação da pluriatividade no meio rural, uma vez que uma não nega ou supera a outra, muito ao contrário, se incorporam, possibilitando a continuidade de um *modus vivendi* transformado dialeticamente, ou renovado, talvez.

No caso específico da incorporação da pluriatividade no meio rural de Coxixola, em entrevista, uma das costureiras falou que a chegada da energia às comunidades rurais nos anos noventa proporcionou que eles tivessem acesso a muitas outras formas de trabalho ou complemento de renda, como a costura para a sulanca, pelo fato de as máquinas serem elétricas; ou pela venda de picolés e sorvetes, por poderem fazê-los e estocar em geladeiras e frízeres; ou mesmo por poderem armazenar o leite da criação de cabras leiteiras em frízeres e tanques elétricos, entres outras alternativas.

Assim sendo, a inserção da costura do Polo do Agreste pernambucano em Coxixola tem provocado muito mais que uma simples mudança de hábitos na população atingida. Conforme os depoimentos colhidos na pesquisa, essa expansão tem provocado mudança nas relações sociais e de trabalho, acesso a bens materiais e alternativa de permanência na região.

### **3. A RELAÇÃO ENTRE O POLO DE CONFECÇÃO DE PERNAMBUCO E COXIXOLA: UM NOVO DESENVOLVIMENTO NO CARIRI?**

Para compreender-se melhor a relação entre o Polo de Confecções de Pernambuco, mais especificamente a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, e o município de Coxixola, é necessário um pequeno histórico de como a expansão do Polo chegou até este município. Através de entrevistas com os costureiros e o gestor local fez-se um pequeno resgate da história da costura de forma geral, tanto na cidade, quanto no setor rural.

Será contada de maneira separada a história da costura no setor urbano do setor rural por elas acontecerem em ocasiões e circunstâncias diferentes.

#### **3.1 A costura na área urbana**

Vale dizer que os primeiros registros de costura na área urbana de Coxixola não apresentaram nenhuma ligação com o Polo. Teve auxílio do governo estadual e aconteceu por meio da Associação Comunitária local da época. Diferentemente da área rural, que sempre teve tradição na costura mesmo não existindo o Polo ainda, e que, com o advento da energia elétrica, manteve sempre ligação com a cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

Faço o registro da criação da primeira mini-indústria na área urbana de Coxixola, tanto para perceber a diferença entre os dois setores – rural e urbano – quanto para mostrar a distinção entre a costura naquela época e hoje através dos fabricos e facções.

De acordo com o gestor municipal Givaldo Limeira<sup>12</sup>, a costura na cidade de Coxixola teve início antes mesmo da emancipação da mesma, em 1994, através de um

---

<sup>12</sup> Givaldo Limeira de Farias foi o primeiro prefeito da cidade de Coxixola cumprindo atualmente no ano de 2016 seu terceiro mandato. Foi líder comunitário da Comunidade rural de Campo do Velho por muitos anos e Presidente da Associação Comunitária de Coxixola, quando ainda era distrito de Serra Branca. Givaldo foi um dos responsáveis pela implantação da primeira mini-indústria de Coxixola e fabricou para o Polo de Confecções na comunidade de Campo do Velho entre os anos de 2008 a 2012 como veremos mais à frente no texto.

Do ponto de vista metodológico o resgate da história da primeira tentativa de implantação de fabrico em Coxixola foi prejudicado, pois foi inteiramente baseado no relato do gestor local, único depoente ouvido na pesquisa. Assim, o relato apresenta uma narrativa factual, mas também traz uma carga de valores do prefeito. A impossibilidade de ter outras versões acerca da introdução da confecção se deve porque todas

projeto do governo da Paraíba, adquirido por meio da Associação Comunitária da época, a qual ele era presidente quando Coxixola ainda era Distrito da cidade de Serra Branca.

Eu fazia parte de um conselho comunitário no Distrito de Coxixola, porque nesse tempo a cidade ainda não havia sido emancipada (...) então eu fazia parte desse conselho comunitário como presidente e descobri que Coxixola tinha umas máquinas de costura em desuso no município que tinham vindo através do *Cooperar*<sup>13</sup> e estava em poder de uma pessoa, então lutei junto com outros membros para que o Cooperar nos fornecesse essas máquinas através do conselho. Aí tinham seis máquinas de costura, depois teve uma disputa entre Coxixola e Santa Luzia do Cariri (Distrito até os dias atuais de Serra Branca) por essas máquinas, depois disso conseguimos um prédio e as máquinas para esse primeiro fabrico. (GIVALDO, prefeito de Coxixola).

Givaldo nos relatou que mesmo a associação tendo conseguido as máquinas e o capital de giro inicial, o projeto não funcionou, segundo o gestor, porque as pessoas não souberam trabalhar cooperativamente.

Ai nessa época eu arrumei cinco cursos de costura, de treinamento, de tudo no mundo para o pessoal, arrumamos dinheiro, jogamos dentro, capital de giro e não funcionou. Isso foi de 1994 para 1995. Aí se chamava “Mini Indústria de Confecções”, a gente conseguiu esse prédio lá, consegui essas máquinas, conseguimos vários cursos, conseguimos capital de giro, entregamos a eles para girar, mas nunca funcionou porque colocaram algumas pessoas pelo meio e o capital no instante acabava, esse capital vinha do Governo do Estado, através do *Cooperar*, era uma parceria do Governo do Estado com o Banco Mundial. Depois da prefeitura nós não tentamos mais não, porque ficamos muito desiludidos pela maneira que foi conduzido anteriormente, precisava que formasse uma cooperativa, pessoas interessadas que pudesse jogar algum recurso ali dentro, mas não aparecia, porque todos já tinham feito isso, porque a gente conseguiu três vezes o capital de giro e não funcionou, então percebemos que só funcionava se fosse privado, cada um tivesse sua empresa e botasse seus funcionários para trabalhar, porque quando parte para a cooperativa ou associação é perdido, o pessoal não tinham aquele espírito de cooperação. Só funciona se você criar por sua conta um fabrico e você contratar pessoas aí tudo bem, e ter um patrão

---

as outras pessoas que procuramos para entrevistar disseram não saber ao certo sobre a origem da confecção em Coxixola, indicando que apenas Givaldo saberia entrar em detalhes, por ter sido um dos protagonistas da iniciativa de implantar a confecção na época.

<sup>13</sup> O Projeto Cooperar, criado pela Lei nº 6.523 de 10 de setembro de 1997, sucedâneo do Projeto Nordeste do Estado da Paraíba – PNE/PB, criado pela Lei nº 5.760/1993, constitui-se uma Unidade Administrativa de natureza autônoma e provisória, vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão – SEPLAG. Ente governamental responsável direto pela execução de políticas e projetos de desenvolvimento rural sustentável, focados na redução dos níveis de pobreza rural, o COOPERAR atua em toda Paraíba há quase 25 anos.

Fonte: [http://www.cooperar.pb.gov.br/?pg=sobre\\_o\\_cooperar](http://www.cooperar.pb.gov.br/?pg=sobre_o_cooperar)

fiscalizando, gerenciando, se não tiver não funciona. (Givaldo, prefeito de Coxixola).

Segundo o gestor, na época já existiam as feiras em Santa Cruz do Capibaribe, contudo, o intuito era atrair compradores não apenas de Santa Cruz. O *Cooperar* se propôs a divulgar a experiência, caso percebesse que a Mini-Indústria estava funcionando bem, buscando mercado onde fosse possível: Santa Cruz, Fortaleza, Campina Grande. Entretanto, como as peças não saíam com um “padrão de qualidade”, segundo Givaldo, não conquistavam aqueles mercados. Além disso, segundo ele, a falta de organização da cooperativa, a informalidade e a falta de nota fiscal também contribuíram para que ficassem fora do mercado.

Primeiro começaram com peças infantis, porque as peças infantis eram boas para vender, mais aí ninguém queria ir levar para vender, eles não se organizaram a ponto de disponibilizar uma pessoa, que essa pessoa fosse lá vender a mercadoria ou buscar mercado, aí saíram fatiando. Depois tentaram fazer camisas masculinas, mas também não deu certo, a qualidade não saiu muito boa. Porque as pessoas eram aprendizes, nós trouxemos os cursos de costura, mas aquele povo não se interessava para aprender, não estavam preocupados em aprender não. Ai o que aconteceu? A peça não saía de qualidade né, com um padrão de qualidade que viesse a atrair compradores né, e isso dificultou o mercado. As pessoas falavam, ‘ah a peça não tá muito boa’, eu levei essas peças para Campina ainda para mostrar lá, ofereci mas o povo falava que não queria, quando olhava a qualidade da peça né, não se interessava, aqui já tem muita gente que vende, eles falavam, aí a gente tentava argumentar que ajeitava o preço, mais mesmo assim não houve o interesse. E também quando você parte para o mercado né, pra venda, tem a questão da nota fiscal né, porque todas essas mercadorias de loja tem nota né, a partir do momento que você não tem essa nota aí dificulta, aí o pessoal falava, rapaz infelizmente não dá pra gente botar uma peça na loja sem nota fiscal. (Givaldo, gestor de Coxixola).

Apesar da mini-Indústria não ter funcionado na época, o gestor nos relatou que “a ideia foi fantástica”, pois “o propósito da Associação era gerar emprego”, fazer com que a comunidade “aprendesse alguma coisa diferente e se desenvolvesse”.

Segundo a fala do prefeito, “os associados concluíram que o que não funcionou foi o estilo cooperativa”, pois hoje tem muitas pessoas que vivem da costura do Polo atuando como uma propriedade privada, como fabricantes ou empregadas.

“... esse estilo de cooperativa pelo menos aqui não deu certo não, tem que ter realmente um dono, porque você vê a quantidade de gente que tem hoje fabricando e funciona né, então acho que o nosso deu errado por isso, por todos ser donos e no fim não ter um enfrentante mesmo. Inclusive na minha gestão eu tinha vontade de montar cursos de

costura, para incentivar e capacitar o povo né, assim cursos de corte e costura. Mais assim, abrir uma cooperativa eu não quero mais não, porque eu tenho quase certeza que não funciona, como não funcionou lá atrás. Seria interessante treinar as pessoas, e depois, entre eles, eles mesmo criarem um cooperativa ou procurar campo para trabalhar. Porque não adianta o poder público criar que não funciona, pelo menos a experiência que tivemos não foi interessante né. Ela tem que nascer a partir da necessidade de quem está trabalhando naquilo, mas eu tinha vontade de capacitar mais as pessoas, porque tem gente que não traz mais fabricos para cá porque ainda tem que ensinar a costurar, e eles querem pessoas já trinadas né.” (Givaldo, gestor de Coxixola).

Apesar de eventuais boas intenções que o prefeito porventura tivesse, a incompreensão acerca do que vem a ser uma cooperativa e a forma como foi encaminhado a formação do empreendimento não poderia chegar a outro resultado, senão o malogro da iniciativa, como de fato aconteceu.

Na visão do gestor, a garantia e a dependência que os envolvidos na cooperativa tinham em relação aos incentivos do governo – seja porque imaginavam ter assegurado o capital de giro, ou que a associação encontraria parcerias – fez com que, por vezes, os trabalhadores não valorizassem a iniciativa, contribuindo assim para seu insucesso.

Diversamente da interpretação de Givaldo, não concordamos que o trabalho com cooperativas não funciona em Coxixola, pois o fracasso desta pode ter ocorrido por vários motivos, principalmente pela falta de uma organização dos costureiros enquanto grupo com interesses próprios e autonomia para realiza-los.

Depois do insucesso da Mini-Indústria Coxixolence, o gestor relatou que foi apenas alguns anos depois, com o crescimento e a expansão do Polo, que famílias de Coxixola despertaram o interesse pela costura, através tanto de pessoas que haviam migrado anteriormente para Santa Cruz do Capibaribe em busca de trabalho neste setor, quanto de fabricantes do Polo que começaram a enviar peças para facções formadas na cidade, fazendo com que muitas famílias passassem a viver desse meio.

### **3.2 A costura na área rural**

Quando referido à área rural, será usado como referência sempre a comunidade de Campo do Velho, por abrigar a maioria dos costureiros do município, como já relatado anteriormente.

De acordo com os depoimentos colhidos nas entrevistas, pode-se dizer que a costura na comunidade de Campo do Velho vem de tradição, passado de geração para geração, e veio a intensificar-se nos anos 1990 com a chegada da energia elétrica, proporcionando assim o advento de máquinas elétricas, e coincidindo com o crescimento e expansão do Polo.

Segundo os costureiros locais, a família Ramos – formada por ‘seu’ Tuninho, dona Maria, dez filhos, netos e bisnetos costureiros – é a principal referência para a atividade costureira na comunidade, que deu origem tanto a “costura particular”, como eles chamam, como a “costura sulanca”.

Em relação ao primeiro fabricante, os entrevistados referiram sempre ao senhor José Evangelista, morador da comunidade, mais conhecido como Toim, que trouxe o primeiro fabrico para a comunidade quando chegou a energia elétrica, em 1996.

Dona Maria, esposa de seu Tuninho, nos relatou sua vivência com a costura desde criança e como inseriu toda sua família nesse meio:

Eu comecei na costura através da minha mãe, aí eu aprendi com ela. Com 12 anos de idade eu já fazia uma peça sozinha, mais era costura particular. Aí quando foi de 13 para 14 anos eu fui aprender corte, aprendi e comecei a costurar particular mesmo até uns 25 anos. Aí casei e começou a aparecer família e mais trabalho né, porque aí aumenta as despesas. Aí eu nunca deixei de costurar não, toda vida costurei. Depois quando a família já tava quase toda criada e ainda não vinha peça de Santa Cruz pra cá, Tuninho comprou uma casa em Santa Cruz e eu fui trabalhar lá mais as meninas minhas filhas. Aí assim lá trabalhamos uns quatro ou cinco anos, depois eu vim embora aí eu deixei de costurar assim particular, eu costurava assim lá alguma pecinha, mas nessa época comecei a costurar para Santa Cruz, a sulanca mesmo sabe? Dava menos preocupação, meus filhos já tavam tudo criado, também eu já tava muito velha, minha paciência já tava estourada, porque cuidar de família e cuidar de costura né, muitos filhos né, eu tenho 10 filhos. Quase todos hoje vivem da costura, os que não vivem dela é porque não querem, mas todos sabem costurar e já pegaram peça para costurar, eu ensinei a todos, assim uns já aprenderam com os outros sabe, aí hoje em dia a maioria deles vivem através de costura mesmo. (Dona Maria, 70 anos).

Dona Maria nos relatou ainda a diferença entre trabalhar com a costura particular e a costura da sulanca:

Depois voltei pra cá, aqui mesmo eu não costurei mais sulanca não, só lá alguma vez, só particular mesmo. Assim costurar particular é muito bom, porque quando a gente faz uma peça, a gente na sulanca quando vem fazer o mesmo dinheiro que uma peça particular a gente

tem que trabalhar muito na sulanca né, mas a sulanca a preocupação é menos. A costura particular causa muita preocupação, tem que ter muito capricho, fazer igualzinho, fazer de acordo com o corpo da pessoa que quer a roupa né, é bem mais caprichada, mais preocupante essas coisas. A sulanca é menos cansativo. Assim, eu só costuro na máquina reta sabe, na overloque eu aprendi ainda, porque assim no meu tempo quando eu aprendi a costurar só era costura na máquina reta né, aí sempre costurei nela, naquelas pequenininhas, eu uso assim a overloque para fazer acabamento, para fazer alguma coisinha que eu quero fazer mas praticamente eu só costuro na reta mesmo. (Dona Maria, 70 anos).

Aurora, uma das filhas de ‘dona’ Maria e ‘seu’ Tuninho nos relatou que já costura há aproximadamente 37 anos. Aprendeu esse ofício aos doze com sua mãe e, semelhante a ela, faz costura tanto particular, quanto sulanca.

“Nasci aqui, aí com 15 anos fui pra lá pra Santa Cruz mais já para costurar mesmo, já sabia costurar. Quando eu aprendi a costurar eu acho que eu tinha 12 anos, era bem novinha, mãe sempre ensinou né (risos), era uma maquinazinha comum, era máquina no pé badalando. Quando chegamos lá foi que começamos a costurar nas máquinas de motorzinho, máquinas sofisticadazinhas, aí depois passamos para as máquinas industriais, eu mesmo na reta né. Porque toda vida minha máquina de costurar foi uma reta, as outras eu costuro, mais não gosto. Depois eu voltei pra cá, faz uns treze anos que estou aqui de vez agora. Mas sempre trabalhei com costura lá ou aqui, minha vida só foi costura (...) Bom, a costura particular é ótima pra ganhar dinheiro né, mais também é muito quebra-cabeça e umas coisas dão certo, outras tantas não dão, aí é melhor as pecinhas da facção porque a pessoa não está quebrando cabeça com nada, só de entregar, chegou o dia, a pessoa apronta e entrega ao dono e pronto. Mas sempre trabalhei nos dois, tanto na particular, quanto na facção.” (Aurora, 49 anos).

Madalena, 48 anos, também filha de ‘dona’ Maria, disse que aprendeu a costurar desde os dez anos de idade.

Minha família é de agricultores, mas sempre minha mãe gostou muito de costurar e passou a nos ensinar, no tempo que nós começamos a aprender era acho que seis né (...) todos aprenderam a costurar, depois nasceram os outros e uns foram aprendendo com os outros. Eu acho que eu comecei a costurar eu tinha uns 10 anos, todos de 10 a 12 anos ela começava a ensinar a costurar. Costurar, cortar. E nós sempre costuramos por aqui mesmo (...) com 15 anos a gente foi para Santa Cruz, aí moramos de uns 6 a oito anos por lá, esse foi o único período que eu saí, mas desde aqui eu já mexia com costura, não aquele tipo de costura mais já mexia. Lá nós trabalhávamos com short, short e camisa, trabalhava pra os outros, não trabalhava para nós não sabe. Depois voltamos pra cá e passamos a costurar aqui novamente, depois eu parei uns dias, depois comecei a costurar novamente sabe. Ai depois eu comecei a costurar para meu irmão, parei, depois pegava peça de Santa Cruz novamente, trazia, costurava, depois eu parei

novamente, voltei a trabalhar com meu irmão Sira. Nunca trabalhei para uma pessoa só, sempre fui mudando. (Madalena, 48 anos).

Damiana, 43 anos, outra das filhas de ‘seu’ Tuninho, disse ter aprendido o ofício nova também, mas só foi para Santa Cruz a partir da necessidade, quando nasceu sua primeira filha. Depois de certo tempo também retornou à comunidade e desde sempre viveu da costura, assim como seus filhos:

Já faz um tempo bom visse? Eu acho que foi logo quando Rita nasceu, que eu tive que comprar roupa pra ela assim, aí fui embora para Santa Cruz e comecei a trabalhar, e depois desse tempo não parei mais não. Eu acho que faz uns vinte e três anos, é de uns vinte e três a vinte e quatro anos, eu tinha uns vinte anos. Comecei lá, depois vim pra cá, e já faz uns 20 anos que costuro aqui. Depois que eu vim não voltei mais, desde esse tempo vivi de costura mesmo. (Damiana, 43 anos).

Já Sergio, 29 anos, filho caçula do casal ‘dona’ Maria e ‘seu’ Tuninho, disse ter ido para Santa Cruz também com a família, mas só aprendeu a costurar e começou a trabalhar nesse meio na comunidade de Campo do Velho, quando a família retornou e ‘seu’ Antônio Evangelista<sup>14</sup> colocou o primeiro fabrico, pois quando foram para Pernambuco ele ainda era muito moço. Desde então tem vivido de tal ocupação.

Comecei a costurara muito cedo, acho que com 13 anos, através de meus irmãos que já costumavam, comecei aqui na comunidade e fui evoluindo e até hoje ainda continuo. Já comecei costurando mesmo, não foi tirando ponta de linha como muita gente começa não, comecei já na máquina mesmo. Costuro há uns quinze a dezesseis anos. (Sérgio, 29 anos).

Nascida no vizinho município do Congo, vindo de família de agricultores, apesar da tradição na costura e casada também com um agricultor, ‘dona’ Maria nos relatou como foi envolvendo seus filhos no ofício:

Olhe quando meus meninos eram bem pequenos, tudim trabalhava no roçado com o pai, homens e mulheres, depois foi que foram se envolvendo com a costura, mas quase quando tava tomando conta de si, e naquele tempo eles casavam muito cedo, porque quando elas tavam em casa mesmo elas trabalhavam em costura assim, trabalhavam assim as duas mais velhas quando tava já de uns 15 para 16 anos aí o pai foi comprou uma casa em Santa Cruz e a tia né e uma prima minha trabalhava com costura aí elas foram pra lá trabalhar né. Eu sou filha única assim né, não tenho irmãos, mas a família da minha mãe todas sabiam costurar, tanto minha mãe quanto as irmãs dela

---

<sup>14</sup> Antônio Evangelista de Farias mais conhecido como Toim foi o primeiro fabricante a “montar fabrico” na comunidade de Campo do Velho após a chegada da energia elétrica. Ele migrou anos antes para a cidade pernambucana para trabalhar com costura e com o advento da energia montou seu primeiro fabrico na comunidade, como veremos no texto mais frente. Atualmente Toim fabrica casacos na comunidade.

todas eram costureiras, nós morávamos no Sítio Barra do Rio do Congo, me criei lá, depois foi que vim pra cá. Aí as filhas de tia Mel tudim costurava também, minhas primas de lá, é uma família que já era de geração mesmo assim gostar de costura, mas não era essa costura de Santa Cruz não né você sabe era outro tipo de costura, a nossa vó já era costureira né, aí mãe já aprendeu com ela e tia Mel, aí minhas tias todas aprenderam a costurar e passaram para os filhos todos, minhas primas todas sabem costurar e minha mãe me ensinou e eu ensinei meus filhos que ensinaram meus netos, já tenho até bisnetos que costuram viu (risos). ('dona' Maria, 70 anos).

Aí assim, quando eu me casei meu marido não tinha nenhum envolvimento com a costura ainda, depois ele começou a vender tecido, e ainda hoje ele vende. Ele comprava lá em Santa Cruz e vendia aqui comprava não, compra né. Mas hoje ele deixou de vender o tecido mesmo, ele vende esse negócio de confecção, essas coisinhas de idoso mesmo, coisas dele sabe. (Dona Maria, 70 anos).



FIGURA 15: Seu Tuninho e Dona Maria com seus 9 filhos, faltado na foto apenas o mais novo.  
Fonte: Arquivo pessoal da família.



FIGURA 16: Família Ramos, geração de bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos envolvidos na costura.

Fonte: Arquivo pessoal da família.

Moisés, neto de ‘dona’ Maria e ‘seu’ Tuninho, disse costurar desde os oito anos de idade, e quando indagado a respeito dos primeiros costureiros da comunidade ele disse ser seus familiares:

Minha família antes de ir para Santa Cruz já tinha envolvimento com a costura, minha vó já costurava à mão há muito tempo, ela aprendeu o ofício com a mãe dela, que já havia aprendido com outras pessoas, de outras gerações, toda vida foi costureira, aquilo que chamamos de costureira particular, ela ensinou também muitas pessoas aqui na comunidade, corte e costura, como as mulheres geralmente ficavam em casa, elas ensinavam nos tempos vagos a costura um as outras, inclusive, crochê, renascença, essas outras formas de costura a mão que ela aprendeu e passou para os outros. E minha vó ensinou todos os filhos a costurar na máquina a pedal, não era máquina elétrica ainda, naquela época nem havia energia aqui ainda. E depois é que eles foram para Santa Cruz e aprenderam a costurar em máquinas industriais, elétricas e tudo mais. (Moisés, 21 anos).

Em se tratando dos primeiros fabricos ou fabricantes da comunidade de Campo do Velho, estes começaram a ser implantados na localidade a partir de 1996 com a chegada da energia elétrica na comunidade, como já mencionado anteriormente, segundo os entrevistados os fabricantes pioneiros na comunidade foram pessoas da própria comunidade que anos atrás tinham migrado para a cidade pernambucana para trabalhar na costura e anos depois, com o advento da energia elétrica puderam retornar e montar seus próprios fabricos, oportunizando assim tanto a inserção de outras pessoas

neste meio, quanto retorno dos que tinham saído também em busca da costura em Santa Cruz anteriormente como eles.

Os primeiros fabricantes da comunidade, de acordo com os próprios costureiros, foram 'seu' Toim e outro senhor conhecido como Lula, e depois José Erivaldo.

O gestor municipal, Givaldo Limeira, relatou o quanto foi importante para o desenvolvimento da comunidade a chegada da energia elétrica, as dificuldades anteriores a seu advento e como se instalaram essas primeiras unidades de confecção:

Acho que faz uns vinte anos que temos algumas instalações aqui. Começamos com Toim e Sira né. Estamos em 2016, eu acho que foi em 1995, 1996. Logo que chegou energia por aqui na comunidade né, porque aí podiam trazer máquinas poderiam trazer tudo. Naquele tempo a prefeitura podia colocar por conta própria, aí a gente saiu colocando, nos lugares que tinha mais necessidade, e a gente colocou esse lá justamente porque as máquinas iriam pesar, comprometendo a energia. Então foi bem nessa época, em 1996, 1997, até porque Maria Francisca, Ana, Dilene, traziam costura de fora e elas precisavam das máquinas funcionando bem, e o pessoal traziam as máquinas e deixavam lá para elas trabalharem. Foi a partir daí que começou o desenvolvimento né, a gente tinha algumas ideias aqui na comunidade mais ideias que assim não davam certo porque sem energia você não faz muita coisa, fica limitada né, as vezes falávamos um gerador emprestado na cidade do Congo, isso era uma exigência maior do mundo, a gente tinha que falar o nome do vereador que havia emprestado não sei quantas vezes, se não na próxima não vinha (risos), na inauguração da igreja mesmo para conseguir esse gerador foi um sacrifício.

A partir da fala do gestor, podemos constatar o quão importante foi para a comunidade a chegada da energia elétrica e que foi a partir daí que oportunizou aos moradores o contato com a costura vinda Polo de confecções do Agreste.

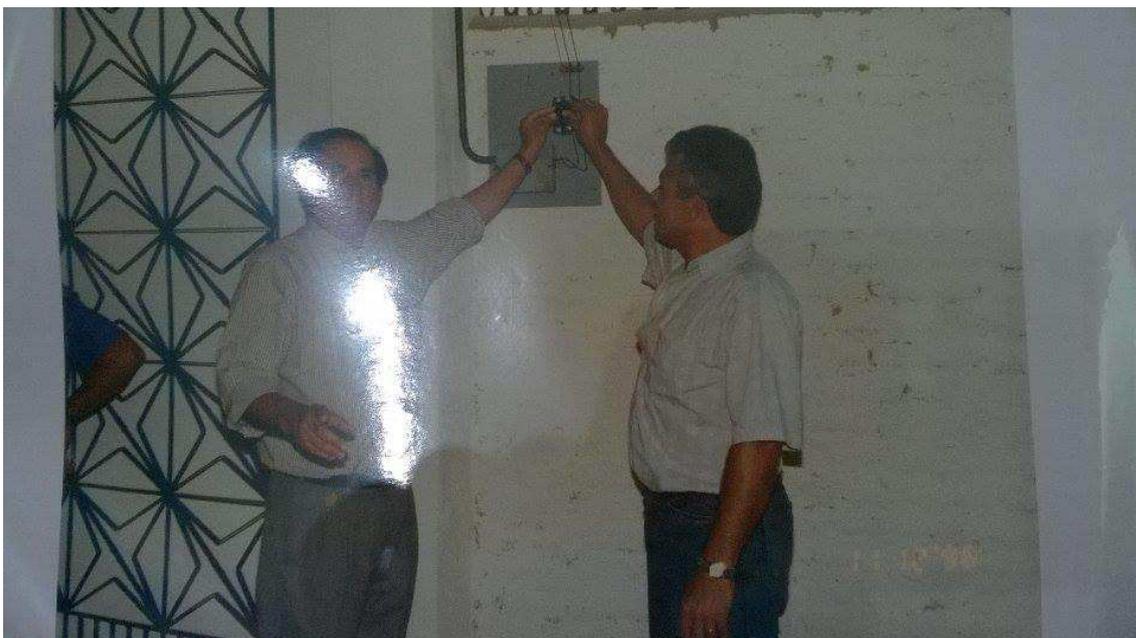


FIGURA 17: Imagem da inauguração da Energia Elétrica no Campo do Velho, na foto aparece à esquerda o então prefeito de Serra Branca na época, Dr. Agostinho, já que Coxixola ainda era distrito da mesma e à direita Givaldo Limeira, líder comunitário na época e atual prefeito de Coxixola.

Fonte: Arquivo pessoal de Givaldo Limeira.



FIGURA 18: Imagem da inauguração da energia elétrica de Campo do Velho, na foto aparecem membros da comunidade que prestigiaram a ocasião.

Fonte: Arquivo pessoal de Givaldo Limeira.

De acordo com Madalena, na sua lembrança a primeira pessoa que fabricou na comunidade foi Toim e os primeiros costureiros dele foram seus irmãos:

Olhe no Campo do Velho mesmo, Toim começou a trabalhar com calcinha ali naquele primeiro fabrico, acho que faz uns 20 anos viu, ou faz mais, porque foi logo quando eu casei, que meus meninos já passaram a trabalhar lá né, os meus meninos tinham uns sete anos na época quando eles começaram a trabalhar, acho que é uns 20 anos mesmo. A primeira pessoa que trouxe fabrico pra cá foi Toim, e os primeiros que começaram a costurar eram meus irmãos (...) eu também, eu comecei a empanar calcinha depois eu parei. Depois meus meninos começaram a trabalhar nos elásticos né, depois que eles começaram a trabalhar eu parei um tempo e deixei pra eles, porque eu comecei a trabalhar de merendeira depois, teve um concurso e eu passei, aí deixei pra eles trabalharem. Mais depois eu voltei a costurar novamente. (Madalena, 48 anos).

Juntamente à implantação do primeiro fabrico, várias pessoas na mesma época, incluindo a família Ramos, implantaram em suas próprias casas as primeiras facções, pegando peças de pessoas da cidade do Congo, de Caraúbas e até mesmo de fabricantes

do Polo, fazendo com que dentro de pouco tempo a costura se expandisse cada vez mais na comunidade.

Com o passar dos anos, principalmente nos últimos dez anos, esta é uma atividade que tem crescido cada vez mais na comunidade, chegando a ter quatro fabricos grandes e inúmeras facções, com os mais variados tipos de costura e “contrato”. Os quatro fabricos existentes são de filhos da comunidade, mesmo que estes tenham morado por um tempo em Santa Cruz do Capibaribe, ou ainda mantenham residência fixa por lá, mas são pessoas da própria comunidade, que têm família ali.

Em nenhuma das facções visitadas seus donos trabalhavam para pessoas de Coxixola. Pegam peças ou diretamente de fabricantes Polo, ou de pessoas de outras cidades que fabricam também para vender no Polo.

Contudo não podemos afirmar ao certo se o Polo chegou até Coxixola ou se foi Coxixola que chegou até o Polo. Se foram as pessoas que anteriormente tinham migrado para o estado vizinho que trouxeram a costura para a região a partir da necessidade de seus parentes e moradores que já tinham uma inclinação para a costura e oportunizados pelo advento da energia elétrica implantaram as primeiras unidades na região. Ou se foi o Polo que cresceu tanto que teve a necessidade de expandir-se para as cidades do estado vizinho, chegando até Coxixola. Provavelmente esse encontro entre a comunidade rural de Coxixola e o Polo de Confecção seja uma junção dos dois fatores: um cresceu tanto a ponto de necessitar expandir-se, juntando-se ao outro que estava tendo os primeiros acessos a energia elétrica e absorveu a partir também de suas necessidades a costura como uma atividade econômica para a região.

O que temos certeza é que a ligação entre os dois ambientes tem sido de grande importância para ambos, uma espécie de complementariedade, o Polo necessita dos serviços prestados pelos coxixolences e estes por sua vez, necessitam do trabalho oferecido por este importante celeiro de oportunidades que é o Polo de Confecções do Agreste.

### **3.3 O funcionamento da dinâmica entre o Polo de Confecções e a Região do Cariri Paraibano**

A dinâmica entre Cariri e Polo, ou seja, como funciona esta ida e volta de costura do Polo para o Cariri, e do Cariri para o Polo acontece de forma similar às outras localidades que são atingidas pela expansão do Polo, as contratações, os meios, as relações, os tipos de costura, as formas de transporte, entre outros.

Na cidade de Coxixola, mais especificamente na Comunidade Rural de Campo do Velho, existem distintos tipos de contratação, que culminam numa dinâmica muito semelhante, mas que merecem ser destacadas as diferenças.

Na comunidade de Campo do Velho há quatro fabricos, os quais, três de seus donos são da própria comunidade. Nesses fabricos os costureiros, arrumadores (ou aprontadores) e ajudantes, cada um na sua função, fazem desde o corte do tecido até a embalagem e arrumação dos pacotes deixando as peças completamente prontas para serem levadas às feiras. Além dos costureiros que trabalham dentro dos fabricos, os fabricantes também contratam mão-de-obra fora dele, ou seja, existem também pessoas que trabalham para esses fabricantes que costuram em suas próprias residências. Estas fazem apenas uma parte do aprontamento da peça – por exemplo: costura reta, colocação de botões, ou outro serviço na peça – e esta volta para o fabrico para terminar seu aprontamento.

Além desses fabricos, existem também costureiras que trabalham em seus domicílios, “pegando” costura de fabricantes do Polo ou de outros municípios, mas que vendem no Polo, indicados por conhecidos, e trazem peças para aprontarem juntamente com parentes ou vizinhos. A maioria destes costureiros pegam as peças cortadas e as entregam toda costurada, faltando apenas o aprontamento final, como a retirada de pontas de linha, colocação de etiquetas e embalagem.

Outro tipo de contratação é de costureiros que pegam a peça já cortada, geralmente calcinhas e cuecas, e costuram também em suas residências, sozinhos ou com a ajuda de parentes ou vizinhos, e entregam a peça pronta para a venda não precisando de mais nenhum aprontamento.

Tanto nos fabricos como nas residências é possível encontrar costureiros e “aprontadores” ou ajudantes de todas as idades, de crianças a idosos, tanto do sexo masculino como feminino, ainda que se perceba uma presença maior de pessoas jovens do sexo feminino.

Aqueles que não costuram nos fabricos, colocam suas máquinas de costura afixadas nas próprias sala de estar; outros constroem um “puxadinho”, um “salãozinho” do lado de casa para costurar. Tudo isso é muito comum observar nos municípios que

fazem fronteira com Pernambuco, principalmente nas cidades de Congo, Caraúbas, São Domingos do Cariri, Barra de São Miguel e Coxixola.

O transporte dessas mercadorias geralmente é feito por veículos dos próprios fabricantes de Santa Cruz, que trazem as peças na terça ou quarta-feira para o Cariri e voltam para pegá-las no domingo; ou costureiros responsáveis pelas peças transportam a mercadoria por veículos coletivos, como ônibus que “fazem a feira” na segunda-feira em Santa Cruz do Capibaribe. Estes mandam os sacos com a mercadoria pronta para a venda na segunda de madrugada diretamente para o “Moda Center Santa Cruz” onde os donos as esperam, e recebem de volta sacos de peças cortadas pelos mesmos transportes na segunda-feira, para começarem a ser costuradas na terça-feira.

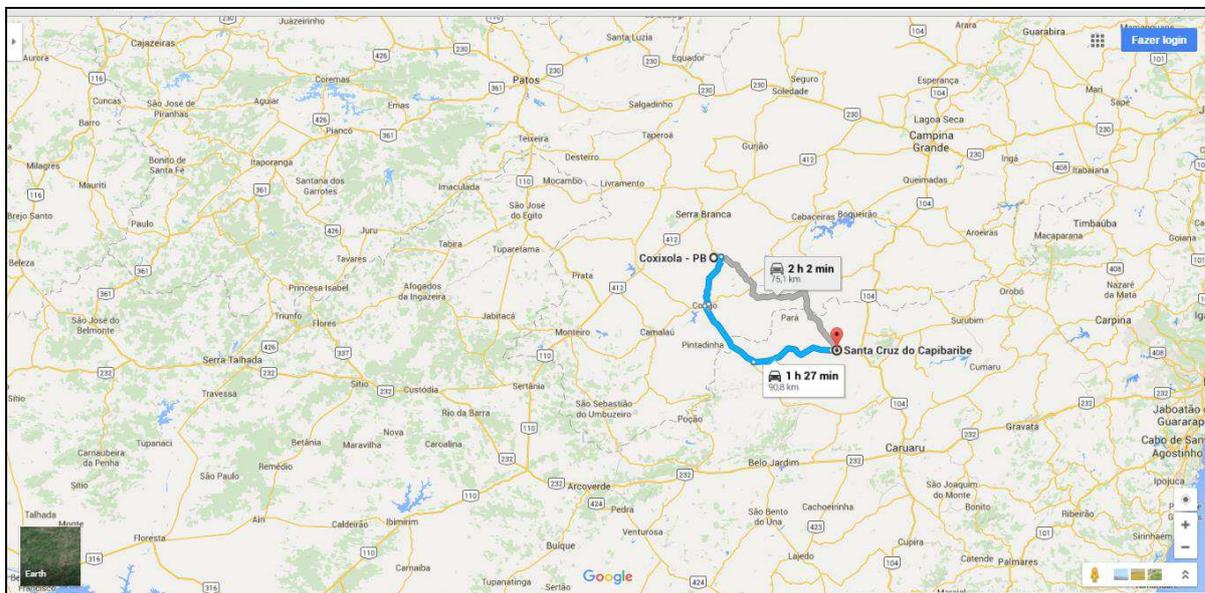


FIGURA 19: Mapa com demonstração da distância entre Coxixola e Santa Cruz do Capibaribe.

Fonte: Google maps.

### 3.4 Por que fabricar em Coxixola?

O que motivou os fabricantes locais a produzir no município de Coxixola? Quais as vantagens e dificuldades? O que a costura representa para eles? Como eles veem essa nova forma de trabalho na região?

Como já exposto, os donos dos fabricos instalados no município são de fato “filhos” de Coxixola, tanto os já fechados, quanto os que permanecem em funcionamento. Apenas as facções são de fabricantes do Polo ou de outros municípios. Das instalações produtivas consideradas fabricos no município, conseguimos entrevistar três de seus donos, sendo que um deles não fabrica mais.

Durante as entrevistas todos os fabricantes revelaram ser de família de agricultores e que até certo tempo viveram de tal meio, tendo que migrar para os grandes centros na fase adulta em busca de trabalho, voltando anos depois com o objetivo de montar negócios próprios na comunidade onde nasceram.

João Procópio, 64 anos, trouxe um de seus fabricos para a comunidade de Campo do Velho há aproximadamente 5 anos, fabricando também em Santa Cruz do Capibaribe. Disse ter passado por muitas dificuldades até poder começar a fabricar para si, e que seu sonho é voltar a morar de fato na comunidade.

Morei aqui até os meus 11 anos, minha família sempre trabalhou e viveu da agricultura mesmo, agricultura de subsistência. Quando eu tinha 11 anos fomos morar na cidade do Congo, moramos um bom tempo por lá, até que eu me casei. Depois que me casei morei mais 2 anos lá no Congo. Aí num ano de seca bem grande não deu mais para ficar lá não. Não tinha como me sustentar por lá não. Fui então morar no Rio de Janeiro, isso da década de 1970 para 1980, fui sozinho. Nessa época minha mulher ficou lá no Congo grávida, eu fui conhecer meu primeiro filho ele já tinha alguns meses.

Depois de um tempo lá, minha esposa foi pra lá morar comigo e com meu filho, lá trabalhamos em muitas coisas. Ela já mexia com costura lá, trabalhou em fábrica, e também costurava particular. Moramos lá uns oito anos e depois fomos para São Paulo. Aí foi lá em São Paulo que comecei a fabricar. Minha mulher já sabia costurar, aí nós dois juntos começamos a fazer peças íntimas de mulher, fazíamos conjuntos de lingerie, montamos um fabrico e nisso passamos doze anos fabricando por lá. O difícil lá era arrumar funcionário, e tinha outras coisas também, mais era bom, consegui me estabelecer lá, tive mais dois filhos e eles sempre trabalharam conosco, nos ajudaram, a empresa era da família. Mesmo estudando eles sempre nos ajudaram. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

João Procópio revelou que anos depois, em 2004, dois de seus irmãos estavam morando em Santa Cruz já há algum tempo fabricando, o que estava dando muito certo e crescendo a cada dia mais o ramo da confecção naquela cidade. O fabricante revelou que apesar de estar estabilizado e com sua família formada em São Paulo, seu desejo era voltar.

Minha maior vontade era de voltar para cá, digo voltar para cá porque considero Santa Cruz muito perto daqui, e lá eu posso está vindo para cá quando eu quiser. Nesse tempo, a feira não acontecia no Moda Center ainda não, aí ficamos pensando em vir fabricar em Santa Cruz. Mas só que tinha medo, porque lá em São Paulo a gente já tava estabelecido, estabilizado né. Tinha o nosso fabrico, tinha as pessoas que costumavam para nós, vendíamos bem. Então minha esposa veio primeiro com o meu filho mais novo ver como era as coisas por lá. Porque tínhamos medo de vir todos de uma vez e não dar certo, então

achamos melhor ela vir primeiro para ver se dava certo, para depois eu vir com o resto da família. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

João confessou que logo que chegaram à cidade de Santa Cruz do Capibaribe passaram por algumas dificuldades, principalmente com relação a diferença do valor da peça na hora da venda. Ele revelou que mesmo suas peças tendo uma qualidade superior às oferecidas na feira, inicialmente não encontrou mercado.

Sentimos muito a diferença de preço de São Paulo para cá. Lá os valores pelo qual vendíamos as peças eram bem maiores, aqui quando chegamos a feira era no meio da rua, os produtos daqui tinham valor e qualidade bem inferiores que os meus. Lá em São Paulo fazíamos peças mais caprichadas com material melhor e um preço bem mais elevado que os que eram vendidos na feira de Santa Cruz, aí tivemos que adaptar um pouco o produto para a feira daqui. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

Entretanto, o fabricante revela que depois que foi construído o Moda Center as coisas mudaram para melhor; a feira tornou-se mais organizada e os fabricantes puderam oferecer produtos com preços e qualidades mais elevadas, já que a estrutura do Parque das feiras proporcionava um maior conforto, comodidade e organização para isso.

Depois que mudou para o Moda Center, que fizeram as lojinhas, hoje tem muita coisa de qualidade na feira, nos boxes também, hoje tem muita coisa de boa qualidade, com preços mais elevados. Vai de acordo com o cliente, se você for para o Moda Center e quiser um produto com um preço mais popular e uma qualidade não tão boa você encontra, e se você quiser também um de melhor qualidade você vai encontrar também por um valor mais elevado. Então nesse sentido, eu acredito que eu com minha família fomos um dos pioneiros a oferecer na feira confecções de melhor qualidade e a um preço mais alto, pelo menos depois do Moda Center foi quando começou a mudar isso, antes só havia coisa boa nas lojas mesmo no centro da cidade. Hoje já fazem 12 anos que fabrico aqui para o Polo de Santa Cruz do Capibaribe, o mesmo tempo que fabriquei lá em São Paulo, e acho muito bom aqui, aí tenho dois fabricos, um lá em Santa Cruz e outro aqui no Campo do Velho. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

Tendo retornado de São Paulo e se estabilizado em Santa Cruz, João disse que havia chegado o momento de voltar para sua comunidade de origem, se não para morar definitivamente, pelo menos para fabricar:

Como eu lhe falei, eu voltei de São Paulo em 2004 para tentar fabricar em Santa Cruz do Capibaribe, logo que eu voltei comprei um terreno aqui no Campo do Velho, porque eu sempre tive vontade de voltar a morar aqui, gosto demais do sitio. Mas só que por enquanto

eu não posso morar aqui definitivamente porque eu tenho o fabrico lá em Santa Cruz e tudo é lá né, comprar os aviamentos, os tecidos, vender, tudo. Logo que eu voltei de São Paulo comprei aqui, mas tudo meu era lá em Santa Cruz, depois eu construí uma casa aqui e fiz esse salão e já faz cinco anos que comecei a fabricar aqui também. Eu continuo fazendo sutiã, aí fabrico nos dois lugares. No fabrico lá de Santa Cruz eu faço uns modelos tradicionais, aqueles mais reforçados de senhora, sem bojo, com alças grossas. E aqui no Campo do Velho eu faço modelos mais modernos, com renda, com bojos, e de acordo com a modinha que estão usando no momento. Tenho doze funcionários lá em Santa Cruz e doze aqui. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

O fabricante disse ter o objetivo de concentrar sua fabricação toda na comunidade rural de origem, o que, na opinião dele, traz vantagem tanto enquanto fabricante, quanto para os moradores da comunidade.

“Minha vontade é fabricar tudo por aqui, porque seria mais fácil administrar a confecção feita num único espaço sabe, porque eu fico correndo de lá pra cá, tem semana que eu dou três viagens de Santa Cruz para cá, sempre falta alguma coisa, aí tenho que trazer e tal. Mas minha vontade é de aumentar isso aqui e trazer tudo pra cá, porque gosto demais do sítio, é muito tranquilo, são tudo pessoa de confiança as pessoas que trabalham por aqui, você sabe que não são envolvidas com coisa errada. Eu só não trouxe ainda porque passei muito tempo morando fora e a pessoas que eu conhecia mais hoje já estão velhas, e as mais novas eu não conheço, aí sem ter muito conhecimento é mais difícil arrumar gente para trabalhar. Mais acredito que mais pra frente vou trazer tudo pra cá, porque é bom para mim e para as pessoas da comunidade que arrumam em que trabalhar né, porque se eu procurar eu acredito que tenha mais gente querendo.” (João Procópio, fabricante, 64 anos).

Com relação as dificuldades, João citou a distância e a má qualidade das estradas como os principais empecilhos para a travessia de ida e vinda da mercadoria entre o Polo e Coxixola.

Olhe, as dificuldades como eu já falei são a distância, porque você gasta para vir pra cá, mesmo eu tendo minha casa aqui, mas oficialmente eu ainda moro lá, então eu passo mais tempo lá do que aqui. As estradas também que não são tão boas, apesar que depois que terminaram o asfalto da cidade do Congo para Jataúba - PE melhorou muito. A dificuldade é quando chove, porque aqui temos dois rios né, aí quando os dois estão com água fica mais difícil passar com a mercadoria para levar para vender, aí temos que arrodar por Caraúbas e a mão de obra é maior. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

Indagado sobre o desenvolvimento local, João disse ver com bons olhos a instalação dessas unidades produtivas, não só por ser um fabricante, mas pelas pessoas terem a oportunidade que ele não teve, quando precisou migrar para o Rio de Janeiro e São Paulo. João lembrou, inclusive, que o poder público deveria dar mais incentivo aos fabricantes, visto que eles estão gerando emprego e renda para a população, e que estes poderiam se multiplicar cada vez mais.

Logo que eu trouxe meu fabrico para cá o prefeito da cidade do Congo ofereceu uma parceria não só a mim mas a outros fabricantes lá de Santa Cruz, para nós trazermos nossos fabricos para o Congo, para oferecermos emprego ao pessoal de lá. Funcionaria assim: a prefeitura entraria com o espaço e a energia e nós trazíamos nossas peças para o pessoal de lá costurar, para gerar emprego e renda para a população de lá. Mas nunca saiu não, eu não sei porque não foi pra frente, sei que não depende só dele também, e esse negócio é meio complicado. Mas eu acredito que as prefeituras deveriam incentivar os empresários, os fabricantes a colocar fabricos por aqui, da mesma forma que muitas cidades por aí incentivam a instalação de fábricas de outras coisas em seus municípios para a geração de empregos para a população. Como aqui no Cariri as cidades são todas pequenas e tem muita gente morando nas comunidades rurais, eu acho que seria uma alternativa com essa seca as prefeituras incentivarem os fabricantes a trazerem fabricos para o povo trabalhar, já que hoje por aqui já tem muita gente que vive disso. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

Na minha visão assim de fabricante, de homem que já viveu só da agricultura e tive que sair pra fora para poder criar minha família, eu acho que a costura aqui para a região tem significado uma boa oportunidade para aqueles que não encontram outro meio para sobreviver, para os que viviam da agricultura e principalmente para os jovens, meus funcionários aqui do Campo do Velho são todos jovens, adolescentes assim, pessoas de menos de trinta anos. E cada um deles tem suas coisinhas, tem seu celular, computador, saem final de semana para as festas, tem seu transporte e tudo isso eles conseguem através da costura. (João Procópio, fabricante, 64 anos).

Já Givaldo Limeira, presentemente não atua mais com a costura, mas fabricou entre os anos de 2008 a 2012 na comunidade de Campo do Velho, quando manteve-se afastado da Prefeitura local.

De família agricultora e tendo migrado anteriormente também para o Rio de Janeiro, o gestor e ex-fabricante disse ter começado a fabricar a partir da necessidade, pois não tinha nenhum vínculo empregatício, quando afastou-se por esse período da política. Assim sendo, Givaldo revelou ter visto na costura a oportunidade de sustentar-se e ainda oferecer trabalho para outras pessoas.

Eu comecei porque saí da prefeitura né em 2008. Então eu não tinha um capital, eu nunca tive assim uma estrutura de sobrevivência né, a minha situação financeira nunca foi boa, graças a Deus eu sempre arrumei a feira, mais eu não tenho assim uma segurança, um capital parado num canto, eu não tenho comercio, eu não tenho nada, e na época era da mesma forma. Eu só vivo disso, eu vivo da política (está no terceiro mandato) então quando eu saí da política, você fica sem nada né. Eu saí em 2008 da prefeitura e fiquei sem salário, o que é que eu fiz? Eu tinha seis mil reais, era o dinheiro que eu tinha aí eu pensei, se eu parar em casa eu vou comer esse dinheiro todinho. (Givaldo Limeira, Gestor municipal de Coxixola, 56 anos).

Givaldo revelou que escolheu fazer peças femininas, pediu algumas instruções a outro fabricante local e ele mesmo montou as primeiras peças:

Aí acabei começando a fabricar, pedi umas orientações aqui a Sira, fui mais ele em Santa Cruz, aí as minhas ideias (risos), fui lá em Toritama comprei alguns shorts, algumas coisas femininas que a gente sabe que coisa feminina é o que vende mais né, a gente tem que usar esse meio né, porque homem é bicho desmantelado visse, não tem a pareia não, homem rasga o short e nem liga de usar ele assim mesmo, mulher só precisa mudar de cor e ela já quer comprar outro né (risos). Então eu pensei nisso né, por esse lado e resolvi fazer coisas femininas. Então fui lá em Santa Cruz comprei os shorts assim daquele padrão sabe, comprei um de cada tamanho, aí desmanchei sabe, fiz os moldes por eles por minha conta mesmo, fui fazendo, Sira me disse mais ou menos as dicas que ele também não tinha tempo e eu fui fazendo. Meu maior trabalho foi aprender a infestar o tecido, porque para cortar eu mesmo fazia. Quem cortava era eu, eu cortava, eu dava acabamento, eu fazia tudo eu só colocava as pessoas para costurar. Cortava todas as peças, separava todas as peças, levava para as costureiras, depois ia apanhar e dava o acabamento aqui em casa. (Givaldo Limeira, Gestor municipal de Coxixola, 56 anos).

Segundo o gestor, ele obteve êxito durante bastante tempo como fabricante, ofereceu oportunidade de trabalho para outras pessoas, inclusive em outras localidades, porém era um trabalho muito cansativo e algum tempo depois que começou a fabricar, passou a trabalhar no município do Congo como secretário de infraestrutura, o que fez com que ele deixasse de fabricar.

Aí comecei né, produzi bastante, em alguns momentos foi muito bom, depois pegou algumas crises né, mais a gente sobreviveu dele. Eu também nesse período passei a trabalhar no Congo em uma secretaria lá. Aí eu trabalhava três dias lá, aí ficava quatro dias da semana incluindo sábado e domingo para eu fazer as peças, cortar e depois vender em Santa Cruz também. Eu mandava peça para Serra Branca, mandava para o Congo, meu genro ia pegar no Congo e nós dávamos acabamento a noite, eu ia pegar em Serra Branca e dávamos esse acabamento também a noite, íamos para meia-noite, uma hora da manhã trabalhando. Aqui na comunidade também tinha bastante gente trabalhando (...) aí tinha as pessoas que tiravam ponta de linha, só eu

aqui tinha dezesseis pessoas trabalhando comigo. (Givaldo Limeira, Gestor municipal de Coxixola, 56 anos).

É assim, não era um salário fixo, mais toda semana tinha o dinheirinho dele né, toda semana. Mais aí começou a esquentar a cabeça porque eu comecei a me cansar demais sabe. Trabalhava três dias no Congo, aí passava esses quatro dias que tinha era pra vender em Santa Cruz, comprar tecido, vim pra casa, cortar distribuir para as costureiras e dar acabamento, nesses quatro dias e eu também vendia dois dias em Santa Cruz. Aí quarta, quinta e sexta eu trabalhava no Congo, mas quando chegava a noite eu virava infestando pano e cortando, eu deixava Ivamar infestando o tecido, quando eu chegava eu riscava, aí eu já cortava a noite mesmo, aí eu separava peça por peça e no outro dia de manhã Ivamar já ia entregar e eu ia embora para o Congo. Era um negócio bem carregado mesmo viu. (Givaldo Limeira, Gestor municipal de Coxixola, 56 anos).

Além disso, Givaldo revelou o alto rendimento financeiro da costura, apesar de ser um mercado flutuante. Ainda de acordo com ele, o elemento mais difícil do processo para quem fabrica são as vendas, pois acaba sendo a parte mais cansativa e estressante:

“Olhe, em Santa Cruz eu ganhava muito mais, tinha mês de ganhar quatro, cinco mil reais, mais também tinha mês que só ganhava quinhentos, seiscentos depois que tirava os gastos, porque é muito flutuante não é. Aí que é que eu fiz? Comecei pensar em casa e disse às meninas: ‘meninas eu vou parar de fabricar, vocês se cuidem aí que eu não vou ter como fabricar mais não, não aguento não’. Aí passei a trabalhar lá em Caraúbas e no Congo que eu já trabalhava. Aí em 2012 eu trabalhei no Congo e em Caraúbas até voltar à prefeitura de Coxixola. Mais olhe o ramo de fabricar não é ruim; é muito bom se você fizer só ele. Agora, se misturar como eu fiz, porque eu me estressei muito com a sobrecarga e com a venda em Santa Cruz que é horrível, é muito ruim vender. Eu colocava gente pra me ajudar, mais era muito ruim, tem uma propaganda naquela rádio Center que eu não posso escutar, e aquilo me estressou demais sabe. Mais assim eu vejo isso assim como um meio de vida muito bom, eu não sei se é porque a gente mora próximo a Santa Cruz né, que a gente conhece demais, tem essa visão. (Givaldo Limeira, Gestor municipal de Coxixola, 56 anos).

Em relação ao “desenvolvimento local”, a partir da instalação das unidades produtivas de costura na região, Givaldo proferiu que, enquanto gestor e ex-fabricante, vê essas instalações como fundamentais para a comunidade, já que torna-se uma cadeia beneficiando tanto quem trabalha diretamente e seus dependentes, quanto o próprio comércio local, uma vez que, trabalhando, as pessoas terão capital para ter acesso a bens de consumo alavancando as vendas locais. O gestor revelou que quando fabricava chegou a enumerar mais de 72 empregos diretos ligados à costura na comunidade:

Vejo como uma boa iniciativa, pra gente que não tem de que viver, e as pessoas que estão fazendo isso elas estão contribuindo demais também para a sobrevivência das pessoas, para o desenvolvimento local, na época que eu tava fabricando eu fiz uma avaliação, porque eu gosto muito de números. Nesse levantamento a gente dava em torno de 72 empregos diretos, fora os indiretos, porque quando você dá o emprego direto aí você vai pegar os indiretos, porque tem as pessoas que sobrevivem daquele emprego também, não é verdade? (...) fora os que não trabalhavam para nós, que tem muita gente que trabalha em facções para outros fabricantes, né? E também nem todos esses empregos ficaram aqui, tinha gente que trabalhava para nós em Serra Branca e no Congo, mais se você fosse pegar quem vive essa experiência aqui, você pegava toda essa mão de obra daqui, então imagine que isso aí passa a circular esse recurso, passa a circular dentro da comunidade, dentro do município, o rapaz do bar vende mais um pouco, porque aquele cara que trabalhou a semana inteira vai lá tomar uma bebida, a pessoa compra uma peça noutro canto, paga um dia de serviço para outra pessoa que também não tá sobrevivendo daquilo, é uma cadeia você sabe, né? (Givaldo Limeira, Gestor municipal de Coxixola, 56 anos).

Ainda segundo Givaldo, a costura tem dado sustentação ao município e feito com que a economia do mesmo aumente, o que na sua visão deve-se também ao perfil costureiro da população local, que tem feito com que os fabricos e facções funcionem de fato, pois estes não se sustentariam se o pessoal não soubesse costurar nem demonstrasse interesse na atividade.

Então eu acho fundamental, né? Porque a intenção nossa sempre foi trazer os fabricos pra cá; eu vejo isso como um grande meio de sustentação e até de aumento da economia do município; eu acho que a gente tem um dos melhores municípios por causa disso também. Se for de maneira ordenada, organizada, dá uma sustentação que é uma beleza, e é uma das melhores coisas que temos aqui, até porque a gente já tem mais ou menos um perfil para isso, as pessoas daqui, começando pela família dos Tuninho, já tem um perfil para a costura, né? Quantas e quantas pessoas já não costuram? Isso facilita, né? Porque tem pessoas que são totalmente leigas; tem comunidade que é completamente leiga na costura; e aí fica difícil de implantar, né? Mais aqui tem o pessoal do Serrote Apertado que também tem essa visão, e eu acho que é um grande meio de vida, e para a economia do município eu acho que, sem dúvida, ela dá um grande avanço. Ajuda muito, né? (Givaldo Limeira, Gestor municipal de Coxixola, 56 anos).

Lembramos que, como já afirmado anteriormente, dificilmente encontraremos dados concretos em institutos como o IBGE, constatando o melhoramento da economia

a partir da costura, pois os costureiros uma vez questionados por algum órgão oficial, se afirmam enquanto agricultores.

Por fim, o gestor revelou que a construção das malhas rodoviárias da Paraíba nos últimos anos tem tirado do isolamento muitos pequenos municípios, otimizando a migração da costura do Estado de Pernambuco para a região do Cariri, a exemplo da PB 214, que facilitou bastante o fluxo de veículos entre os dois estados, fazendo com que cada vez mais fabricantes de Santa Cruz tenham interesse em trazer seus fabricos para esses pequenos municípios e efetuar apenas as vendas finais de semana na “capital da moda”.

Em outra comunidade rural de Coxixola, Serrote Apertado, a costura está tendo início a partir de José de Valentim, desde 2013, juntamente com suas irmãs, que migraram há muitos anos inicialmente para São Paulo, depois para Santa Cruz do Capibaribe. Já fabricam há um bom tempo e foi por meio delas que ele começou a fabricar também. José revelou não ter um espaço próprio para a costura ainda, tendo que trabalhar dentro de sua própria casa. Entretanto, já envia peças para outras localidades e tem sido um trabalho lucrativo.

Eu nunca morei em Santa Cruz, sempre morei aqui. Lá mesmo definitivo assim eu não morei não, minhas irmãs é que moram lá. Eu faço assim: trago o material e a gente produz algumas coisas aqui que a gente trabalha com modinha, né? Então a gente produz *cropped*, produz *body*, produz vestido e essa *peplum*, por enquanto está sendo isso, entendeu? Só que as meninas minhas irmãs produzem roupa de praia, né? Só que a gente é um grupo, como eu acabei de dizer, a gente tem um grupo e fabrica pouca coisa, porque não tem um espaço ainda adequado para produzir uma maior quantidade, mais assim muitas vezes a gente não está dando conta da demanda, não sabe? A gente fica, como se diz, em pendência em algumas coisas, mas a gente está tentando. Pelo menos a gente está vendendo o ano inteiro até agora, as vendas tão boas, apesar dessa crise aí que, vamos dizer assim, sei lá, desestruturou muita coisa, né? Mais a gente até agora vende bem, pra o porte da gente como se diz, a gente vende, vende o ano inteiro, na época do São João dá uma melhorada porque chega as festas juninas; assim como no final do ano para as festas, isso já é esperado mais que graças a Deus a gente tem vendido bastante o ano todo. (José de Valentim, Fabricante do Serrote Apertado).

De acordo com o fabricante, na comunidade de Serrote Apertado ele é a única pessoa que fabrica. José revelou que há muitas pessoas de sua comunidade que moram em Santa Cruz e Toritama, pessoas que mantêm residência na comunidade para vir

passar finais de semana e feriados, mas que faz anos que vivem da costura nessas duas cidades pernambucanas, uma realidade de muitos paraibanos.

As irmãs de José de Valentim começaram a fabricar na cidade de São Paulo; já costuravam na comunidade antes de migrarem para o grande centro, mas só iniciaram a fabricação no em São Paulo, anos depois vindo para Santa Cruz e, a partir do sucesso que obtiveram na cidade pernambucana, incentivaram o irmão a fabricar também, o que segundo ele, tem dado certo até então.

A gente nasceu e se criou aqui, trabalhamos muito tempo no roçado. Aí minhas irmãs depois foram trabalhar lá, já tinha uma que trabalhava com costura aqui, aí foi pra São Paulo aí se aprimorou vamos dizer assim, aí trabalhou lá eu nem sei nem quanto tempo foi que ela trabalhou, eu sei que ela ficou um bom tempo lá, aí veio, a minha outra irmã foi pra lá também, aí elas fizeram algumas coisas de costura junto lá, mas na verdade, assim a questão de aumentar o volume de produção, realmente foi aqui depois que ela voltou, quando elas chegaram aqui, tá entendendo? Elas têm um como se diz, uma quantidade boa de máquinas, tem uma quantidade boa de pessoas que trabalham para elas, de funcionários né. Então assim, elas produzem bem mais do que eu, quando elas vieram de São Paulo já foram direto para Santa Cruz, veio um primeiro, depois a outra veio, aí se agruparam lá e até hoje tá dando certo, entendeu? Não podemos dizer que produzem muita coisa não, mas produzem uma média boa, aí me incentivaram. Eu tenho esse serviço aí né (trabalha como motorista no município) e por enquanto tá indo né, estou trabalhando né, mas é uma coisa que não é segura né, é colocado, então é hoje não é amanhã, a gente não tem assim um serviço certo, esse serviço de prefeitura eles não são certo se não for concurso né. Então a gente optou para tentar isso aí, e até agora tá dando certo graças a Deus, faz mais ou menos um ano e pouco que estamos fabricando, mas a gente nunca sabe né, porque essa crise aí deu uma baixa, né? Mas eu acredito que vai dá certo, e por enquanto a gente não tá pensando em parar não, viu? (José de Valentim, Fabricante do Serrote Apertado).



FIGURA 20: Esposa de seu José de Valentim, tirando ponta de linha das peças no sofá da sala.  
Fonte: Dados próprios.

Já com relação ao crescimento provocado pela costura na comunidade, José revelou que apesar de fabricar pouco ainda, vê a costura na região como viável e importante, tanto para quem fabrica, quanto para os trabalhadores, pois há muitas pessoas que hoje vivem desse meio de sobrevivência, e ainda há mais pessoas necessitadas.

Olhe eu acho que é viável entendeu? Tanto pra gente que produz, como a gente gera algum emprego, alguma coisa pra alguém também que necessita né, que precisa. Então assim eu produzo pouco mais eu tenho assim umas seis pessoas que trabalham pra mim. Então eu acredito assim que é viável né, não é uma grande coisa mais que assim, na verdade a gente aqui vive com pouco né, então o custo de vida é mais baixo, então eu acho que é uma coisa boa, boa pra gente que produz né, a gente não produz uma mercadoria de primeira classe, mas a gente produz uma mercadoria boa, entendeu? Uma mercadoria que é bem aceita no comercio. Eu acho que é boa para ambas as partes pra nós que fabricamos, e para as pessoas que trabalham também, que precisam. E eu espero que mais gente faça isso né, como já tem em alguns lugares, porque tem gente que precisa disso ai. (José de Valentim, Fabricante do Serrote Apertado).

### **3.5 “Como a costura entrou na minha vida e o que tem provocado de mudança” – percepções sobre exploração e alternativas de trabalho em Coxixola**

Apresentada a história da costura no município de Coxixola, bem como quem foram seus primeiros costureiros, quem instalou os primeiros fabricos em tal localidade e tendo exposto as motivações, dificuldades e benefícios de fabricar nesse pequeno

município, agora será exposta a percepção dos costureiros sobre esse processo, em outras palavras, de que forma os coxixolences receberam a costura em suas vidas e até que ponto e de que forma ela tem mudado a vida dessas pessoas?

A jovem Amara, de 25 anos, residente no Campo do Velho, graduada em Ciências Sociais, costureira há quatro anos, atualmente trabalha no fabrico de Erivaldo, mais conhecido como Sira, filho de seu Tuninho. Ela afirmou que trabalha numa máquina overloque, que é o primeiro passo da formação da peça. No fabrico onde trabalha, os padrões confeccionam “modinha”, ou seja, eles não têm um tipo de peça definido, nem um tecido específico; trabalham com o que tiver sendo mais usado no momento.

A jovem acredita que a costura da sulanca tornou-se uma opção de trabalho nesta região há aproximadamente doze ou treze anos. E contou como tornou-se costureira:

Assim, porque eu parei um tempo (...), mais de costura mesmo, acho que uns quatro anos, porque costurei até 2011, uns dois anos, para a mulher do meu tio e ... aí depois eu entrei na Universidade, aí eu parei, porque ficou muito corrido. Estudar e trabalhar era difícil. Com uns dois anos depois eu voltei já para outro, para esse cara que eu tô agora. Aí faz uns dois anos que eu costuro, que eu trabalho para ele. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

A costura entrou na vida de Amara de forma semelhante à maioria das pessoas dessa localidade, através de parentes ou amigos. Depois eles começam a migrar para outros fabricos:

A mulher que eu trabalhava, ela casou com meu Tio, aí ela costurava, sempre costurou só, depois ela precisava de ajuda, assim que ela só já não tava mais dando conta. Ela é de lá de Santa Cruz do Capibaribe e veio morar aqui, aí pronto, pegou peça já de um parente dela também, aí costurava, com o tempo ela foi crescendo mais, foi aumentando mais as peças, ela não tava mais dando conta, tinha filhos também, aí pronto, eu comecei ajudar ela, fui aprender né, e conhecer porque não entendia nada de costura. Nisto trabalhei dois anos com ela; lá a gente fazia calcinhas de todos os tamanhos, de criança a adulto e ganhava bem menos do que ganho hoje. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

A forma de contratação de todos os entrevistados no fabrico ou facção onde trabalham é por produção. Não existe qualquer tipo de formalização. Todos trabalham por produção. Existe já um preço estabelecido para cada peça, variando de valor a depender da quantidade de

costuras necessárias em cada peça, da dificuldade da costura conforme o material a ser utilizado; e dos aviamentos usados.

(...) todos que trabalham lá, trabalham por produção ... você ganha conforme você produz. Assim, tem um horário definido como em qualquer outro trabalho, de entrar e de sair. Você produz e ganha conforme aquela produção. Nas temporadas melhores a gente trabalha mais, faz até serão (uma espécie de hora extra), e quando é mais ruim (as temporadas de venda estão fracas), aí se você passar uma semana ou duas sem trabalhar é normal; se ele não tem condição de comprar material, aviamento pra fabricar a gente fica sem trabalhar. O contrato é de boca, não tem contrato formal não. Mas a gente trabalha o ano inteiro, não é por temporada não. Pode até passar alguns dias sem, mais sabe que depois vai ter. Trabalho oito horas por dia, de 7:00 às 11:00 da manhã, e de 13:00 às 17:00 da tarde, e nas temporadas melhores a gente faz serão geralmente de 19:00 às 22:00 da noite. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

Ela relatou ainda que em sua casa só ela costura. Os demais membros vivem de outras ocupações, mas três deles já trabalharam com sulanca. Quando questionada sobre qual a importância financeira da costura na sua vida e na de sua família, ela nos descreveu que esta é para seus gastos pessoais:

Assim, é ... como eu não sou casada, mãe de família, moro com meus irmãos e minha mãe, o que eu trabalho é para mim, meu sustento de roupa, calçado, estudo, festa, passeio, eu não sustento uma casa com a costura, como a maioria das pessoas que trabalha, mas assim, essa é a realidade onde eu trabalho, a maioria das pessoas que trabalham comigo são adolescentes e solteiros como eu. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

Na entrevista a jovem revelou ainda que a costura tem grande importância na sua vida. Quando questionada o que estaria fazendo se não tivesse costurando, ela falou que não sabia, já que as alternativas são poucas na região. Mesmo tendo um curso superior, não é simples encontrar um trabalho. Para ela, se quiser permanecer na sua localidade tem que se submeter à costura, pelo menos até o momento. Ela relatou também que não havia exercido nenhuma atividade remunerada antes da costura: sempre ajudou nos afazeres domésticos e na “roça” quando mais nova, já que a mãe trabalhava fora. Mas, em se tratando de atividade remunerada, a costura foi a primeira.

No que concerne à relação sua e da família com a agricultura, uma das questões centrais da nossa pesquisa, Amara relatou que sua família ainda tem relação com a agricultura, mas não como antes.

Meus irmãos hoje em dia é quem trabalham. Porque assim, como os tempos tão bem secos aí hoje em dia não tá tão forte a agricultura aqui, até mesmo porque não dá. Mais assim, a gente cria bicho (animais) e sempre planta sim. Sempre que chove a gente planta; raramente a gente tem colhido nos últimos tempos; pouquíssimas pessoas hoje vivem da agricultura eu acho, porque não tem como. Mais assim, todo mundo é considerado agricultor, porque nunca deixa completamente. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

O depoimento de Amara retoma o tema da pluriatividade, já mencionado em outro capítulo. Ela acredita que a costura influenciou de alguma forma a relação das famílias dessa região com a agricultura:

Se falar assim em termos gerais, com certeza mudou, porque a maioria das famílias daqui do Cariri mesmo, elas sobreviviam, tiravam seu sustento da agricultura, o alimento da sua família da agricultura, plantava milho, feijão, melancia, jerimum, fava, algodão, mais isso faz tempo, e, de uns dez anos para cá, depois que chegou a costura de uns 10, 12, 15 anos para cá, depois que chegou a energia elétrica, veio isso, porque tem vários fabricos, se for pensar que é um município que não é tão grande assim, tem muitas famílias que tiram seu sustento da costura. Como tá seco agora, eu não sei como era que eles estariam fazendo não, porque mudou muito a realidade. Por exemplo, lá no fabrico onde eu trabalho, tem os donos que sobrevivem disso, e tem a cunhada com a filha que sustentam também uma casa da costura, e tem vários adolescentes, que assim tiram seu sustento para ajudar os pais, para não depender tanto deles, então a costura tem sido muito importante. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

Quando questionada se tem como conciliar agricultura e costura, a jovem disse achar difícil, já que os dois tomam tempo, mas relatou que algumas pessoas o fazem.

“Assim, eu acho difícil, viu? Acho difícil porque é dedicação; a gente cumpre horário, né? Só se você levantar muito cedo, para... para cuidar do roçado, da casa, almoço. Acho que pode ser, mais assim para quem trabalha em casa, quem costura em casa, que pode fazer melhor seus horários, mas para quem trabalha fora (no fabrico) é difícil. Mais, criar um bichinho quase todo mundo cria. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

Na pesquisa de campo constatou-se que quase todas as famílias ainda tem algum envolvimento com a roça e cuidam de alguma criação de caprinos ou bovinos. Para isso, ainda plantam nos roçados, irrigam com bombas, porque para muitos é o sentido de morarem em comunidades rurais. Mas a maioria faz isso dividindo as tarefas, cada um tem sua função: um costura, o outro arruma a casa, o outro é aposentado, o outro faz alguma outra coisa, pois torna-se quase impraticável uma pessoa só dar conta de trabalhar fora e fazer os serviços da agricultura.

Questionada se de alguma forma a jovem se sentia explorada pela forma de trabalho, ela foi uma das pouquíssimas pessoas que nos relatou o sentimento de ser explorada, sobretudo quando pensa no valor final da peça que fabrica em relação aos centavos que ganha para fabricá-la:

Assim, de certa forma eu acho sim, eu acho exploração no sentido que é .... se a gente for pensar o preço da peça e os centavos que a gente costura cada uma delas é muito pouco em relação ao que eles ganham na peça. Mais assim, a gente também não tá lá obrigado né, e a maioria não tem muita opção, a opção que muitos têm é de sair de um fabrico para outro, não tem muita escolha não. Ai eu acho exploração no sentido das peças serem baratas demais, mas sei que esta é uma realidade geral de todos os fabricos, e tem me ajudado, então não reclamo não. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

A percepção de Amara sobre exploração raramente foi mencionada por outros entrevistados no decorrer da pesquisa de campo, apesar de diversas situações narradas que também podem ser consideradas como tal: trabalhar aos sábados e domingos ou madrugadas em boas temporadas, receber baixo salário, não ter permissão para ausentar-se do trabalho quando necessário, não ter direitos trabalhistas garantidos... Uma “exploração consentida” diante das poucas opções reais de trabalho e renda que se apresentam na comunidade de Campo do Velho.

Outro jovem também disse sentir-se oprimido. Relacionamos a percepção de opressão destes dois casos ao fato de ambos terem tido acesso ao curso superior, o que lhes proporcionou uma compreensão teórica crítica da realidade social.

Amara expôs ainda como percebe a expansão da costura do Polo de Confecções de Santa Cruz do Capibaribe para o Cariri Paraibano, em outras palavras, a instalação dessas unidades de produção na sua comunidade e os impactos e mudanças que a localidade tem sofrido a partir de então:

Com certeza mudou, né! Porque as famílias, fico observando às vezes as famílias, as mulheres de primeiro eram só para cuidar da casa e dos filhos; e hoje em dia elas são dona de casa também. Elas não vão deixar de ser donas de casa não, mas tem muita gente que trabalha em casa, como minha ex-patroa, mulher do meu tio, ela trabalha em casa né; eu trabalhava lá na casa dela, então ela se divide entre a costura e a casa: coloca comida no fogo, vai para a máquina, levanta vai dá uma mexida, arruma uma casa, lava uma louça, tira uma ponta de linha ali, ela tá cuidando da casa e costurando ao mesmo tempo. E muitas outras deixam suas casas e passam o dia no fabrico trabalhando, e quando chegam meio-dia é que fazem comida, ou a

deixam feita já; e elas hoje em dia podem dizer assim que podem sustentar a casa. Muitas assim eu vejo, e de primeiro não era assim. Elas ajudavam os maridos na agricultura ou ficavam só em casa cuidando dos filhos e da casa, aquelas que não tinham nenhum preparo para exercer outra atividade, e agora elas estão saindo de casa como as mulheres de cidade grande, elas tem um trabalho fora aquele doméstico, se fores solteiras tem condições de se sustentarem, não dependem tanto dos maridos. Outra coisa que eu vejo é assim... os jovens da comunidade que trabalham, hoje que eles têm em que trabalhar, eles dependem menos dos pais, e assim o poder de... de compra deles aumentou muito assim, eles sempre tão tendo acesso as coisas, sempre tão comprando de roupa, calçado, indo à festa, comprando moto, celulares modernos, computadores, colocando internet em casa, sempre querem acompanhar o que está acontecendo lá fora; não são mais aqueles jovens pacatos de zonas rurais, que não tem acesso às coisas não; e antes não tinham isso não assim, era, era... como minha mãe conta uma roupa no ano, era duas festas no ano, e quando a gente era menor era assim mesmo, não tínhamos muita condição não, era muito difícil mesmo. Raramente a gente comprava essas coisas, e hoje em dia os jovens mesmo aqui da comunidade eles acompanham o que os dos grandes centros também, lógico, com suas diferenças, e sei que os tempos também são outros em termos gerais, mais a costura né, o dinheiro que esses jovens conseguem com a costura tem dado uma certa independência a eles para terem acesso a essas coisas. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais)

Entre pontos positivos e negativos da instalação dessas unidades de confecções na região, e, mais especificamente na Comunidade de Campo do Velho, ela apontou que se criou mais opções de trabalho, já que antes a agricultura era uma das poucas. Segundo a jovem:

se for uma pessoa que queira mesmo trabalhar, e bater na porta de qualquer um desses fabricantes, ou queira trazer de fabricantes lá do Polo, dificilmente você ficará sem trabalho, ou levará um 'não'. Pode não ser muito, mais alguma coisa você vai arrumar, você vai aprendendo e vai crescendo; porque antes o que era corriqueiro ver eram os jovens ou pais de família migrando para outras localidades em busca de oportunidades de trabalho, como os primeiros que hoje são os patrões; eles saíram porque não tiveram oportunidade aqui. (Amara, 25 anos, graduada em Ciências Sociais).

Entretanto, ela identificou como aspectos negativos da relação de trabalho a sua não regularização e, em decorrência de não ter carteira assinada, a ausência de direitos em caso de doença do trabalhador, não ter férias, etc. Amara acredita que muitos fabricantes 'correm' para esta região para fugir da legalização, para não precisarem pagar impostos, assinar carteira, enfim, para ter um custo menor com a mão de obra.

Outra percepção nos foi apresentada por Maura, 46 anos, natural de Coxixola. Residente desde sempre na Comunidade de Campo do Velho, casada e mãe de três

filhos homens e avó de três netos, costura há oito anos. Atualmente faz casacos no fabrico de seu primo Toim, mas já fabricou calças, camisetas de adulto e de criança. Ela disse saber costurar em todas as máquinas, mas sua função é fazer costura reta.

‘Dona’ Maura falou o fabrico atual não foi o primeiro que ela trabalhou:

“Trabalhei com Givaldo, só que eu trabalhava em casa, a máquina era minha, eu trabalhava em casa, eu pegava peça lá (na casa dele) porque lá não tinha fabrico como aqui, agora depois foi que eu vim para cá (...) eu comecei a trabalhar aqui em 2009, e sempre trabalhei por produção tanto lá no meu outro patrão, como nesse agora, a gente ganha tudo por produção”. (Maura, 46 anos, costureira).

‘Dona’ Maura nos relatou que na sua casa costura ela e dois dos filhos, todos no mesmo fabrico. Indagada sobre qual a importância financeira que a costura tem para sua família, ela falou que é um complemento de renda, e para seus filhos é a renda que eles têm:

É assim ... porque é um “ganhim” a mais, mesmo que apareça outra coisa, mais eles assim (seus filhos) a costura é uma coisa certa, tem semana que você ganha mais, porque tem semana que você ganha até 200,00 reais né, não é todas, porque às vezes afraca um pouco, mais tem semana que dá isso... aí pra mim eu acho que as costuras é bom demais, não sei se é porque a gente já tá acostumado né. (Maura, 46 anos, costureira).

Ela afirmou que hoje em dia sua família não tem mais nenhuma relação com a agricultura, mas ela juntamente com sua família cresceu trabalhando na agricultura de subsistência:

Não... tem mais não (...) mais antigamente tinha. Desde que eu nasci né, que eu conheci meus pais trabalhando na agricultura. Depois eu casei e fiquei um tempão trabalhando na agricultura. Só dessa época para cá, de 2007, 2008 pra cá, depois da costura que a gente deixou viu, afastou-se mais, porque mesmo Neném (marido dela) trabalhando na prefeitura, mais eu ainda plantava mais os meninos, pouquinho, não plantava muito porque não tinha condição de plantar sozinha sem o marido com os meninos, mais a gente ainda lucrava um pouquinho viu, só que também com essa seca né... a coisa fica mais difícil (...) mais antigamente a gente sobrevivia só da agricultura. .” (Maura, 46 anos, costureira).

‘Dona’ Maura vê com bons olhos a vinda da costura para a região, e falou das mudanças advindas desse meio:

Eu acho que foi bem vinda, visse... porque muitas pessoas que viviam assim sem trabalho né, às vezes não é muito né, mais você tem, ou pouco ou muito mais é uma coisa certa, você sabe que tem né,

e esses jovens né, essas pessoas mais novas, se não costura, mais já tira uma ponta de linha, já faz a arrumação né, e aí já é um ganho muito importante viu (...) e para as mulheres também né, porque as mulheres sempre são mais do que os homens né, as mulheres costumam mais, homens são poucos que costumam, tem também, mais são menos né, as mulheres se interessam mais, (...) antes o trabalho para mulher por aqui era mais difícil viu, agora não. (Maura, 46 anos, costureira).

Disse não se sentir explorada no seu trabalho, uma vez que sempre trabalhou pesado ganhando muito pouco. A costura, segundo ela, é um serviço mais “maneiro” e ganha por produção. Também disse não ver aspectos negativos na instalação dessas unidades de confecções na sua região e comunidade, pois, em sua percepção, trouxe muitos benefícios para os habitantes locais.

Arcanja Feitosa Rodrigues, 45 anos, nasceu no Sítio Poço Comprido, no Município do Congo-PB. Morou 12 anos em Santa Cruz, casou-se com um dos filhos de seu Tuninho e desde então, há um bom tempo, mora no Sítio Campo do Velho. Ela trabalha no fabrico de Sira, que é seu cunhado, mesmo fabrico de Amara. ‘Dona’ Arcanja nos relatou que trabalha com costura há mais de 12 anos. Ela iniciou costurando para Toim, depois costurou em Santa Cruz na época que morou lá, e depois que voltou para a comunidade permaneceu costurando, e o faz até os dias atuais.

‘Dona’ Arcanja afirmou que a costura entrou na sua vida por ser algo mais fácil de fazer, um serviço melhor para a mulher, segundo ela:

Porque foi a única solução que eu tinha, pra assim ... porque, a coisa mais fácil para mim que eu achei foi aprender a costurar, porque agricultura pra mulher não é lá muita coisa boa, não dá renda né (risos), e costurar é mais fácil, (...) aí fui morar em Santa Cruz, comecei a costurar aqui, fui morar em Santa Cruz, costurei lá, depois voltei e até hoje costuro. (Arcanja, 45 anos, costureira).

Ela sabe costurar em qualquer tipo de máquina e que já costurou em todas ao longo dos anos de costura. Falou também que sabe fazer todo tipo de serviço em um fabrico, mas atualmente ela costura na máquina reta. Ela relatou não ter contrato certo com seu patrão – “o contrato é de boca mesmo” – e que trabalha por produção.

Não, não tem assim um contrato certo não, é a hora que tiver o que fazer e a hora que você puder ir, (...) mais assim é sempre de 7:00 às 11:00 da manhã e das 13:00 às 17:00 da tarde, e quando tem muito o que fazer, eu faço um serão de três horas na parte da noite, e a gente trabalha por produção. Nas temporadas boas a gente ganha mais, nas temporadas fracas ganha menos né. (Arcanja, 45 anos, costureira).

Na casa de ‘dona’ Arcanja costuram duas pessoas, ela e sua filha, no mesmo fabrico. O marido dela já trabalhou com costura também, mas hoje ele é motorista.

Para ela, a renda proporcionada pela costura para sua família

...significa muita coisa viu... é ... ela significa tanta coisa que quando, é... quando passa uma semana sem a costura já fica muita coisa diferente em casa viu. Muita coisa diferente, não é brincadeira não. (Arcanja, 45 anos, costureira).

A única atividade que exerce além da costura são os afazeres domésticos, não remunerada. Em relação à agricultura, ‘dona’ Arcanja disse que sua família não tem mais nenhuma relação: “Não, já... meu marido já teve já viu, mais hoje em dia não, a gente cria cabra e cuida assim, mais plantar, essas coisas, não”. Segundo a costureira, torna-se difícil conciliar agricultura e costura.

Arcanja não se sente explorada por seus patrões. Em seu discurso percebe-se que a ideia de exploração está atrelada apenas à questão de não ser impedida de sair quando precisa. E, na sua forma de falar e “defender” o patrão, com quem mantém vínculos de parentesco por ser seu cunhado, considera tudo justo:

Não, não sinto não, que quando eu preciso sair, eu saio, eu..., mais primeiramente eu falo com eles né, eu vou sair, eu vou uma viagem, como em todo serviço, eu faço isso e é normal, mais assim... se eles acham bom ou não acham, mais eles dão o dia e eu saio. (Arcanja, 45 anos costureira).

Perguntada a respeito das mudanças vindas com a instalação dessas unidades de confecção na sua região, ela disse perceber muitas:

Provocou. Provocou muita coisa boa. A mudança é a renda para as famílias né, ajuda em casa, ajuda as rendas das famílias, as casas, e quem não é dono de casa também ajuda né, também acha muito bom viu, os jovens né, pelo menos tem aquele trabalho para eles né, e é assim, tem tanta gente viu, é porque os tempos tão ruim, não dá para colocar tanta gente para trabalhar, mais de vez em quando chega gente atrás... até os adolescentes querem, assim mais ele não pode colocar muita gente agora né, se vê que o tempo não dá né, que as coisas tão ruim para todo mundo, mais quando for mais pra frente ele (o patrão) se for melhorando as coisas ele disse que dá mais emprego. (Arcanja, 45 anos costureira).

Por fim, Arcanja disse ver apenas pontos positivos na migração da costura para a região, oportunidade para quem quer trabalhar. Ela admitiu não identificar pontos negativos nessa expansão.

Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais, mesmo curso de Amara, descendente da família de 'seu' Tuninho, teve início de sua vida na costura muito jovem, aos oito anos. Trabalha no fabrico de seu tio Sira e disse que lá, de certa forma, quem faz o salário são os próprios funcionários. De acordo com ele, cada peça tem um preço específico, dependendo da dificuldade do modelo e a soma do salário deles é feita por aquilo que produzem durante a semana, por isso que fazem serão (hora extra).

(...) a gente faz hora extra, para ter uma renda maior nos tempos de alta das vendas, que geralmente é final de ano e mês de junho; então a gente faz o nosso próprio salário. Mais nem sempre o valor da peça está ligado à dificuldade; às vezes o valor está ligado ao gasto que a peça tem para ser produzida, o que ele gasta de aviamento, ou tecido, ou bordado, ou estampa, aí às vezes mesmo a peça sendo difícil de fazer, ele não paga pela sua costura um preço alto, porque ele já gastou muito para produzi-la e ele não pode aumentar muito o valor final dela. Nesse caso ele desconta em outra, mesmo tendo um grau de dificuldade menor para produzi-la ela para um precinho melhor para compensar a trabalhosa.” (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Moisés sempre dedicou-se mais à máquina overloque, tendo contato algumas vezes com a máquina reta e a de colocar viés. Contudo, como tem bastante prática na overloque, seu patrão sempre preferiu que ele trabalhasse nesta. Em relação à rotina com a costura, relatou que apesar de sempre ter trabalhado em fabricos, para ele o ambiente de casa e do trabalho nunca houve uma dissociação de fato, já que ele é de família de costureiro e seu patrão é seu tio. Essa “fusão” entre o trabalho e o ambiente familiar é uma realidade na maioria das pessoas da comunidade, mesmo aquelas que não trabalham em casa, nas suas facções.

Sempre trabalhei no fabrico que geralmente sempre foi muito próximo de minha casa, como o fabrico era de meu tio, a gente saía de casa e já tava praticamente nele, e toda vida foi assim. Às vezes a gente até comia na casa do patrão né, e a gente vivia e vive assim, praticamente em casa mesmo, porque como ele é meu tio, a gente sempre teve uma ligação muito forte e no serão a gente jantava lá, às vezes eu até dormia lá, e é como se eu tivesse dentro de minha própria casa mesmo, porque eu sempre tive muita ligação com eles. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Moisés tem três irmãos e na sua casa, com exceção de seu pai, todos trabalham com a costura. Seus irmãos já casados sustentam suas casas exclusivamente do trabalho oriundo do Polo, algo que herdaram de sua mãe, que mesmo antes das unidades se instalarem na comunidade já batalhava atrás de costura nas cidades vizinhas em busca de sustento para criá-los.

Todos da minha casa, exceto meu pai, sempre tiveram ligados a costura, todos desenvolvem alguma coisa relacionado a costura, hoje minha mãe é merendeira né, ela desenvolve outra atividade, mas nunca deixou a costura, quando nós éramos pequenos, nós não tínhamos nenhuma renda familiar, meu pai era agricultor, e minha mãe sempre trabalhou na costura para manter a família, ela conta que já pegou muito, peças em Caraúbas, no Congo, ia de bicicleta para pegar peças, para trazer aqui para o sítio para costurar e no final de semana levar porque era a única forma que tinha de segurar a família. Meus irmãos, dois deles trabalham num fabrico só, a esposa de um deles também trabalha no fabrico na arrumação e empacotamento das peças, e minha irmã ela vende roupas, mais já costurou, meu cunhado marido dela vende lá no Moda Center, minha irmã também já vendeu na feira, já tirou ponta de linha, hoje ela não desenvolve assim propriamente a atividade da costura, mas sempre esteve ligada ao Polo, porque ela compra roupas de lá e revende aqui tanto na comunidade como na cidade, e a renda da família dela, já vem toda disso. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Indagado sobre a importância financeira que a costura tem para ele e sua família, o jovem atribuiu todas as suas conquistas materiais ao trabalho no fabrico. Depois que aprendeu a costurar de fato, nunca mais dependeu de sua mãe, pois ela ensinou desde pequenos a ele e seus irmãos que tudo o que desejassem possuir teriam que trabalhar para conquistar.

A gente nunca precisou na verdade depender de nossos pais, por que a gente trabalhava para manter aquilo que precisava, ter aquilo que precisávamos, então, por exemplo, minha mãe nunca teve condições de me dar roupas, calçados, essas coisas, nem a mim, nem a meus irmãos, porque a feira era o principal, eles não tinham muitas condições na época de ter acesso a isso. Então desde cedo ela nos ensinou a trabalhar para ter aquilo que a gente quisesse. Então se eu quisesse comprar uma calça eu precisava trabalhar, e era através da costura que eu conseguia isso, então tudo que eu conquistei foi através da costura. Desde de roupas, calçados, hoje tenho meu transporte, temos uma casa própria, celular, computador, entre outras coisas, tudo isso foi conquistado através da costura, e foi a renda principal de nossa casa. Hoje meus três irmãos são casados, são famílias independentes, mais todos três com suas famílias vivem da costura, ou de algo ligado a ela, a renda deles depende da costura. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Apesar de costurar desde criança, Moisés já exerceu outras atividades paralelamente à costura. Foi professor por dois anos de um programa do Governo Federal chamado “Mais Educação”, atuando na Escola Estadual do Município, e atualmente faz parte de um Programa da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG chamado Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID como bolsista, onde atua em escolas estaduais da região, o que não se configura como

uma renda propriamente dita, mas de certa forma, segundo ele, dá uma possibilidade de renda também, pois ajuda no sustento familiar. Disse ainda que mesmo trabalhando desde cedo, sempre conciliou com os estudos, aliando consecutivamente as duas atividades. Moisés conta como faz para aliar estudo e trabalho e como é sua rotina com a costura.

Bom, geralmente, como eu estudo e trabalho ao mesmo tempo, sempre tive essas duas atividades né de estudar e trabalhar. No começo eu trabalhava o dia inteiro, a gente trabalhava 8 horas diárias, e a noite eu estudava. Depois, quando eu passei a estudar na universidade, eu precisava sair mais cedo né, pra gente pegar o ônibus e ir para uma cidade distante, que é em média 2 horas de viagem. Aí a gente precisava sair mais cedo, então assim, eu fiquei mais assim um meio expediente, um meio horário na parte da tarde, e pela manhã todo, mas a gente sempre faz hora extra quando dá para fazer, né? Principalmente nas épocas de muita venda, que é final de ano e junho, a gente precisava chegar mais cedo, às vezes umas cinco horas da manhã, seis horas, pra ir até onze, onze e meia e até meio-dia. Como eu não trabalhava à tarde, tinha que compensar essas horas que não trabalhava. E principalmente nos dias de sábado e feriados a gente intensificava esse trabalho, trabalhava além das oito horas, trabalhava nos serões, e trabalhava à noite, e fazia hora extra como eu disse, chegava mais cedo e estendia a hora no que dava pra fazer, até mesmo porque como o salão dependia daquilo que eu produzia, era uma espécie de vantagem entre aspas a gente trabalhar mais, porque aí a gente ia ter uma renda maior. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Moisés disse que seu pai sempre foi agricultor, mas ele mesmo nunca teve muito contato com a terra. Um de seus irmãos gostava muito de ajudar seu pai a criar animais, mas atualmente todos são envolvidos com a costura, não atuando mais na agricultura.

Meu pai era agricultor né, ele toda vida plantou e criou ao mesmo tempo, né. Então ele tem a agricultura como fonte também, mas também tinha a questão de criar ovelha e tal... um dos meus irmãos era muito ligado à agricultura, então ele tinha muita ligação, mais nós os outros três sempre fomos muito ligados à costura, (...) com o passar do tempo, com as secas e tudo mais, como a agricultura começou a ficar muito difícil na nossa região né, e não era mais uma renda que é garantida, a gente começou a investir mais na costura, compramos algumas máquinas, então hoje minha mãe costura em casa, tem algumas máquinas dentro de casa, e depois a gente se dedicou só a isso mesmo né, e todos os nossos irmãos passaram a viver só da costura e também do salário de minha mãe que é funcionária pública. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Apesar de ser de família de costureiros e trabalhar para o próprio tio, Moisés diz que, de certa forma, sente-se explorado, pois quem trabalha com costura não tem hora certa para trabalhar, nem tem seus direitos trabalhistas garantidos.

É para dizer a verdade? (Risos) ... eu acho que a gente não tem hora certa para trabalhar, a gente é explorado nesse sentido assim, a gente não tem carteira assinada, a gente não tem direito a feriado, a finais de semana, é ..., então a gente depende muito da vontade do patrão, se o patrão quer que você trabalhe no domingo, ou no dia de folga, você vai ter que trabalhar, se ele quer que você trabalhe no sábado, a gente vai ter que trabalhar, de certa forma é uma exploração e a gente fica muito preso a isso, e por ficar preso a gente fica meio que escravizado né, trabalha fora do normal, às vezes como acontecia casos de ir para o sábado de madrugada, virava para o domingo, então assim a gente não tem final de semana, e isso a gente não gostava, né. Todos nós do fabrico achávamos muito ruim e íamos mesmo só porque o patrão mandava, mais não era porque a gente gostava, então de certa forma eu me considero explorado por esse tipo de trabalho. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

As mudanças provocadas pela instalação das unidades produtivas de confecção na comunidade são muitas, na opinião dele, a começar pela sua vida. Moisés disse que a costura tem feito toda a diferença na vida dos jovens da comunidade que se interessam por ela:

Com certeza, porque hoje em dia a gente vê a diferença que isso produziu, porque, como eu disse, tudo o que eu tenho eu adquiri financeiramente foi através disso, eu nunca tive outra renda além da costura, então foi a única fonte de renda que eu tive para adquirir tudo o que eu tenho. E isso aconteceu também com outros jovens que eu conheço amigos meus, que trabalhavam na costura porque só tinham também esse tipo de renda e mudou completamente a sua história, porque se precisavam de alguma coisa, um dinheirinho no final de semana, ir para uma festa, comprar uma roupa, a gente tinha esse dinheirinho, coisa que antes da costura não tinha, como eu disse todos os meus tios precisaram sair pra Santa Cruz para poder adquirir isso, e aqui a gente tem em casa, já ta dentro da nossa casa, e como eu disse muito próximo, a gente trabalha, sai, almoça, toma banho, volta pra lá, sai para estudar e tem a renda familiar sem sair de casa, então pode ter tudo ao mesmo tempo. E foi coisa que eu nunca precisei foi deixar a costura pra poder por exemplo estudar, pra sair, então muda muito a vida da gente, mudou muito a vida da gente e com certeza a vida de muitas pessoas que eu conheço né, que adquiriram suas casas, seu carro próprio, tudo isso foi através da costura que conquistaram. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Com relação aos pontos positivos e negativos, Moisés disse ver os dois lados da moeda:

como ponto positivo, é aquilo que eu disse né, a fonte de renda que chegou para muita gente né, muitas famílias dependem disso e isso tem sido muito bom, porque tem dado a oportunidade a muitas pessoas de ter acesso a coisas que antes não tinham. (...) Como ponto negativo eu acho que o principal deles é a exploração né de pessoas, inclusive de crianças né e muitas vezes se dá forma muito intensa e as vezes a gente nem percebe, então é um ponto negativo, que muitas vezes está invisível digamos assim, então a gente nem percebe mais que as vezes vai mexendo com a nossa história de vida, nossa trajetória né, como eu disse, se eu trabalhei desde criança, isso mexeu muito com a minha trajetória. Então tudo tem ponto positivo e negativo e esse é o que eu vejo de negativo. (Moisés, 21 anos, graduando em Ciências Sociais).

Joaquina, 37 anos, moradora da comunidade de Campo do Velho, costura na sua própria residência. Disse fazer vinte seis anos que vive do ofício. Mora em Coxixola desde 2006 quando casou-se, entretanto sua ocupação permaneceu sendo a costura.

Diferentemente dos demais costureiros entrevistados, Joaquina não trabalha por produção, nem tem um patrão. A costureira disse fabricar peças íntimas femininas para si mesma, faz todo o processo sozinha e tem uma forma diferente de vender, já que não possui boxe no Moda Center, nem tem condições de vender para lá diretamente.

Eu hoje não trabalho mais para os outros, não tenho patrão não, estou trabalhando pra mim mesmo, graças a Deus, fazendo as peças pra mim mesmo, não tenho funcionário porque não posso pagar, pago alguém para mim ajudar as vezes, pago o que posso pagar e o resto eu faço sozinha. Desde a compra do tecido, o corte da peça, empano, costuro, tiro ponta de linha arrumo, tudo, tudo. Só se eu quiser mesmo botar alguém para me ajudar, mas geralmente faço sozinha. Na verdade assim, eu só pego peça e entrego duas vezes no ano, eu pego uma encomenda com um atravessador e passo seis meses para entregar aquele tanto de peça, aí durante aquele tempo não adianta dizer que mais gente quer, mais cliente quer, que eu não faço. Só faço duas vezes no ano e passo um bom tempo para entregar já que eu faço tudo sozinha, aí o atravessador pega comigo por um preço e repassa por outro, mais aí eu não tenho essa preocupação de vender ou arrumar clientes. (Joaquina, 37 anos, costureira).

Casada e mãe de dois filhos pequenos, na casa de Joaquina apenas ela costura. Seu marido às vezes a ajuda na arrumação e tirada de ponta de linha. Ela usa o lucro obtido com as peças apenas para gastos próprios, e seu marido, que trabalha com a plantação de hortaliças e criação de animais sustenta a família.

Importância financeira ..., não tem muita importância financeira não (risos), o lucro que tenho hoje é muito pouco. Antes eu vivia só da costura mesmo, quando eu era solteira e vivia em Santa Cruz, minha renda era a costura mesmo, mas hoje não. Hoje é mais para eu ir para o médico, para pagar as consultas, fazer exame de vista, que eu faço

sempre e compro óculos, pra fazer minhas coisas pessoais. Aí quando eu vendo, eu compro material para fazer o mesmo tanto novamente, pra poder não ficar parada, ficar me mexendo né (risos) e o meu lucro eu vou pra médico como eu falei, faço minhas coisas, pra poder não ta pedindo tudo ao marido né. (Joaquina, 37 anos, costureira).

Para Joaquina, a costura trouxe benefícios para a comunidade, pois tem dado oportunidade de trabalho para muitos moradores que encontravam-se sem alternativa:

“Acho que sim né, de certa forma, porque assim, deu emprego a mais gente, tinha muita gente que não tinha assim emprego, só era assim de vez em quando uma faxina, uma lavagem de roupa, quando alguém podia pagar né, que nem era todo mundo. E com a costura acredito que mudou muita coisa né.” (Joaquina, 37 anos, costureira).

Aurora, 49 anos, filha de seu Tuninho, costureira há 35 anos, trabalha em casa. Divide-se entre a costura, a casa e ainda outra atividade no seu dia-a-dia. Aurora é responsável pelo tanque de resfriamento que armazena o leite dos caprinos de criadores da comunidade e ocupa duas horas diariamente na parte da manhã recebendo e fazendo os testes de qualidade no leite, utilizando o restante do dia para costurar e cuidar dos afazeres domésticos.

Diferentemente de Joaquina, para Aurora a importância financeira da renda com a costura representa tudo, pois apesar de seu marido trabalhar na agricultura, ela é a responsável pelo sustento da casa.

É tudo né, tudo o que eu faço é com a costura, eu sempre me sustentei dela. Mais eu também trabalho no leite, fico cuidando no leite, (...) faço os testes, medir a quantidade, notar tudo, entregar os papelzinho dos produtores, comprovantes, deixo as notas lá. Eu fico responsável por cuidar desse resfriamento do leite das cabras dos produtores daqui, do tanque gelado. (...) Meu marido bota leite né, Marco meu marido tudo é da agricultura né, sempre trabalhou, sempre gostou. Um complementa o outro, mas quem segura a casa mesmo sou eu. (Aurora, 49 anos, costureira).

Quanto às mudanças e transformações locais a partir da inserção da costura na vida dos moradores da comunidade, Aurora disse perceber um grande avanço, principalmente no acesso a de bens materiais, o que não era comum na comunidade antes da instalação das unidades produtivas.

Eu acho que foi muito bom visse, foi muito bom, porque tu vê que antes ninguém tinha liberdade de comprar uma coisa, todo mundo, ninguém saia de casa porque não tinha dinheiro, ninguém tinha sua moto, ninguém tinha sua Biz (moto), o povo não tinha quase nada. E hoje todo mundo tem suas coisas né, até seu carro muita gente já tem, tem sua casa, todo móvel dentro de casa, e hoje todo mundo tem, e foi

depois dessas costuras viu, dessas facções, que as pessoas trazem pra cá, graças a Deus eu acho que ajudou muita gente, muita gente viu, e pra os jovens eu vejo que é bom sabe, muito bom se interessarem e aprenderem é muito bom. (Aurora, 49 anos, costureira).

Júlia, 34 anos, casada e mãe de dois filhos, também moradora da comunidade de Campo do Velho, costureira há aproximadamente 22 anos, trabalhou muito na infância na agricultura; migrou aos 12 anos para Santa Cruz para aprender costurar, ofício que exerce até hoje como sua única fonte de renda.

Lá eu passei um tempo trabalhando pra mim, só que quando a gente chegou aqui, pra gente vender tinha futuro, porque tinha que ir pra lá e gastava mais do que a gente ganhava, então a gente deixou. Aí passamos a fabricar para Enoque, meu cunhado, que é casado com minha irmã, que eu morei com ela. Aí ele começou pagando pouquinho, mais a gente tava aqui dava pra ir se virando, dava pra ir sobrevivendo com o que tinha, não era lá essas coisas não mais dava pra ir vivendo, mais isso depois que a gente veio embora pra cá né. E assim já faz nove anos que estamos aqui de volta, trabalhando com isso e pra ele. Mas eu já trabalhei pra mim mesmo fazendo calcinha de criança, trabalhei uns três anos assim pra mim. (Júlia, 34 anos, costureira).

Em casa, ela e seu esposo costuram partes do processo de confecção de peças íntimas femininas, e ambos recebem por produção. A costureira construiu uma espécie de “puxadinho” ao lado da sua casa para trabalhar e revelou que é “puxada” a rotina de costureira, dona de casa e mãe.

(...) fiz esse puxadinho aqui, esse salãozinho para costurar. Ah minha filha aí é difícil porque quem trabalha em casa é direto, eu só levanto pra fazer almoço, aí descanso um pouquinho, retorno, aí de cinco horas paro para fazer caminhada, faço a janta e retorno, aí quando é umas dez horas da noite eu paro, aí eu não sei fazer a conta assim de quantas horas eu trabalho não viu, todo dia eu faço serão, praticamente todo dia, só quando o tempo tá muito ruim que não tem quase peça que eu não faço, porque é pouquinha, aí não precisa fazer, mas senão é todo dia. (Júlia, 34 anos, costureira).

Além do benefício do Bolsa Família que ela e seu marido recebem do Governo Federal, a costura tem sido a única renda da família há muito tempo.

Ah minha filha posso dizer que a costura é tudo, a renda é essa pra tudo, tirando a ajuda que a gente recebe do governo, é daqui que vem tudo, é disso que vem tudo, sem mentira nenhuma, sem a costura eu fico sem chão, porque não tenho outro ganho. E assim meu marido ainda tem alguma rendinha de outra coisa porque cria uns bichinhos aí ainda tira alguma coisa, porque da agricultura não ta dando pra tirar mais nada né, então fora isso aqui só o benefício do governo mesmo. (Júlia, 34 anos, costureira).

Em relação à agricultura, Júlia disse não ter boas lembranças do tempo que trabalhava no roçado, pois se tratava de um serviço muito pesado.

Olhe pra mim a costura é tudo, da agricultura eu tirei pouco demais, eu só fiz adoecer, eu só fiz arrumar doença (risos), até hoje eu estou sem coluna, olhe cabo de enxada pesa viu, é pesado. A gente desde pequenininha era com uma enxada nas costas, trabalhava muito e ainda carregava os feixes de lenha na cabeça, coisa que hoje o povo não bota mais. Os meninos de hoje não sabem o que é isso não, carregava água e quando chegava na porta de casa ainda derrubava a lata pra voltar pra o rio pra ir buscar outra. Era tudo pequenininha e trabalhava, não era só nós não, era todo menino por aqui, hoje são tudo preguiçoso, eu tiro porque eu tenho uma eu sei. Mas hoje as coisas melhoraram muito, não que fosse tão ruim antigamente, a gente trabalhava muito, era muito puxado assim, tinha que fazer muita coisa, pegar água no rio que era longe, tirar lenha e trazer na cabeça que era capaz da gente não conseguir colocar na cabeça em cima daqueles serrote, ir para o roçado, plantar, limpar, apanhar feijão e milho, tudo isso, debulhar milho e feijão, armaria eu achava bom demais debulhar essas coisas, é porque hoje não tem mais, porque nunca mais a gente lucrou né. Mais hoje as facilidades são muitas. (Júlia, 34 anos, costureira).

Por fim, Júlia manifestou que a costura tem sido muito importante tanto para a comunidade local, quanto para os municípios vizinhos, principalmente com a seca que tem castigado a população caririzeira nos últimos anos. Ela não sabe o que seria dos moradores de sua localidade se não fosse a costura, uma vez que ela tem se mostrado como uma importante alternativa, tanto para os jovens, quanto para os pais de família, pois tendo interesse, dificilmente ficarão sem trabalho, diferentemente dela quando precisou migrar para o estado vizinho quando não suportou mais viver da agricultura.

Eu acho assim melhorou muito viu, foi muito bom a vinda da costura, porque antigamente a gente vivia somente da agricultura e tá muito difícil viver só de agricultura, se não fosse essas costuras, essas coisas que aparece, como era que a gente ia viver? Me diga? Seria tudo mais difícil, olhe no início eu tive que ir pra lá, porque a gente não tinha nada, era muita gente, família grande, minha família era grande e os mais velhos já tinham saído, mais ainda era muita gente, a gente queria uma roupa não tinha, a gente queria um calçado não tinha, aí eu fui embora morar mais Alda (irmã) ela falou vem que aqui a gente vai se ajeitando, e assim fui e dou graças a Deus, porque assim eu aprendi a trabalhar e hoje não me arrependo não, se fosse pra dizer assim é pra voltar para Santa Cruz eu não quero, faço questão de não voltar, porque lá não é lugar de se viver, mas foi muito proveitosa a minha ida pra lá, porque eu aprendi a trabalhar. Hoje o pessoal não precisa mais de sair, porque você vê que a costura que vem, vem muito as coisas pra quem quer trabalhar, não precisa sair para outra cidade, porque antes a gente saia todo mundo, a gente ia pra fora para arrumar emprego, bem antigamente era rara o Rio, pra São Paulo, depois foi para Santa Cruz muita gente, porque aqui não tinha, a

agricultura dava para comer né, para colocar a comida dentro de casa, e a gente sabe que não é direto as chuvas por aqui né, mas hoje em dia tá muito seco, muito difícil mesmo. Então eu acho que a vinda da costura melhorou e muito a região, a população assim em geral aqui de onde a gente vive né, tem muita gente que vive disso, aqui tem Graças a Deus, não é coisa muito grande, mas tem, ali na Tapera tem muita gente (Congo) e em outros lugares aqui perto, e vai dando pra gente ir mantendo-se. (Júlia, 34 anos, costureira).

A partir dos costureiros e costureiras entrevistados, constatamos o grau de importância dessa atividade como complementariedade de renda para as famílias do município de Coxixola. Os depoimentos desses trabalhadores retomam a discussão sobre pluriatividade e as transformações nas áreas rurais a partir da introdução de atividades econômicas além da agricultura e da pecuária. A informalidade no trabalho revela também alta precariedade e exploração da força de trabalho que, apesar disso, não é interpretado a partir de tais referências nos depoimentos. O enfoque dos entrevistados, ao contrário, volta-se para a oportunidade de renda, mesmo quando ainda os mantém no nível de subsistência ou pouco acima deste, com consumo de alguns bens tecnológicos e serviços a que antes não tinham acesso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta dissertação procurou trazer um quadro da atividade de confecção no Cariri paraibano, a partir do caso de Coxixola, mais especificamente da comunidade Campo do Velho, na área rural do município, onde a introdução dos fabricos e facções tem trazido transformações que deslocam a importância da agricultura e da pecuária.

A relação entre atividade agrícola e de costura é incorporada pela comunidade / cidade através de uma coexistência; e não uma transição. O conceito de pluriatividade se revelou fecundo para compreender como os moradores articulam tais dimensões, preservando sua identidade de trabalhador rural, ressignificado com a incorporação de hábitos urbanos, tais como lazer, escolarização, e acesso à tecnologia, pelo consumo de aparelho celular, internet, computadores e outros, mesmo permanecendo em seus espaços rurais.

A introdução da costura em Coxixola veio ao encontro das necessidades do processo produtivo do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, em Santa Cruz do Capibaribe. A proximidade geográfica com o Cariri, a ampliação da rede rodoviária e a melhoria de acesso à energia elétrica propiciou que partes das peças passassem a ser

costuradas em Coxixola. A redução de custos com a mão de obra e impostos também motivou a migração das atividades de confecção para o Cariri.

Seria necessário ainda debater nessa dissertação o quanto tais transformações podem representar em termos de um “novo padrão de desenvolvimento local”, mas a abrangência e complexidade do tema frente ao tempo para conclusão do trabalho obrigaram que tal preocupação seja investigada em outro momento da trajetória acadêmica.

Por ora, pode-se afirmar que a costura chegou a Coxixola há aproximadamente vinte anos, por meio de pessoas da própria comunidade que migraram para Santa Cruz do Capibaribe em busca de trabalho, e, anos mais tarde, depois de conseguir estabilidade, voltaram à terra natal, criando assim novas oportunidades de trabalho para as famílias, vizinhos e conhecidos.

O trabalho, exercido nesse contexto, revela alta informalidade e precariedade nas relações laborais, perpetuando assim um quadro de pobreza histórico no Cariri, evidenciado nas estatísticas a que tivemos acesso sobre a cidade e nos depoimentos dos moradores na área rural: baixo salário, baixa escolaridade, nenhum direito trabalhista, exploração nas horas extras de trabalho, pouca liberdade para ausentar-se quando necessário, exploração de menores, entre outros.

Não obstante, a percepção da maior parte dos trabalhadores não identifica as relações de trabalho pelos traços da exploração, seja pela interpretação subjetiva de melhoria das condições de vida em relação ao passado, seja pelo mascaramento das relações de trabalho pelos laços de parentesco existentes nos fabricos e facções, ou ainda, se chegam a ter essa percepção preferem não expressá-la.

A pesquisa se conclui com novos questionamentos acerca do tema trabalho e desenvolvimento, e abre uma perspectiva de continuidade: faz sentido falar em formas de resistência à exploração sobre o trabalho na realidade do Cariri / Coxixola? De que forma se manifestaria a resistência dos trabalhadores (as) frente quadro de precariedade persistente na região? Há espaço para que tal resistência se expresse através de ações coletivas? Como seria um modelo de desenvolvimento no Cariri / Coxixola que efetivamente assegurasse o acesso à cidadania em padrões mais elevados de acesso aos direitos sociais atualmente negligenciados aos trabalhadores caririzeiros / coxixolences?

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** -16. ed.- São Paulo: Cortez, 2015.
- ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. **A TERCEIRIZAÇÃO COMO REGRA?** Rev. TST, Brasília, vol. 79, no 4, out/dez 2013.
- BEZERRA, Elaine Maurício; **O trabalho a domicílio das mulheres do Cariri paraibano no Pólo de confecções do Agreste de Pernambuco.** Campina Grande-PB, Agosto de 2011. <http://www.ufcg.edu.br/~ppgcs>.
- Blog Umase Outras <http://umaseoutras.com.br/about/>
- BRAGA, Bruno Mota. **A dinâmica formal-informal do trabalho no território comercial de Toritama: o que está mudando?** Dissertação de mestrado. PPGCS-UFCG, 2014.
- CARMO, Renato Miguel do; **A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação.** Revista Sociologias. Porto Alegre, 2009.
- CARRILLO, Jorge; NOVICK, Marta. **Eslabonamientos productivos globales y actores locales: debates y experiencias en América Latina.** Mexico: Anthropos, 2006.
- CORTÉS, Octavio Martín Maza Díaz. **Balance sobre los estudios laborales en Mexico: atipicidad, trabajo precarios y nuevos modelos de trabajo.** In. CORTÉS, Octavio Martín Maza Díaz; LAZCANO. Dolly Anabel Ortiz (coordinadores). En el mismo barco. Reflexiones sobre la producción, el trabajo y las redes sociales: El caso de Uriangato, Guanajuato. Universidad Autónoma de Aguascalientes: Aguascalientes, 2015.
- DRUCK, Graça. **Flexibilização e Precarização: formas contemporâneas de dominação do trabalho.** Caderno CRH, Salvador, n. 37, p.11-22, jul/dez. 2012.
- DRUCK, Maria da Graça. **Globalização e Reestruturação Produtiva: O Fordismo e/ou Japonismo.** Revista de Economia Política, vol. 19, nº 2 (74) abril-junho/1999.
- DRUCK, Maria da Graça. **TRABALHO, PRECARIZAÇÃO E RESISTÊNCIAS: novos e velhos desafios?** CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 37-57, 2011.
- Espacios.. Vol. 34 (2) 2013. Pág. 12  
<http://www.revistaespacios.com/a13v34n02/13340212.html>

- FANTON, Marcos. **Sujeito, sociedade e linguagem: Uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas**. Civitas, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 529-543, set.-dez. 2011.
- GIDDENS; Anthony, **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, Ramonildes Alves. Dossiê Olivier de Sardan e a Socioantropologia do Desenvolvimento: Normativas da grande propriedade, mercado de produtos agrícolas, gênero e ambientalismo. Raízes – Revista de Ciências Sociais e Econômicas, PPGCS-UFCG: Campina Grande, vol. 35, no 2, - julho / dezembro, 2015.
- LIRA, Sônia Maria. **Muito além das feiras da sulanca: a produção de confecção do Agreste/PE**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.
- LOPES, Juarez Rubens Brandão; **Sociedade Industrial no Brasil**. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais - [www.bvce.org](http://www.bvce.org).
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília Apoio: CNPq <http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>.
- MARX, Karl. **O capital: Crítica da economia política**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MENEZES, Marilda Aparecida. SILVA, Sandra Roberta Alves. **O desejo de autonomia dos jovens e o tratamento familiar**. In. VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- MENEZES, Wilson F., DEDECA, Cláudio S. **A informalidade no mercado de trabalho brasileiro: Rendimentos e principais características**. Nexos Econômicos – CME-UFBA. v. 6, n. 2, dez. 2012.

- MERCURE, Daniel; SPURK, Jan (orgs). **O trabalho na História do Pensamento Ocidental**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.
- MILANÊS, Renata Bezerra. **Costurando roupas e calçados: as linhas que tecem o trabalho e gênero do Agreste Pernambucano**. Dissertação de Mestrado, UFRRJ, 2015.
- MILANÊS, Renata Bezerra. **Costurando roupas e calçados: as linhas que tecem o trabalho e gênero do Agreste Pernambucano**. Dissertação de Mestrado, UFRRJ, 2015.
- NASCIMENTO, Ângela; LIMA, Marcos Costa (orgs.). **O Nordeste brasileiro em questão: uma agenda para reflexão**. Recife: Sudene, 2015.
- NASCIMENTO, Sebastiana Santos do; **Ecoclimatologia do Cariri Paraibano**. Rev. Geogr. Acadêmica v.2 n.3 (xii.2008) 28-41.
- NEVES, Mesias Ramos de Sousa. **Os herdeiros da costura: a lógica reprodutiva da escolarização por meio da necessidade**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFCG-CDSA, 2016.
- OLIVEIRA, Roberto Vêras de; SANTANA, Marco Aurélio. **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- PACHECO, Raúl. **Una crítica al paradigma de desarrollo regional mediante clusters industriales forzados**.
- PEREIRA, Daniel Duarte. **Cariris paraibanos: do sesmarialismo aos assentamentos de reforma agrária. Raízes da desertificação?** Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2008.  
<http://www.recursosnaturais.ufcg.edu.br/downloads/danielduarteperreira.pdf>
- PEREIRA, Eugenio; **Qualificação e Informalidade: os modos de atuação do Senai no Polo de Confeccões de Pernambuco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.
- PIORE, Michael; SABEL, Charles. **The Second Industrial Divide: Possibilities for Prosperit**. New York: Basic Books, 1984.
- SEBRAE. **Estudo econômico do arranjo produtivo Local de Confeccões do Agreste Pernambucano, 2013**. Relatório Final. Disponível em:  
<<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Estudo%20Econo>

mico%20do%20APL%20de%20Confecoes%20do%20Agreste%20-%20%2007%20de%20MAIO%202013%20%20docx.pdf>. Acesso em 27 de Fevereiro de 2016.

SOARES, Lucianna Cristina Teixeira. **A TERCEIRIZAÇÃO SOB A FLEXIBILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO: bases históricas e expressões no corredor de exportação minero-siderúrgico de Carajás/Ponta da Madeira.** IV Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. **O Polo.** ANPOCS. [2000?] Disponível em: <[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=1250&Itemid=353](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1250&Itemid=353)>. Acesso em 27 de Fevereiro de 2016.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. **Para discutir os termos da nova informalidade: sobre sua validade enquanto categoria de análise na era da flexibilização.** In VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; GOMES, Darcilene; TARGINO, Ivan (organizadores). **Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho: das origens às novas abordagens.** João Pessoa: Editora Universitária, 2011.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. SANTANA, Marco de Aurélio (org). **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 15 de outubro 2000.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### Entrevista semiestruturada aplicada aos Costureiros

**NOME:** \_\_\_\_\_

**IDADE:** \_\_\_\_\_ **CIDADE:** \_\_\_\_\_

1. Conte-me um pouco de sua trajetória de vida.
2. O senhor (a) sabe dizer como a confecção de sulanca ou a expansão da costura de Santa Cruz do Capibaribe chegou a esta região?
3. Você sabe informar quem foram os primeiros costureiros de sulanca desta localidade?
4. Há quanto tempo o senhor (a) costura e como esta atividade entrou na sua vida?
5. Qual o seu vínculo com o fabricante dono das confecções que você apronta? Qual o seu tipo de contrato com ele?
6. Qual a sua função na costura?
7. O senhor (a) costura no fabrico ou em casa? Como se da sua rotina com a costura?
8. Na sua casa só você exerce essa atividade, ou há mais pessoas? Quantas?
9. Que importância financeira a costura tem para sua família?
10. Além de costurar, o senhor (a) exerce alguma outra atividade para complementar sua renda? O que?
11. Como era sua vida antes da costura, que atividade o senhor (a) exercia? O que mudou depois?
12. Qual sua relação e da sua família com a agricultura? Mudou alguma coisa depois da costura? O que?
13. (Caso tenha relação com a agricultura). Da para conciliar agricultura e costura? Como?

14. Quantas aproximadamente o senhor (a) dedica a costura por dia?
15. O senhor (a) sente-se explorado de alguma forma pelos fabricantes que o contrataram? Porque?
16. Na sua visão a expansão da costura de Santa Cruz do Capibaribe para a Região do Cariri paraibano provocou impactos? Quais?
17. O que o senhor (a) consegue identificar de positivo e negativo nesta “vinda” da costura para essa região?

## APÊNDICE B

Imagens de um dos fabricos localizado no Sítio Campo do Velho-

Coxixola.

**(Fabricação de casacos)**



Imagens de um dos fabricos localizado no Sítio Campo do Velho-  
Coxixola.  
**(Fabricação de casacos)**



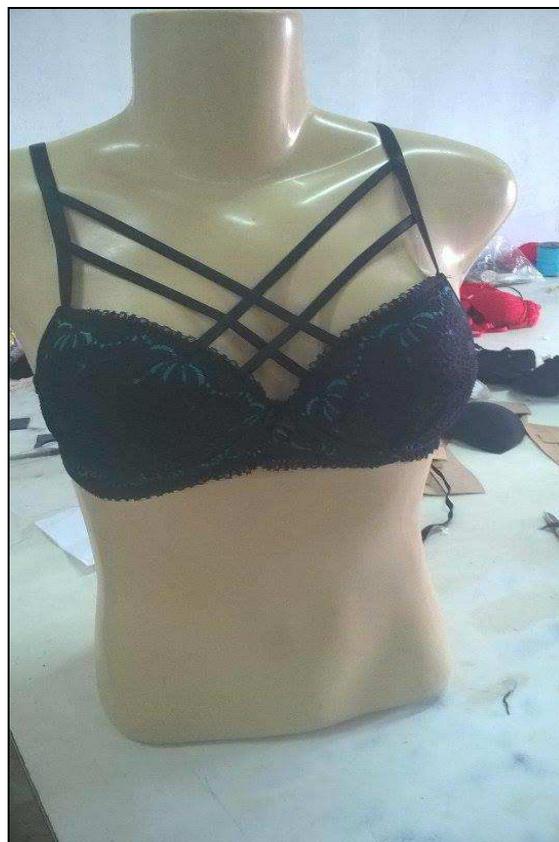
Imagens do fabrico de João Procópio no Sítio Campo do Velho- Coxixola.

**(Fabricação de sutiãs)**



Imagens do fabrico de João Procópio no Sítio Campo do Velho- Coxixola.

**(Fabricação de sutiãs)**



Imagens de uma das facções caseiras localizado no Sítio Campo do Velho-  
Coxixola.

**(Fabricação de calcinhas)**



Imagens de uma das facções caseiras localizado no Sítio Campo do Velho-  
Coxixola.

**(Fabricação de camisas de tecido)**



Imagens de uma das facções caseiras localizado no Sítio Campo do Velho-  
Coxixola.

**(Fabricação de camisas calsinhas)**

